



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA**

JOSENEIDE FIGUEIREDO PINHO DA CONCEIÇÃO

**VAI COMEÇAR O ARRAIÁ, QUE SE APRESENTEM AS
QUADRILHAS!
GRUPOS DE COMPETIÇÃO DO MUNICÍPIO DE SIMÕES FILHO-BAHIA –
ASPECTOS HISTÓRICOS**

Salvador

2024

JOSENEIDE FIGUEIREDO PINHO DA CONCEIÇÃO

**VAI COMEÇAR O ARRAIÁ, QUE SE APRESENTEM AS
QUADRILHAS!
GRUPOS DE COMPETIÇÃO DO MUNICÍPIO DE SIMÕES FILHO-BAHIA –
ASPECTOS HISTÓRICOS**

Dissertação de mestrado apresentada à Linha de Pesquisa 1: Museologia e Desenvolvimento Social do Programa de Pós-Graduação em Museologia - PPGMUSEU, da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia (UFBA) como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Museologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sidélia Santos Teixeira

Salvador

2024

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA), com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

C744 Conceição, Joseneide Figueiredo Pinho da
Vai começar o arraiá que se apresentem as quadrilhas!: Grupos de Competição do Município de Simões Filho-Bahia: Aspectos históricos/ Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição, 2024.
162 f.: il.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Sidélia Santos Teixeira
Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Museologia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2024.

1. Cultura. 2. Patrimônio cultural. 3. Quadrilha (Dança). I. Teixeira, Sidélia Santos. II. Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDD: 069



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA
PPGMUSEU - UFBA
Estrada de São Lázaro, 197, Federação. Salvador/Bahia
CEP 40.210-730 Tel. (71) 3283-6445
ppgmuseu@ufba.br

PPGMUSEU

PARECER PARA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

MESTRANDA: Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: Vai Começar o Arraiá, que se Apresentem as Quadrilhas!: Grupos de Competição do Município de Simões Filho-Bahia – Aspectos Históricos

PARECERISTAS:

- Orientador(a): Profª Drª Sidélia Santos Teixeira (PPGMUSEU/UFU – Presidente)
- Parecerista 1: Dra. Maria Sofia Villas Boas Guimarães (PRODAN/UFBA)
- Parecerista 2: Dr. Carlos Alberto Etchevarne (PPGMUSEU/UFBA – 2º Examinador)

PARECER:

A aluna apresentou a temática de forma satisfatória, atendendo aos requisitos de uma dissertação de mestrado. O texto é importante para o desenvolvimento de futuras pesquisas, contribuindo para o conhecimento científico sobre as quadrilhas e o município de Simões Filho, Bahia, Brasil.

Documento assinado digitalmente
gov.br SIDELIA SANTOS TEIXEIRA
Data: 08/05/2024 15:03:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br MARIA SOFIA VILLAS BOAS GUIMARAES
Data: 15/05/2024 11:53:48-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
gov.br CARLOS ALBERTO ETCHEVARNE
Data: 15/05/2024 19:13:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Defesa de Mestrado realizada na sala da Congregação FFCH/UFBA


Salvador, 30 de abril de 2024.





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA
PPGMUSEU - UFBA
Estrada de São Lázaro, 197, Federação. Salvador/Bahia
CEP 40.210-730 Tel. (71) 3283-6445
ppgmuseu@ufba.br


PPGMUSEU

ATA DE SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MUSEOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. Às 14:30 horas do dia 30 (trinta) de abril de 2024, em sessão pública, realizada na sala da Congregação da FFCH/UFBA, deu-se início a apresentação, defesa e julgamento da dissertação realizada pela mestranda **Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição**, aluna da Linha de Pesquisa 1 do Mestrado em Museologia – PPGMuseu, desta Universidade. O trabalho, intitulado: *“Vai Começar o Arraiá, que se Apresentem as Quadrilhas!: Grupos de Competição do Município de Simões Filho-Bahia – Aspectos Históricos”*, foi avaliado pela banca composta pela Prof^a Dr^a Sidélia Santos Teixeira (PPGMUSEU/UFBA – Presidente), pela Professora Dra. Maria Sofia Villas Boas Guimarães (PRODAN-PROFISSIONAL/UFBA– 1^a Examinadora) e pelo professor Dr. Carlos Alberto Etchevarne (PPGMUSEU/UFBA – 2^o Examinador). Após a abertura dos trabalhos, a mestranda deu início a apresentação, tendo trinta minutos para a sua explanação. Em seguida, foram iniciadas as arguições dos membros da banca, em tempo estipulado de vinte minutos para cada um, com o mesmo tempo destinado para as respostas da mestranda. Após esta etapa da sessão, a banca reuniu-se em separado para deliberar sobre o resultado da avaliação, divulgando, em seguida, a sua deliberação para a mestranda e público presente, indicando a **APROVAÇÃO** da mestranda. Ao final da sessão, foi lavrada esta ata, que após leitura, será assinada pela mestranda e pelos membros da banca e demais presentes. Salvador, 30 de abril de 2024.

Documento assinado digitalmente
 SIDELIA SANTOS TEIXEIRA
Data: 08/05/2024 15:03:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 MARIA SOFIA VILLAS BOAS GUIMARAES
Data: 15/05/2024 11:52:00-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 CARLOS ALBERTO ETCHEVARNE
Data: 15/05/2024 19:13:35-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Documento assinado digitalmente
 JOSENEIDE FIGUEIREDO PINHO DA CONCEICAO
Data: 03/06/2024 15:20:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Dedico este trabalho ao povo nordestino, que tão bem faz a cultura junina acontecer. Dedico também a todos os quadrilheiros e brincantes de quadrilhas juninas, em especial, àqueles que contribuíram para a construção do movimento junino na cidade de Simões Filho!

AGRADECIMENTOS

Acreditava que os agradecimentos seriam a parte mais fácil da escrita da dissertação, e sim, realmente foi a etapa mais fácil, porém, neste momento, percebi o quanto tantas pessoas foram muito importantes para que este projeto se concretizasse; quão seria difícil prosseguir e conseguir sem a contribuição, compreensão e disponibilidade dispensadas por cada um/uma dessas pessoas. Por isso, não poderia nem pensar em esquecer de agradecer a todos aqueles que fizeram juntos comigo esta pesquisa acontecer, tanto de forma direta como de forma indireta. Então, agora agradeço:

Primeiramente a DEUS. Acredito que sem ele nada seria possível...

Segundo a mim mesma, por ter tido a coragem de enfrentar o desafio de realizar este mestrado acadêmico, apesar da minha frágil experiência como pesquisadora, pois isso era algo que ainda me fugia, ainda não havia escrito artigos, ou participado de projetos de pesquisas acadêmicas. Durante a graduação, apenas realizei diversos resumos e uma pesquisa bem rasa para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Em especial a Mariana Ribeiro, a pessoa que me orientou (corrigiu o anteprojeto) e me incentivou a realizar o mestrado, pois acreditou no potencial do tema desde a nossa primeira conversa, e me fez crer que **era possível sim!**

À Universidade Federal da Bahia, instituição renomada da qual tenho muito orgulho em fazer parte, onde tive a oportunidade de realizar a graduação em Arquivologia, onde pude estagiar e onde hoje sou servidora e estudante de mestrado.

Ao Programa de Pós-Graduação em Museologia, o qual aprendi a compreender, amar e respeitar, e que me ajudou a aprender: as complexidades sociais culturais vividas pelas pessoas e seu coletivo; a pensar nas questões sociais e socioculturais, sobre o patrimônio cultural e sobre os diferentes aspectos de museus.

À minha orientadora Prof.^a Dr.^a Sidélia Santos Teixeira, por ter acreditado em mim e no meu tema de pesquisa, pela paciência, resiliência, respeito, por ter me dado a mão e por juntas seguirmos dando os passos necessários para o andamento da pesquisa.

À banca de seleção, qualificação e defesa, aos professores doutores que se dispuseram e se debruçaram para avaliar e dar qualidade ao texto, nas pessoas de: Maria das Graças de Souza Teixeira, Marcelo Nascimento Bernardo da Cunha, Carlos

Alberto Etchevarne; Maria Sofia Villas-Boas Guimarães e Roselene Cássia de Alencar Silva. E aos demais professores doutores, aqueles que contribuíram de forma direta com meu aprendizado: José Cláudio Alves de Oliveira, Rita de Cássia Maia da Silva, Suely Moraes Serávoló e Joseania Miranda Freitas.

À Coordenação do PPGMUSEU, na pessoa de Elizangela Pinto, que sempre colaborou com total eficiência nas informações, resoluções de dúvidas e esclarecimentos, tão necessárias aos acadêmicos.

Aos familiares, em geral, e, em especial, àqueles que compreenderam e respeitaram minhas inúmeras ausências, estando ali sem estar, ao mesmo tempo. Ao meu cônjuge Marcio Pinho, ao meu filho Wesley Figueiredo, à minha nora Verônica Sodré, à minha mãe Evanilda Figueiredo, ao meu pai João Figueiredo e aos demais parentes, amigos e colegas.

À Coordenação de Arquivos e Documentação (CAD) setor vinculado a Pró-Reitoria de Administração (PROAD) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), onde atuo como servidora pública no cargo administrativo de técnico em arquivo. Em especial às chefias, nas pessoas de Antônio Guedes e Nancy Moreira, e a todos os colegas que compreenderam meu afastamento do serviço e que torceram para o meu sucesso. Em especial a Erica Borges, Eulina Conceição, Laila Ecard, Leandro Lima, Nelson Neto, Patrícia Salles, estes foram de fundamental importância para meu desempenho no projeto de pesquisa.

Aos fundadores e representantes dos grupos de quadrilhas juninas simõesfilhense: Almir Teles, Carla Cavalcante, José Rodrigues Ferreira (Azaza), Lindivaldo Alves Campos, Rosa Maria Cavalcante, Rose Mary Coelho S. da Silva, Valtércio Matias Seixas e Valter Santos Mangabeira.

Aos colegas e vizinhos, Gicélia Santos Melhor e Ednaldo Costa Damasceno, pois ambos me direcionaram e fizeram uma mediação com os entrevistados.

Aos órgãos públicos: Arquivo Público Municipal de Simões Filho, na pessoa de Telma (funcionária do setor de arquivo), e a Biblioteca Pública Municipal Professor Cícero Simões da Silva Freitas, nas pessoas de Guanaciara Gonçalves do Carmo (coordenadora do setor de biblioteca) e Cláudia Lopes (historiadora), ambas também me direcionaram a alguns presidentes de grupos de quadrilhas.

À Biblioteca Pública do Estado da Bahia, na pessoa de Arlete Sodré (coordenadora do setor de periódicos).

A todos os colegas de turma (2021.1) que se mantiveram conectados comigo, mesmo no formato remoto. Desde o início do curso, mantivemos contato em um grupo de *WhatsApp* onde uns colaboravam com o outro, como podiam, para o desenvolvimento da pesquisa, até mesmo para dar apoio, levantar a autoestima, o que tornou a caminhada mais suave, houve muita empatia neste espaço, nas pessoas de: Aqueline Sieg, Camila Bionde, Camila Guerreiro, Diego Nascimento, Edmara Maurício, Jairo Costa, Jaison Conceição, Lais Lima, Lais Moura, Lorena Ribeiro...

Agradeço especialmente à colega Adiane Candeias, da turma de 2020. Seu apoio e contribuições, feitos com parcimônia, foram muito significativos em todo o percurso do mestrado. Agradeço os empréstimos e indicações de materiais bibliográficos, bem como o suporte nos momentos de “desespero” e ansiedade, quando ficava meio perdida, mergulhada de dúvidas...

*Anarriê, vou te mostrar.
Ao som dessa quadrilha,
O Arraiá vai começar.
Homens prum lado,
Mulher pro outro...
(Forró do Cia, 1999)¹*

¹ Trecho da música da quadrilha junina simõesfilhense Forró do Cia, criada em 1999, para apresentação do grupo nesse ano (Lembranças da Autora).

RESUMO

Esta dissertação de mestrado dispõe do título *Vai Começar o Arraiá Que se Apresentem as Quadrilhas!: Grupos de Competição do Município de Simões Filho-Bahia - Aspectos históricos*. Este trabalho analisa a história e importância das antigas quadrilhas juninas do município de Simões Filho. Entender como ocorreu a evolução e compreender como se deu a inserção desses grupos nos eventos formais de festivais e campeonatos de quadrilhas juninas são os objetivos específicos desta pesquisa. Para tanto, utilizamos uma abordagem qualitativa, exploratória, descritiva e documental. Primeiramente, fizemos uso da revisão bibliográfica e, posteriormente, realizamos algumas entrevistas. Além disso, também foram consultadas e consideradas matérias publicadas em jornais de grande circulação da Bahia, bem como foram realizadas visitas a arquivos e pesquisas em sites. A análise dos dados, na qual aplicamos a técnica de análise de conteúdo, revelou que, entre as décadas de 1980 e 1990, o município de Simões Filho dispunha de, pelo menos, 17 grupos de quadrilhas juninas nas categorias adulto e infantil. A pesquisa apontou também para a evolução dos grupos que se deu da seguinte forma: no início, eram eles formados de forma espontânea, nas ruas e praças dos bairros, criados por membros das próprias comunidades; depois migraram para os ambientes escolares; por fim, esses grupos inseriram-se nos campeonatos e festivais de quadrilhas juninas, eventos formais que aconteciam nesse período. Após essa fase, os grupos foram se desestimulando e pararam com as apresentações.

Palavras-Chave: Cultura. Patrimônio Cultural Imaterial. Quadrilha Junina. Fabricação Cultural.

ABSTRACT

This master's thesis is entitled *Vai Começar o Arraiá Que se Apresentem as Quadrilhas!: Grupos de Competição do Município de Simões Filho-Bahia - Aspectos históricos*. This work analyzes the history and significance of the traditional June quadrille dance groups in the municipality of Simões Filho. The specific objectives of this research are to understand the evolution and the integration of these groups into formal events such as festivals and quadrille dance championships. To achieve these goals, a qualitative, exploratory, descriptive, and documentary approach was employed. Initially, a literature review was conducted, followed by interviews. Additionally, articles from widely circulated newspapers in Bahia were consulted and considered, and visits to archives and research on websites were carried out. The data analysis, utilizing content analysis techniques, revealed that during the 1980s and 1990s, Simões Filho had at least 17 quadrille dance groups in both adult and children's categories. The research also highlighted the evolution of these groups, starting with spontaneous formations in the streets and squares of neighborhoods, created by community members. Subsequently, they transitioned to school environments, eventually integrating into formal quadrille dance championships and festivals that took place during that period. After this phase, the groups gradually lost motivation and ceased their performances.

Keywords: Culture. Intangible Cultural Heritage. June Quadrille Dance. Cultural Production.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

APMSF	Arquivo Público Municipal de Simões Filho
BPEB	Biblioteca Pública do Estado da Bahia
BPMPCSSF	Biblioteca Pública Mun. Professor Cícero Simões da Silva Freitas
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CESA	Centro Educacional Santo Antônio
CIA	Centro Industrial de Aratu
FFCH	Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
IBCT	Instituto Brasileiro de Informação em Ciências e Tecnologia
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas
ICB	Instituto de Cegos da Bahia
IPAC	Instituto do Patrimônio Artístico Cultural
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
OSID	Obras Sociais Irmã Dulce
PPGMUSEU	Programa de Pós-Graduação em Museologia
RMS	Região Metropolitana de Salvador
RI/UFBA	Repositório Institucional da Universidade Federal da Bahia
SCEB	Secretaria de Cultura do Estado da Bahia
SESI	Serviço Social da Indústria
SEST SENAT	Serviço Social do Transporte/Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Grupo Forró do CIA (1999)	36
Figura 2 - Presidentes/representantes dos grupos juninos simõesfilhenses	40
Figura 3 - Categorias temáticas.....	45
Figura 4 - Altar de Santo Antônio	49
Figura 5 - Quadrilha Junina: uma dança palaciana	53
Figura 6 - Luiz Gonzaga “O Rei do Baião”	55
Figura 7 - Marinês a "Rainha do Xaxado”.....	58
Figura 8 - Lampião: divulgador do xaxado no Alto Sertão	59
Figura 9 - Passos tradicionais das quadrilhas juninas.....	60
Figura 10 - Passo Passeio na Roça	61
Figura 11 - Grupo Em Cima da Hora (1990).....	64
Figura 12 - Quadrilha junina: do antigo ao atual.....	68
Figura 13 - Mapa da Região Metropolitana de Salvador (RMS).....	69
Figura 14 - Ruínas da Igreja São Miguel, Baía de Aratu, Cachoeira do Lobão e Tanque do Coronel.....	72
Figura 15 - Dorjão e Sua Gente.....	75
Figura 16 - Evento Junino no Conselho de Moradores do CIA I.....	78
Figura 17 - Balão Mágico SESI do CIA I (1991)	79
Figura 18 - Forró do CIA no SESI do CIA I (1997)	80
Figura 19 - Concurso de quadrilhas juninas SESI do CIA I (1991).....	81
Figura 20 - Bem Me Quer no Centro de Simões Filho (1984)	82
Figura 21 - Bem Me Quer no Largo do CIA II (1984).....	83
Figura 22 - Bem Me Quer no Largo do CIA II (1989).....	83
Figura 23 - Bem Me Quer no Seleto Social Club (1994)	84
Figura 24 - Bem Me Quer (1985).....	91
Figura 25 - Balão Mágico (1984)	95
Figura 26 - Em Cima da Hora: O Último Dia do Rei do Cangaço (1989).....	96
Figura 27 - Em Cima da Hora: Anos Dourados (1988).....	97
Figura 28 - Em Cima da Hora: Forró Exportação (1991).....	98
Figura 29 - Forró Góis (1998).....	100
Figura 30 - Tempero Junino (1989).....	101
Figura 31 - Xodózinho: “Arraiá do Galinho” (1986).....	103
Figura 32 - Em Ciminha da Hora: Associação Obras Sociais Irmã Dulce	106
Figura 33 - Grupo Cochilinho.....	107
Figura 34 - Maiores Concursos do Estado da Bahia (1980 - 1990).....	111
Figura 35 - Xodózinho: Ao Pé da Fogueira (1989)	115
Figura 36 - Xodózinho: Apresentação no Ao Pé da Fogueira (1989)	115
Figura 37 - Balão Mágico: Ao Pé da Fogueira (1997)	115
Figura 38 - Ao Pé da Fogueira: SESI do Retiro, Salvador (1991)	116
Figura 39 - Forró do Cia: As 20 Melhores do Estado da Bahia	117
Figura 40 - Em Cima da Hora: O Último Dia do Rei do Cangaço (1989).....	120
Figura 41 - Vem Que Tem Forró Quentão.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Quadrilhas Juninas Simõesfilhenses	38
Quadro 2 - Presidentes/representantes entrevistados	39
Quadro 3 - Quadrilhas juninas simõesfilhense x “Arraiá da Capitá”	118

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 CULTURA, PATRIMÔNIO, PATRIMÔNIO IMATERIAL, FABRICAÇÃO CULTURAL.....	22
2.1 CAMPO DA PESQUISA, CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES E FONTES CONSULTADAS.....	35
3 FESTAS E QUADRILHAS JUNINAS	46
3.1 ORIGEM DAS QUADRILHAS JUNINAS	52
3.1.1 Quadrilhas juninas: algumas peculiaridades	54
3.1.2 Quadrilhas juninas: do tradicional ao atual	61
4 QUADRILHAS JUNINAS: UMA TRADIÇÃO NA CIDADE DE SIMÕES FILHO	69
4.1 HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS QUADRILHAS JUNINAS DO MUNICÍPIO DE SIMÕES FILHO.....	87
4.2 OS GRUPOS SIMÕESFILHENSES NOS CONCURSOS E FESTIVAIS FORMAIS DE QUADRILHAS JUNINAS	110
4.2.1 Quadrilhas juninas simõesfilhense no Concurso Ao Pé da Fogueira.	114
4.2.2 Quadrilhas juninas simõesfilhense no Concurso Arraiá da Capitá.....	116
4.2.3 Quadrilhas juninas simõesfilhense no concurso Arraiá do Galinho... 	119
4.3 RELEVÂNCIA E DECLÍNIO DAS QUADRILHAS JUNINAS SIMÕESFILHENSES	121
4.3.1 Quadrilhas juninas simõesfilhense: significâncias	121
4.3.2 Extinção das quadrilhas juninas do Município de Simões Filho	126
4.3.3 Quadrilhas Juninas: um desejo ainda presente	128
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	132
REFERÊNCIAS.....	134
APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas	148
APÊNDICE B - Termos de Autorização e Livre Consentimento	149
APÊNDICE C - Resumo de fotos cedidas.....	156
APÊNDICE D - Relevância das quadrilhas juninas para a história do município--	157
APÊNDICE E - Os grupos juninos cessam as atividades	159
ANEXO A - Regulamento das Quadrilhas Juninas (1989).....	162

1 INTRODUÇÃO

Iniciarei minhas considerações sobre a decisão de realizar a pós-graduação no Programa de Museologia da Universidade Federal da Bahia (PPGMUSEU/UFBA) e a escolha do tema sobre quadrilhas juninas. Uma das razões para escolher o PPGMUSEU foi a minha formação em arquivologia, pois esta área também se situa no campo da preservação da memória e disseminação da informação. Pensar nessa questão sempre fora algo que me inquietava, tanto no sentido profissional como no pessoal. Nesse sentido, minha preocupação era escrever algo que, de alguma forma, também pudesse contribuir com a memória e história da cidade da qual faço parte, Simões Filho, e para a sociedade de modo geral. Isso tornou-se a minha principal intenção de pesquisa. Trabalhar com um tema ligado à minha realidade nordestina e que faz sentido para mim e me realiza como cidadã simõesfilhense era uma preocupação frequente. A busca por mais conhecimentos e por crescimento profissional trouxe-me para a Museologia e possibilitou-me vislumbrar novos horizontes no campo da memória, da preservação e do desenvolvimento social.

Do mesmo modo, como servidora pública, a busca por melhores condições salariais foi também uma das minhas motivações, já que, a Pós-Graduação é uma das principais formas de progressão oferecidas ao servidor, onde este tem a possibilidade de se qualificar para que possa oferecer um melhor serviço para o Estado.

Com relação ao tema da presente pesquisa, registro que um dos principais fatores que contribuíram para essa escolha foi ter sido brincante de um dos grupos de quadrilhas juninas no município de Simões Filho – Forró do Cia, um dos últimos grupos formais, em atividade, na época. Saliento que, atualmente, não há grupos juninos em atividade na cidade.

O termo brincante, bastante utilizado recentemente, ora se confunde, ora se amalgama com o termo quadrilheiro. A Lei n. 12.390, instituída em 27 de junho de 2011, define: “considera-se Quadrilheiro Junino o profissional que utiliza meio de expressão artística cantada, dançada ou falada transmitido por tradição popular nas festas juninas” (Brasil, 2011). Para Eduardo Di Deus (2014, p. 76), brincante pode ser definido como:

Aquele que participa das quadrilhas juninas, termo que se confunde em alguns momentos com o de quadrilheiro. Parece-me que o primeiro termo remete aos participantes mais diretamente ativos nas atividades da dança e encenação, ao passo em que o segundo emerge como uma categoria aplicada a pessoas que não mais participam ativamente dos grupos, mas continuam como parceiros e apoiadores.

Quando o autor acima faz essa relação entre brincante e quadrilheiro, a mim soa interessante, tendo a concordar, pois, brincante é aquele que está totalmente envolvido, participa de forma ativa dos grupos de quadrilha. Atualmente, sinto-me realmente uma quadrilheira, ou seja, estou ativa, porém, de forma parcial, acompanho, admiro, me sinto do meio, mas não atuo de forma direta. Falar do grupo Forró do Cia é algo muito especial para mim. É o que proporcionou o desenvolvimento dessa pesquisa.

Os momentos em que estive com o grupo, apesar de ter sido por pouco tempo, foram muito intensos. Ter sido uma brincante de quadrilha junina foi umas das melhores experiências que tive na minha juventude ou, quem sabe, na vida. Além disso, ter participado de uma quadrilha junina me faz sentir pertencente à história de Simões Filho, e isso me motivou a seguir com a pesquisa. Pensei, como seria interessante conhecer melhor a história das quadrilhas juninas simõesfilhenses, com mais profundidade, através das pessoas que colaboraram para a criação e o desenvolvimento destas. Nesse sentido, estamos de acordo com Pedro Manuel Patacho (2013, p. 26) quando afirma que: “[...] o interesse por determinadas correntes teóricas, [...] não são processos neutros, mas culturalmente fundados na pessoa do investigador, na sua história, no seu percurso de vida, nas suas escolhas, em suma, na sua autobiografia”.

A definição do tema sobreveio durante a pandemia². Nesse período, fiz uma reflexão acerca da ausência das quadrilhas juninas na cidade de Simões Filho e senti falta de informações sobre elas.

Natural de Salvador, soteropolitana, mudei-me para o município de Simões Filho³ com minha família quando tinha 11 anos de idade. Aos 16, tive meu primeiro contato com as quadrilhas juninas neste mesmo município. Simões Filho encontra-se no território da capital baiana, numa área denominada Região Metropolitana de

² Período em que o país e boa parte do mundo enfrentou uma grande pandemia, a covid-19, causada por um vírus denominado coronavírus.

³ Mais detalhes sobre a cidade poderão ser consultados na seção 4.

Salvador (RMS). O município, antes denominado Água Comprida, “[...] fica situado entre Matoim⁴ e Mapele⁵. Este nome foi dado pelo fato das águas da Baía de Todos os Santos penetrarem estreita e longamente na região” (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 15). Segundo Hora (2005, p. 21), Simões Filho também já foi chamada de “Cotegipe: Caminho das Cotias”, e, conforme o mesmo autor, “[...] tem sua essência assentada no braço do mar, (também, denominada no século XVII por Rio), pelo fato de adentrar a terra sendo assim batizada pelo Holandês em 1627” (Hora, 2005, p. 26). Herança colonialista portuguesa, a região beneficiou-se do cultivo da cana-de-açúcar entre os séculos XVI e XVII, tendo como um dos principais engenhos o de Bois de Moenda. Emancipou-se⁶ pela Lei da Libertação, pelos esforços de um grupo de moradores quando foi criada a Lei nº. 1.538, de 7 de novembro de 1961.

O nome atual da cidade fora dado em homenagem ao jornalista Ernesto Simões da Silva Filho. Conforme Lopes (2017, p. 3), “nos anos de 1961 esse distrito foi emancipado e em homenagem ao presidente e um dos fundadores do jornal A Tarde⁷, Ernesto Simões Filho [...]”.

Simões Filho é uma cidade histórica cujo território era ocupado pelos índios de origem Tupinambá. Segundo Antônio Apolinário da Hora, pioneiro e um dos cinco emancipadores da cidade, o município foi habitado por diversificadas etnias: “das grandes massas dos Tapuia, nos primórdios do Pindorama, e bem antes da colonização, pelas etnias de linhagem dos Tupi, com a predominância dos Tupinambá” (Hora, 2005, p. 19). A região de Simões Filho, à época chamado de Cotegipe, pertencia à Sesmaria de Paripe⁸.

⁴ A origem do município de Candeias data de meados do século XVI, a partir das terras conhecidas como Matoim, sesmaria importante naquele período, pois abrigava os engenhos de Caboto e Freguesia, oriundos das terras dos engenhos Pitanga e da Freguesia de Nossa Senhora de Encarnação do Passé.

⁵ Distrito de Mapele, zona rural de Simões Filho.

⁶ Principais emancipadores e apoiadores na emancipação de Simões Filho: Padre Luiz Palmeira, coronel Wasso Aranha, vereador Paulo Moreira, vice-governador Dr. Orlando Mosco, secretário de estado Manso Cabral, e municipalistas: Walter José Tolentino Álvares, Altamirando de Araújo Ramos, Hermínio Manoel Bonifácio e Noêmia Meireles Ramos (Hora, 2005, p. 89).

Emancipadores: Walter José Tolentino Álvares, Antônio Apolinário da Hora, Irênio Chaves, Paulo Moreira, Altamirando Araújo Ramos, Hermínio Manoel Bonifácio e João Oliveira Campos (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p.17).

⁷ Jornal de grande referência na Bahia, fundado por Ernesto Simões Filho, começou a circular em 15 de outubro de 1912.

⁸ Atualmente, bairro pertencente ao subúrbio da capital baiana. Ver: NOBRE, M. L. Simões Filho - Bahia – Brasil: A história da cidade - uma história comprida - Independência da Bahia. **Youtube**, 25 jul. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GNESYdzry-g>. Acesso em: 10 out. 2021.

Assim, sendo moradora da cidade de Simões Filho, escolhi submeter esse projeto de pesquisa à Universidade Federal da Bahia (UFBA), junto ao Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU), especificamente, à Linha de Pesquisa 1 – Museologia e Desenvolvimento Social, porque é um programa que permite abordagens sobre cultura, patrimônio, preservação, a construção de coleções de naturezas diversas e a análise da relação do homem com o bem cultural. Ao tomar conhecimento das linhas de pesquisa do PPGMUSEU, percebi que falar de quadrilha junina é falar de cultura, de patrimônio e do patrimônio cultural imaterial e que este programa poderia contribuir para a ampliação e discussão sobre o tema. Além disso, trata-se também de uma área que contempla estudos sobre a memória, temática condizente com a minha primeira formação acadêmica. É importante salientar que, durante a realização dos componentes curriculares, a troca de conhecimentos contribuiu com a identificação de referências de relevância para a construção desta pesquisa.

Nesse sentido, todos os componentes curriculares cursados ao longo do mestrado – como por exemplo Teoria Museológica, Pesquisa Museológica, Colecionismo e Museus, Patrimônio Cultural e Comunicação, Patrimônio e Poder, Tirocínio Docente, além das atividades complementares – formaram um todo que viabilizou uma melhor compreensão do meu objeto de estudo.

Desenvolver esta dissertação de mestrado é uma possibilidade de auxiliar na reflexão sobre as quadrilhas juninas como patrimônio cultural imaterial e, dessa forma, colaborar com a sua salvaguarda e preservação, nesse sentido, faz-se imprescindível desvelar quem foram os fundadores destes grupos que idealizaram, construíram e contribuíram para a realização desta cultura na cidade. Além disso, esta pesquisa objetiva disponibilizar e disseminar essas informações ao município bem como a estudantes, pesquisadores, historiadores e curiosos de modo geral. Assim, esta pesquisa poderá servir de base para novos estudos sobre a presente temática.

Ressalto a importância deste estudo para o Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU/UFBA) por permitir abordar um tema de pesquisa, que, até então, ainda não tinha sido desenvolvido no programa, o que pode trazer novas contribuições para a Academia, pois possibilita abranger novos olhares e novas pesquisas sobre o patrimônio cultural imaterial. Além disso, destaco também sua relevância para o município de Simões Filho, pois esta é a primeira dissertação que versa sobre quadrilhas juninas do município.

Portanto, o objetivo geral deste estudo é analisar a história das quadrilhas juninas do município de Simões Filho. A partir disso, pode-se afirmar que dentre os objetivos específicos deste trabalho estão: investigar qual a importância desses grupos para o município em questão e compreender como se deu sua inserção nos eventos formais de festivais e campeonatos de quadrilhas juninas.

O problema da pesquisa busca compreender o que levou estes grupos juninos a descontinuarem com suas atividades. Como hipótese, partimos da ideia de que a participação dos grupos juninos de Simões Filho nas apresentações de concursos e festivais de quadrilhas juninas formais podem ter contribuído e/ou desestimulado a realização das quadrilhas espontâneas.

Para o desenvolvimento e análise metodológicos, adotamos os seguintes autores: Laurence Bardin (2011), Arilda Schmidt Godoy (1995; 2005), Maria Cecília de Souza Minayo (2009), Antônio Carlos Gil (2002; 2008) etc. Sobre quadrilhas juninas, destacam-se as publicações de Luciana de Oliveira Chianca⁹ (2001; 2007; 2018), Eduardo Di Deus (2014), Rosa Maria Zamith (2007; 2020), Hugo Menezes Neto (2008), Ermice Mello (2006), Soiane Gomes de Paula (2020), dentre outros. No campo do patrimônio e patrimônio imaterial, pode-se elencar o trabalho da autora Vera Dodebei (2005), de Pedro Paulo Funari e Sandra Pelegrini (2013) e Pedro Funari e Jaime Prinsky (2002) etc. No campo da cultura, adotamos como referências o sociólogo e antropólogo Luís da Câmara Cascudo (2008; 2012), Lúcia Machado Barbosa *et al.* (2002), Terry Eagleton (2011), Teixeira Coelho (2001; 2012). Sobre fabricação cultural adotamos os autores: Denys Cuhe (2002), Sidélia Santos Teixeira (2014) e Teixeira Coelho (1992; 1997). E, por fim, sobre o município de Simões Filho, utilizamos as obras dos seguintes autores: Antônio Apolinário da Hora (2005), Ana Cláudia Lopes (2017), Erivalda de Oliveira e Alvai Ferreira (2013) e uma obra publicada pela Prefeitura Municipal de Simões Filho através da Secretaria de Educação e Cultura (1992).

Sinalizo que algumas lembranças das experiências que vivi dos festejos juninos e de quando fui brincante estão presentes ao longo da construção deste trabalho, com o intuito de trazer algumas contribuições, reflexões e ligações com a presente pesquisa. Essas lembranças estão destacadas no texto, por meio do uso do itálico e

⁹ Essa autora pesquisa a cultura popular e o patrimônio cultural com ênfase nas dinâmicas urbanas da sociedade brasileira contemporânea, buscando suas articulações com os territórios rurais e com a cultura globalizada.

reco à direita, identificadas com o sobrenome da autora e ano de registro dessas memórias. Além delas, também estão presente no texto algumas falas dos entrevistados¹⁰, estas encontram-se destacadas com a mesma formatação supracitada, contudo estão identificadas com o sobrenome ou nome dos entrevistados e ano de realização da entrevista.

Para o desenvolvimento e construção deste trabalho fizemos uma revisão bibliográfica considerando autores que trabalham com a temática. Outrossim, utilizamos também outras fontes de informações, a saber: anais, dissertações, teses, vídeos, *e-book*, reportagens, notícias divulgadas na internet e em jornais¹¹, folders, fotografias, *podcasts*¹², letras de músicas e entrevistas.

Salientamos que o uso de entrevistas foi de fundamental importância no processo de construção desta dissertação. Não se pretende nesta pesquisa trazer a biografia ou a autobiografia do autor, nem dos entrevistados tampouco de nenhum dos “personagens” dos grupos, mas desvelar suas experiências quando em contato com as quadrilhas juninas. Para tanto, escolhemos utilizar algumas categorias temáticas, que estão explicitadas pelas seguintes questões norteadoras: quais foram os principais grupos juninos do município? Em quais eventos juninos da cidade esses grupos se apresentaram? Como se deu a evolução desses grupos? Como estes grupos se inseriram nos concursos e campeonatos formais de quadrilhas juninas? De que forma era realizada a manutenção dos grupos? Quem foram seus apoiadores? Qual a relevância das quadrilhas juninas? Como e por que esses grupos se enfraqueceram?

Por fim, faz-se importante explicitar que este texto está organizado em cinco seções. A primeira delas trata-se da introdução, onde são apresentados a pesquisa, o tema, as justificativas, os objetivos e a estrutura do trabalho. Na segunda seção, apresentamos definições e conceitos teóricos de cultura, patrimônio, patrimônio cultural imaterial e fabricação cultural. No final dessa seção, apresentamos também o percurso metodológico percorrido para realização do trabalho: as técnicas, os procedimentos, os métodos e o campo da pesquisa. Na terceira parte, apresentamos

¹⁰ Mais detalhes sobre os entrevistados estão presentes na seção 3.1.3 - Campo da Pesquisa.

¹¹ Dados sobre o jornal pesquisado serão detalhados na subseção 3.2 - Técnicas, métodos e procedimentos.

¹² *Podcast* é um conteúdo em áudio, disponibilizado através de um arquivo ou *streaming*, que conta com a vantagem de ser escutado sob demanda, quando o usuário desejar. Pode ser ouvido em diversos dispositivos, o que ajudou na sua popularização, e costuma abordar um assunto específico para construir uma audiência fiel.

conceitos e definições teóricas a respeito das festas e quadrilhas juninas. Na quarta seção, apresentamos os resultados da pesquisa, com base nos dados coletados. Nesse capítulo, busca-se responder aos objetivos da pesquisa e vincular os assuntos discutidos e explanados na revisão teórica. Encerra-se com a quinta seção com a explanação das considerações finais da pesquisa. Posteriormente, seguem os elementos pós-textuais, a saber: referências bibliográficas consultadas, apêndices e anexos.

2 CULTURA, PATRIMÔNIO, PATRIMÔNIO IMATERIAL, FABRICAÇÃO CULTURAL

No presente capítulo, discutiremos algumas reflexões sobre os conceitos de cultura, patrimônio e patrimônio imaterial. Portanto, iniciemos pela definição de cultura. Esse termo configura-se a partir de várias vertentes. Pode ser identificado com a ideia de lavoura, atividade intelectual, trabalhos artísticos e intelectuais, modo de vida etc. (Cuche, 2002). Para o britânico Terry Eagleton (2011, p. 90), “um de seus significados originais é ‘lavoura’ ou ‘cultivo agrícola’, o cultivo do que cresce naturalmente [...], é derivada de trabalho e agricultura, colheita e cultivo”. Cultura também pode ser considerada como a forma de viver de uma dada comunidade ou o processo de formação da mente do homem, bem como, do espírito, percebida na expressão “pessoa de cultura”, pessoa desenvolvida em seu aspecto mental e espiritual. Porém, a cultura não se apresenta somente no formato espiritual ou abstrato. Nesse sentido, o termo é capaz de contemplar deferentes formatos ou manifestações.

Assim, trata-se de uma palavra de origem latina, derivada do termo *colere* e pode significar adorar, cultivar, habitar, proteger etc. O termo cultura inclui também outras representações intelectuais, a saber: ciência, a filosofia, a erudição, mas também representações inventivas como a música, literatura, pintura etc. Ela representa trabalhos artísticos e/ou intelectuais. Por sua vez, para o autor Gilberto Velho (1980, p. 34), cultura é “[...] um fenômeno que é produzido pelos homens nas suas relações sociais”.

Novas significações e linguagens são acrescentadas ao termo cultura por Teixeira Coelho (2012, p. 114-115), como, por exemplo: “cultura popular, a moda, o comportamento do homem, o consumo, estar junto: nas celebrações, festas comemorações”. O universo do homem é representado de forma integrada com a sua cultura, nada acontece de forma unicamente natural, mesmo as funções e atividades mais simples por ele realizadas, como o sono, a fome, tudo isso advém da cultura. Logo, a cultura é algo necessário ao homem (Cuche, 2002).

A cultura provém da criação de ideias, das atividades formadas, criadas e partilhadas em conjunto, por indivíduos ou grupos de pessoas, que provenham de uma tradição reconhecida como algo importante e respondam às expectativas da

comunidade. Esses valores e normas podem ser transmitidos tanto pela oralidade, através de repetições, como de outras maneiras como por meio da arte, da literatura, da dança, da música, e de várias outras formas.

A cultura tem a capacidade de se transformar mediante as necessidades de cada momento. Essas transformações, muitas vezes, acontecem para a sua manutenção, para atender a determinadas demandas e envolver a sociedade de forma direta e indireta, atingindo elementos comuns que a cerca, como a economia, a educação, os relacionamentos, a profissão, a política, o turismo etc. (Pelegrini; Funari, 2013).

Para o representante do grupo Tempero Junino, Lindivaldo Alves Campos (2021), falar de cultura, no contexto das quadrilhas juninas é algo que lhe transmite uma certa satisfação, que considera ser gratificante:

Para mim, é sempre uma satisfação falar de cultura como um todo, em especial, falar da cultura e de Simões Filho. Pra mim, é muito gratificante, tá, porque eu, bem, eu milito nessa área já há um bom tempo, então é gratificante falar. É, bem, sobre as quadrilhas juninas em Simões Filho, eu quero dizer que eu também fui quadrilheiro.

As quadrilhas juninas fazem parte da cultura e tradição dos indivíduos e grupos, existente há longa data, um bem de valor e, pelo valor que desprende, continua se perpetuando. Assim sendo, elas também se configuram como um patrimônio cultural. Os valores culturais são de grande importância para a vida humana.

A respeito da ideia de patrimônio cultural, vejamos alguns conceitos. A etimologia da palavra *patrimonium* dá-se pela junção de “patri”, cujo significado é pai, e do sufixo “monium”, que significa “algo recebido”. Ou seja, dá conta da ideia de transmitir os bens da família, até a noção mais contemporânea, voltada para a transmissão do patrimônio para as gerações futuras. Dessa maneira, nota-se como o conceito é uma construção social (Netto; Holanda, 2020).

Segundo o artigo 216 da Constituição Federal de 1988, o conceito de patrimônio cultural caracteriza-se da seguinte forma: “[...] os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...]” (Brasil, 2023, p. 121).

O museólogo Mario de Souza Chagas (2016, p. 142) salienta que compreender o significado de patrimônio não é algo tão complicado, pois “[...] é um substantivo

abstrato que se aplica aos bens materiais e imateriais, aos bem móveis e imóveis”. Segundo a autora Vera Dodebei (2005, p. 4), “hoje, requalificada por diversos atributos, como se pode acompanhar pela trajetória dos registros sobre este tema, a idéia de patrimônio admite uma pluralidade de adjetivos (histórico, artístico, cultural, material, intangível, virtual, digital) [...]”.

Falar de patrimônio é referir-se à história, à memória, à identidade, à herança, a um bem. Patrimônio é algo que pertence ou o que diz respeito a algo ou a alguém. Algo que foi herdado, como uma propriedade, como uma tradição ou herança. Como vimos, o patrimônio está atrelado a materialidades e imaterialidades, àquilo que faz sentido ao indivíduo. “É nesse contexto que um conjunto de bens arquitetônicos e monumentais é consagrado como patrimônio [...]” (Chuva, 2012, p.14), aqui a autora refere-se ao patrimônio em sua configuração material. O site do IPAC ([20--])¹³ apresenta uma definição sobre patrimônio imaterial e algumas de suas manifestações:

[...] é uma concepção que abrange as expressões culturais e as tradições que um grupo de indivíduos preserva em homenagem à sua ancestralidade, para as gerações futuras. São exemplos de patrimônio imaterial: os saberes, os modos de fazer, as formas de expressão, celebrações, as festas e danças populares, lendas, músicas, costumes e outras tradições.

A Convenção – criada e publicada em 2003 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) – apresenta algumas tratativas para salvaguarda do patrimônio cultural imaterial, e aponta algumas formas de como se pode proteger, respeitar, conscientizar e cooperar com a preservação desse tipo de patrimônio, colaborando com sua diversidade, criatividade e subsistência. Essa convenção traz o conceito de patrimônio imaterial como:

As práticas, representações, expressões, conhecimentos, técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o

¹³ Não é possível precisar a data de publicação dessa definição. Além disso, a data de copyright do site também não se encontra disponível. Dessa forma, é possível apenas constatarmos que essa definição é do século XXI.

respeito à diversidade cultural e à criatividade humana (UNESCO, 2006)¹⁴.

Para o historiador Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2013, p. 33), patrimônio refere-se ao modo de agir das pessoas e dos grupos: “o patrimônio é antes de mais nada um fato social”. Para o entrevistado Valter Mangabeira (2021), isso também não lhe parece ser diferente. Reportando-se a patrimônio, em sua fala, ele traduz a configuração da quadrilha junina como um fato social de grande importância aos que dela participam:

Primeiro lugar o trabalho social. Em primeiríssimo lugar o trabalho social. O trabalho social que uma quadrilha junina faz não dá para mensurar. Você ver esse resultado a médio prazo, não é de um ano para outro, mas a curto prazo você já ver os efeitos. Todos os componentes que entram na quadrilha junina, todos os componentes eles melhoram as notas e melhoram o comportamento. Claro, isso vai depender do líder. O líder tem que ter responsabilidade suficiente para poder conduzir os jovens, mas eles fazem qualquer coisa para não sair da quadrilha junina, porque eles começam a amar esse trabalho, e aí sua nota depende da sua permanência.

Para Lúcia Machado Barbosa *et al.* (2002, p. 14), “[...] é o homem então o bem patrimonial, pois reúne conhecimento [...] de prática familiar, religiosa, do trabalho, da arte, da comunicação por diferentes maneiras de traduzir o próprio homem”. Como se pode observar, o próprio homem é um patrimônio, pois carrega em si mesmo as imaterialidades adquiridas ao longo de sua vida. Nesse sentido, conforme o IPHAN (2010, p. 39), “a discussão em torno do tema da salvaguarda ao redor do mundo introduziu e legitimou a ideia de que patrimônio material e patrimônio imaterial não estão separados”. A antropóloga Letícia Vianna apresenta outras definições para o conceito de patrimônio imaterial, no Dicionário do Patrimônio Cultural, disponibilizado no portal do IPHAN (2016):

É um conceito adotado em muitos países e fóruns internacionais como complementar ao conceito de *patrimônio material* na formulação e condução de políticas de proteção e salvaguarda dos patrimônios culturais, sob a perspectiva antropológica e relativista de cultura. Usa-se, também, *patrimônio intangível* como termo sinônimo para designar as referências simbólicas dos processos e dinâmicas socioculturais de invenção, transmissão e prática contínua de tradições fundamentais para as identidades

¹⁴ Embora a convenção tenha ocorrido em 2003, em Paris, a versão brasileira, traduzida pelo Ministério das Relações Exteriores é de 2006.

de grupos, segmentos sociais, comunidades, povos e nações (grifo do original).

Compreender o conceito de patrimônio imaterial é simples, como salientou Mario Chagas um pouco mais acima. Porém, pode-se perceber que “[...] o conceito de patrimônio imaterial é, portanto, amplo, dotado de forte viés antropológico, e abarca potencialmente expressões de todos os grupos e camadas sociais [...]” (Castro; Fonseca, 2008, p. 12). Ainda na visão das mesmas autoras, “as expressões patrimônio cultural intangível, ou mesmo cultura tradicional e popular e patrimônio oral recobrem muitas vezes o mesmo universo de significados [...]” (Castro; Fonseca, 2008, p. 13). O autor Ulpiano Toledo Bezerra de Meneses (2012, p. 31) apresenta uma importante reflexão a respeito dos vetores patrimoniais:

Podemos concluir que o patrimônio cultural tem como suporte, sempre, vetores materiais. Isso vale também para o chamado patrimônio imaterial, pois se todo patrimônio material tem uma dimensão imaterial de significado e valor, por sua vez todo patrimônio imaterial tem uma dimensão material que lhe permite realizar-se.

A quadrilha junina é uma dança carregada dessas materialidades e imaterialidades, seria impossível dissociá-las umas das outras, mas a imaterialidade é a que deixa marcas mais evidentes. Os corpos, as indumentárias, os instrumentos, o júri, o tablado, os acessórios, o lugar, a plateia, os instrumentos musicais, todos esses elementos representam os aspectos tangíveis. A dança, o movimento, a música, o som, os passos, o tema, a manifestação, a expressão, a arte, a alegria, a iluminação, as cores, a emoção, os gritos, os comandos, os aplausos, o belo etc. são esses alguns dos aspectos intangíveis que costumam estar presentes nas apresentações dos grupos juninos.

Participar de uma quadrilha junina é permitir-se: fazer parte de uma cultura, aprender de forma conjunta, experimentar uma dança, comunicar-se e conviver com outros indivíduos, falar uma mesma linguagem, conhecer novos espaços, compreender novas culturas, adquirir novos conhecimentos, vislumbrar novos horizontes. Assim, entende-se que as festas e as quadrilhas juninas revelam uma cultura. Tratam-se de celebrações, festividades e comemorações, constituindo-se, portanto, como um patrimônio cultural imaterial.

Ademais, consideramos também para a pesquisa o conceito de fabricação cultural, por tratar-se de um produto idealizado pela indústria cultural, criado e pensado para atingir grandes massas sociais, o qual acabou alcançando os grupos juninos. Conforme Teixeira (2014, p. 55), “por sua vez, a ‘cultura de massas’ é entendida como tudo o que está relacionado à indústria cultural e seu consumo”, podendo também ser compreendida como consumo de bens ou de serviços “[...] que obedece aos esquemas da produção industrial de massa” (Cuche, 2002, p. 157).

Outros termos também foram relacionados a esse tipo de cultura. De acordo com Teixeira (1997, p. 129), “novos conceitos e terminologias foram buscados, e obteve boa repercussão, em meados dos anos 80, a proposta de rotular a ‘antiga’ cultura de massa com a expressão cultura do narcisismo”. Nesse sentido, a cultura de massa “[...] obteve um grande sucesso na década de sessenta” (Cuche, 2002, p. 157). Para Teixeira Coelho (1997, p.174), a definição de fabricação cultural é o:

Processo de mediação cultural com ponto de partida, etapas intermediárias, fim e finalidade previstos. Tem por meta, alternativa ou cumulativamente, a transmissão de conhecimentos e técnicas determinadas; a formação de uma opinião cultural específica; a conformação de um modo de percepção ou a produção de uma obra cultural previamente estipulada.

O termo fabricação cultural, acima citado, ainda segundo o autor Teixeira Coelho, tem também este entendimento: “a expressão fabricação cultural inclui, também, uma referência ao sentido de fábrica em latim, que significa, engano, artifício, dolo” (Coelho, 1992, p. 174). Esse é um termo que se comporta de forma contrária à ação cultural. Por sua vez, a ação cultural, para o mesmo autor, é o “conjunto de procedimentos, envolvendo recursos humanos e materiais, que visam pôr em prática os objetivos de uma determinada política cultural” (Coelho, 1992, p. 32).

As quadrilhas juninas, primeiramente, surgiram nos seios de suas comunidades, os grupos eram criados entre as vizinhanças dos bairros, comumente, de forma espontânea¹⁵, e se apresentavam nos bairros de origem ou em outros bairros do município, nas praças, em empresas, em eventos de festejos juninos que ocorriam na cidade. Além disso, também era comum as escolas do município incentivarem suas turmas a formarem grupos juninos e a disputarem entre si.

¹⁵ Na seção 4 e subseção 4.1, essas informações são apresentadas de forma mais detalhada.

A fabricação cultural foi um meio, um artifício, utilizado para a mediação cultural, com objetivos premeditados, que alcançou a cultura junina “[...] diante da progressão dos meios de comunicação” (Coelho, 1992, p. 176). Para o autor Dennys Cucho (2002, p. 157-158): “o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa acompanha a introdução cada vez mais determinante dos critérios de rendimento e de rentabilidade em tudo que se refere à produção cultural. A ‘produção’ tende suplantar a ‘criação’”.

A mídia televisiva baiana, um desses meios de comunicação, foi a principal propulsora, que influenciou inúmeros grupos de quadrilhas juninas, da capital e região metropolitana, a se inserirem e participarem de festivais de concursos e competições de quadrilhas juninas, promovidos pelas redes de televisão. Concursos esses que foram se replicando, entre as décadas de 1970 e 1990, com o intuito de atrair grandes públicos consumidores para esses eventos. Para isso, fez-se uso da cultura, nesse caso, da cultura junina e, conseqüentemente, dos grupos de quadrilhas juninas, como um de seus artifícios atrativos. Esse fato acabou ocasionando, de certa forma, o distanciamento das quadrilhas juninas dos seios de suas comunidades para esse novo ambiente, o ambiente dos espetáculos.

Reproduzir esse tipo de evento tornou-se uma novidade que rapidamente se estabeleceu. Aliado a isso, shows e premiações, em produtos ou em dinheiro, passaram a favorecer a indústria do consumismo. Cleidiana Ramos afirma uma dessas realidades que acontecia à época: “reproduzir esse modelo mais antigo aliado a shows era, portanto, algo novo [...]. A proposta deu certo e, no ano seguinte, o evento estava sedimentado e com nome que se tornaria uma referência em produtos culturais” (Ramos, 2021). Aqui, a autora reporta-se a um desses eventos formais de festival e concurso de quadrilhas juninas oferecidos na época, estamos nos referindo ao *Arraiá da Capitá*, que parece ser o segundo evento formal na Bahia com esse propósito. Acredita-se que o evento mais antigo da Bahia desse mesmo tipo seja o programa *Ao Pé da Fogueira*, fundado em 1973, que já fazia esse papel:

A primeira memória que eu tenho de quadrilha é... Pode falar o nome da emissora? (Pode!) da TV Itapuã, aquela que fazia o [concurso] Ao Pé da Fogueira, mas era assim: era no estúdio, uma salinha, entravam quatro casais, seis casais (de dançarinos) e a câmera ficava de baixo

assim e pegava! (Que ano isso?) Ah, 60 [...] meu pai gostava de assistir! (Paula, 2020, p. 101)¹⁶.

Muitos grupos juninos deixaram de estar nas escolas, comunidades e bairros das cidades e migraram para os espaços onde as mídias os atraíam. Por toda essa questão, “supõe-se que as mídias provoquem uma alienação cultural, uma aniquilação de qualquer capacidade criativa do indivíduo, que, por sua vez, não teria meios de escapar à influência da mensagem transmitida” (Cuche, 2002, p. 158). Essas quadrilhas alimentaram à indústria do consumismo e, aos poucos, foram afastando-se de seu objetivo original, modificaram-se, transformaram-se em quadrilhas de competições ou estilizadas, deixaram-se levar, fascinadas pelas telinhas.

Dito isso, para o alcance dos objetivos e execução desta pesquisa, optamos por realizá-las por meio de uma abordagem qualitativa, pois essa:

[...] responde a questões muito particulares. Ela se preocupa nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações (Minayo, 2009, p. 21).

Essa abordagem permite um entendimento mais acentuado das informações subjetivas. Em um estudo, cuja característica da abordagem seja qualitativa, “o pesquisador está interessado em compreender os significados que os participantes atribuem ao fenômeno ou situação que está sendo estudada” (Godoy, 2005, p. 81). Para Silva e Menezes, a Pesquisa Qualitativa também “é descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem” (Silva; Menezes, 2005, p. 20).

Sobre isso, faz-se importante salientar que fizemos uso da descrição como coadjuvante no processo de desenvolvimento da escrita, visto que foi realizada uma apresentação sobre a história e memória desses grupos através das informações encontradas, coletadas e analisadas, a partir do processo de realização e análise das entrevistas.

Para Lúcia Machado Barbosa *et al.* (2002, p. 172), a Pesquisa de Campo forma-se “[...] pelo método, pelo seguimento de estilos ou tendências acadêmicas a que o pesquisador se afiliou e onde permanentemente encontrou respostas e suficiência

¹⁶ Depoimento de um dos entrevistados da pesquisa de Soiane Gomes de Paula (2020).

teórica”. Assim, esse tipo de pesquisa, quando bem elaborada e bem definida, permite uma melhor coleta de dados das informações almejadas. Nesse sentido, Minayo (2009, p. 26) salienta que:

O trabalho de campo consiste em levar para a prática empírica a construção elaborada na primeira etapa. Essa fase combina instrumentos de observação, entrevistas ou outras modalidades de comunicação e interlocução com os pesquisados, levantamento de material documental e outros. Ela realiza um momento relacional e prático de fundamental importância exploratória, de confirmação e refutação de hipóteses e de construção de teoria.

A priori, pensamos em aplicar questionários junto aos brincantes das respectivas quadrilhas de competição, pois acreditávamos que existia um número pequeno de grupos de quadrilhas a serem investigados, mas, logo no início do levantamento da pesquisa de campo, conversando com alguns conhecidos dos bairros da cidade, descobrimos que existia um número significativo de grupos juninos em Simões Filho entre as décadas de 1980 e 1990.

Então, chegamos ao consenso de que aplicar questionário a um número grande de brincantes despenderia muito tempo e que, além disso, correríamos o risco de não conseguir atingir o objetivo da pesquisa em tempo hábil, tendo em vista que a conclusão do curso de mestrado demanda certa celeridade. Ponderou-se também que, por muitos anos terem se passado desde então, é possível que alguns dos brincantes da época nem sequer morem mais na cidade e outros tantos, por sua vez, tenham até falecido. Assim, decidimos que, ao invés de aplicar questionários aos brincantes dos grupos, seria mais proveitoso usar o recurso da entrevista e direcioná-la apenas aos fundadores ou representantes dos grupos de quadrilhas mais conhecidos.

Dessa maneira, optamos pela Entrevista Narrativa¹⁷ Semiestruturada¹⁸, pois esta, permite fazer uma coleta de dados, de forma mais ampla. Zineide Pereira dos Santos *et al.* (2019, p. 45) considera que esse tipo de entrevista permite “[...] estimular a narrativa humana [...]”. Ela se utiliza da comunicação não formal e hoje é bastante

¹⁷ A Entrevista Narrativa equivale à narração, relato. Além disso, ela se difere do testemunho, que equivale à testificação, comprovação, depoimento.

¹⁸ O roteiro, juntamente com as questões geradoras de narrativa das entrevistas, encontra-se apensado ao final do texto.

difundida e se soma às demais formas de coleta de dados mais usualmente utilizadas”.

As Entrevistas Narrativas, método pelo qual optamos para coleta de dados, “[...] por sua vez, possibilitam ter um contato com a realidade vivida pelos atores sociais” (Gil, 2008, p. 37). Esse recurso também privilegia o uso da História Oral. O Historiador José Carlos Sebe Meihy (2015) explica o recurso da pesquisa por meio da oralidade:

História Oral é um recurso moderno, inaugurado, principalmente, depois da Segunda Guerra Mundial com o avanço da tecnologia, dos gravadores, das máquinas em geral, e história oral passou a ser um mecanismo usado para validar algumas experiências que não estão quase sempre registradas em documentos escritos ou que quando estão registrados em documentos escritos tem uma outra mensagem, outra dimensão, quase sempre de valor subjetivo. A História Oral, passa a ser então um tipo de narrativa onde a entrevista, particularmente, a entrevista gravada ou filmada tenha assim um fundamento de registro em cima de uma matéria que permita uma reflexão, que quase sempre varia da possibilidade da documentação escrita (Meihy, 2015).

Em conformidade com o historiador acima mencionado, realizamos o uso da História Oral, considerando como umas das fontes de informação fundamentais para o desenvolvimento da pesquisa. Segundo Bardin (2016, p. 96), a entrevista é “[...] mais um discurso espontâneo do que um discurso preparado”. Nesse sentido, consideramos este método para a execução da pesquisa, pois ele “coloca frente a frente os desejos do pesquisador e os autores envolvidos em seu horizonte de interesse” (Cruz Neto, 2001, p. 53).

Para a pesquisa bibliográfica, utilizamos os seguintes meios de acesso: Repositório Institucional da UFBA (RI/UFBA); Portal Brasileiro de Publicações e Dados Científicos em Acesso Aberto - Oasisbr (IBCT); Google Escolar; Portal de Periódicos da CAPES; Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) etc.

Além disso, fez-se uso da Pesquisa Documental, que muito se aproxima da Pesquisa Bibliográfica, outro método a ser considerado na composição da escrita. Segundo a arquivista Marilena Leite Paes (2008, p. 26), um documento é o “registro de uma informação independentemente da natureza do suporte que a contém”. Este tipo de pesquisa:

[...] assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que não recebem ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso [...], na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas (Gil, 2002, p. 45-46).

Utilizamos como fonte para a escrita do trabalho documentos textuais, a saber: reportagens e artigos publicados em jornais; documentos iconográficos, como figuras, imagens e fotografias; documentos orais (relatos); e documentos audiovisuais, a exemplo de vídeos, *podcasts*.

Realizadas a revisão bibliográfica e as entrevistas, demos seguimento à pesquisa de campo. Então, partimos para a Biblioteca Pública Municipal Professor Cícero Simões da Silva Freitas. Ressalto que Guanaciara do Carmo, coordenadora do espaço, foi bastante solícita e sugeriu alguns livros que tratavam da cidade de Simões Filho. Nessa biblioteca, tive acesso a livros e jornais que contribuíram bastante para o desenvolvimento da pesquisa, como por exemplo: o livro de Apolinário da Hora; e uma pequena coletânea do *Jornal O Município*. Além disso, também foi solícita em me acompanhar até o Arquivo Municipal da cidade facilitando na mediação.

Quase no mesmo período das entrevistas, entre os meses de outubro e novembro de 2021, foram feitas investidas no Arquivo Municipal da cidade, com o intuito de encontrar documentos que contassem a história dos grupos de quadrilhas do município. Contudo, infelizmente, não houve êxito. Apesar de contente por saber de sua existência, a frustração de saber que esse espaço se encontra inacessível foi maior, pois, além de ser estudante e pesquisadora no momento, também sou profissional na área arquivística. Então, enquanto profissional dessa área, sei que buscamos dar acesso à informação aos que dela no momento necessitam, por isso, não obter acesso¹⁹, não foi uma boa experiência.

A esse respeito, faz-se importante esclarecer que a documentação do arquivo se encontra sem higienização, desorganizada e desclassificada, o que

¹⁹ Parece não haver uma preocupação com o Arquivo Público da cidade. O espaço está infestado de insetos, morcegos etc., e os três funcionários que trabalham no setor não possuem conhecimentos arquivísticos para lidar com a documentação. Ver: Lei de Acesso à Informação (Lei nº 12.527/2011).

impede/dificulta o acesso à mesma. Em setembro de 2022, tentei novas investidas, mas o máximo que consegui de informação no local foi consultar três caixas com fotografias de diversos eventos culturais que foram realizados na cidade. O arquivo dispõe de várias fotografias de apresentação de quadrilhas juninas, porém consideramos para a pesquisa apenas duas²⁰, que se referem a apresentações realizada no SESI²¹ do CIA I, em Simões Filho, e outra no SESI do Retiro²², em Salvador, ambas do ano de 1991²³. A maioria das fotografias encontram-se sem registros de identificação como, a saber: local, grupo, ano, evento.

As entrevistas apontaram que houve a realização de concursos de quadrilhas juninas no município e que alguns deles aconteceram no espaço do SESI de Simões Filho. Pensei que pudesse encontrar alguma documentação referente a esses eventos nesta unidade, porém, mais uma vez, não obtive êxito. Estive duas vezes nesse espaço e fui informada que a instituição não dispõe de nenhuma documentação antiga²⁴, apenas possuem documentos administrativos correntes.

Utilizei algumas fontes da Internet sobre concursos e campeonatos de quadrilhas juninas que ocorreram em Salvador nessas décadas. Através delas, encontramos artigos em jornais, como por exemplo: *A Tarde Memória*, de autoria de Cleidiana Ramos (2021)²⁵, onde ela relata a história do *Arraiá da Capitá*, ao afirmar que “o seu surgimento [deu-se] no contexto de uma empresa de comunicação que têm um jornal como âncora [...] numa época ainda que não se falava em convergência entre canais de um mesmo grupo de comunicação”.

²⁰ Utilizadas no escopo da escrita.

²¹ O Serviço Social da Indústria é uma entidade de direito privado, mantida pelos empresários brasileiros, que objetiva, dentro de uma filosofia de garantir a manutenção da paz social e o progresso harmônico do país, prestar serviços voltados para o bem-estar de seus usuários. Criado em 1º de julho de 1946 pela Confederação Nacional de Indústria e instalado inicialmente em São Paulo, tornando-se, ao longo do tempo, uma organização de âmbito nacional: seus departamentos regionais existem, hoje, em 23 estados do país e sua área de atuação atinge municípios, através das unidades operacionais. A atuação do SESI se concentra nos campos de educação, saúde, lazer, cooperação e assistência, e suas atividades se realizam através do Serviço Social (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 61).

²² Bairro da capital baiana.

²³ A imagem ilustrativa dessas fotografias encontra-se na seção 4.

²⁴ Documentos antigos, para a arquivística, são considerados documentos intermediários ou permanentes, aqueles que devem ser mantidos por uma guarda longa ou guarda permanente, e documentos correntes são os produzidos mais recentemente, referentes à documentação dos últimos cinco anos. Ver: Lei da Política Nacional de Arquivos (Lei 8.159/91).

²⁵ Doutora em antropologia, jornalista e colunista do *Jornal A Tarde*, há mais de 14 anos. Ver em: A TARDE FM. Acervo do A Tarde rende histórias e conta a Bahia aos baianos! Cleidiana Ramos: Isso é Bahia. **Youtube**, 9 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yn6juAQm2F8>. Acesso em: 12 set. 2023.

Lendo essa coluna, que, por sinal, tem tudo a ver com este estudo, tentei utilizar algumas imagens e informações contidas nela sobre quadrilhas juninas, mas a resolução não ficou boa. O fato de ter sido estagiária do Setor de Periódicos da Biblioteca Central²⁶ na época da graduação, no ano de 2010, contribuiu para o amadurecimento e seguimento da pesquisa neste local, pois o conhecimento da existência do acervo em questão foi um fator favorável. A instituição conta com um grande acervo, praticamente completo, do *Jornal A Tarde* e também de outros jornais de grande circulação. A consulta nesse espaço justificava-se também pois alguns entrevistados relataram que a maioria dos grupos juninos de Simões Filho participaram inúmeras vezes dos concursos de quadrilhas realizados no *Arraiá da Capitá* e de outros eventos juninos que aconteciam na capital baiana e no interior do estado da Bahia. O *Jornal A Tarde* juntamente com *A Tarde FM*²⁷, rádio do mesmo grupo, promoviam e davam total cobertura a esse evento.

A partir disso, fizemos uma pesquisa detalhada no *Jornal A Tarde*, especificamente nas edições do mês de junho de cada ano entre as décadas de 1980 e 1990, com o propósito de encontrar, nesses periódicos, informações sobre concursos de quadrilhas juninas, em especial que tivessem registros dos grupos juninos simõesfilhense. Além disso, outras informações que remetessem ao tema pesquisado também foram consideradas, a saber: eventos juninos realizados na cidade de Simões Filho, e em outros locais; demais concursos e festivais de quadrilhas juninas, como *Ao Pé da Fogueira* e *Arraiá do Galinho*²⁸, eventos dos quais os grupos simõesfilhenses participaram e que foram bastante citados durante as entrevistas.

Também realizamos uma visita à *TV Aratu*²⁹, com o intuito de encontrar documentos que pudessem colaborar ainda mais com a pesquisa, porém, também sem êxito. Anteriormente, havíamos enviado inúmeros e-mails e chats disponibilizados na internet, através dos quais tentamos contato, contudo, não obtivemos nenhum retorno. Então, a ida à emissora fez-se imprescindível. No entanto, a informação que obtivemos do setor de arquivo da emissora foi que a unidade não

²⁶ A Biblioteca Central do Estado da Bahia situa-se no bairro dos Barris, na região central da capital baiana.

²⁷ Canal de Rádio também conhecido como Estação 104. Ver: RAMOS, C. Arraiá da Capitá inaugurou modelo de convergência dos canais A Tarde. **Portal A Tarde.com.br**, 23 jun. 2021. Disponível em: <https://atarde.com.br/colunistas/atardememoria/arraia-da-capita-inaugurou-modelo-de-convergencia-dos-canais-a-tarde-1161360>. Acesso em: 17 set. 2023.

²⁸ Apresentamos mais detalhes sobre esses eventos na seção 4.1 e nas suas seguintes subseções.

²⁹ Essa emissora localiza-se no bairro Federação, em Salvador.

dispõe de arquivo textual, dispondo apenas de vídeos de algumas apresentações da época em seu acervo. Conforme nos orientaram, para termos acesso a esses vídeos, seria preciso uma autorização via e-mail. Então, enviamos a solicitação de acordo com a instrução, porém novamente não obtivemos resposta.

2.1 CAMPO DA PESQUISA, CARACTERIZAÇÃO DOS INFORMANTES E FONTES CONSULTADAS

Depois de escolher a metodologia a ser aplicada, partimos para o campo da pesquisa, mas, antes de iniciar as entrevistas, foi preciso seguirmos alguns passos, tais como: adentrar no universo dos entrevistados; fazer com que me conhecessem; ganhar-lhes a confiança; e fazer com que soubessem de onde eu falava – o que me levou e como cheguei até eles. E, realmente, em alguns momentos, fui interrogada por alguns deles, que perguntavam: quem eu era? De onde eu vinha? Como eu pensei em escrever sobre esse tema? Alguns, no início, ficaram meio desconfiados, outros, surpresos, mas, no final, a confiança foi estabelecida e eles se dispuseram a me ajudar no que fosse preciso para a realização deste trabalho. Ter participado de um dos grupos de quadrilha de competição naquela época, como dito anteriormente, facilitou bastante o contato e o diálogo com os quadrilheiros de Simões Filho.

A foto abaixo (**Figura 1**) – tirada na Praça Elmo Cerejo Farias, localizada no bairro CIA I – foi registrada na época em que brinquei na Forró do CIA³⁰, em 1999. Nesse momento, todo o grupo aguardava o ônibus que nos levaria para a competição em Salvador, no *Arraiá do Galinho*. Essa foto foi de grande valia, pois facilitou a abertura da comunicação com os entrevistados. Estes, quando visualizavam a imagem, ficavam surpresos e mais à vontade para falar sobre o assunto:

³⁰ Falaremos sobre o grupo junino Forró do CIA e dos demais grupos simõesfilhenses na seção 4.1.

Figura 1 - Grupo Forró do CIA (1999)



Fonte: Arquivo pessoal da autora³¹.

As entrevistas foram realizadas entre os meses de setembro e outubro de 2021. Para sua concretização utilizamos os recursos tecnológicos: aparelho celular³², usados nos casos das entrevistas presenciais, e o ambiente de reunião virtual *Google Meet*³³, no caso das entrevistas feitas à distância. Os entrevistados, de forma consciente, permitiram a gravação da sua voz enquanto narravam suas vivências/experiências com as quadrilhas juninas na época em que foram presidentes desses grupos.

Como estávamos diante de um período pandêmico, a escolha do local para realização das entrevistas ficava a critério dos entrevistados, podendo ser: em sua própria residência; na residência da pesquisadora; ou em outro local, caso lhes fosse mais conveniente. Ficava também a critério dos mesmos decidir o melhor dia e horário para a entrevista. Da mesma forma, eles poderiam escolher o formato do encontro, presencial ou remoto.

Como salienta o antropólogo Gilberto Velho (1980, p. 96), “os encontros para entrevistas, principalmente quando são realizados nas residências dos informantes, é um tanto mais cômodo para os entrevistados”. E assim realmente foi o que aconteceu,

³¹ Essa pesquisadora encontra-se à esquerda na foto, com coroa de flores amarelas.

³² No aparelho da própria pesquisadora. Todas as entrevistas realizadas, tanto pelo celular quanto pela sala de reunião virtual (*Google Meet*), foram gravadas.

³³ Serviço de comunicação por videoconferência.

as entrevistas foram realizadas, em sua maioria, nas residências dos entrevistados, pois assim preferiram. A maioria deles eram pessoas de idade. Sobre a coleta de dados, observa-se que “[...] artesanal e paciente, dependendo essencialmente de humores, temperamentos, fobias e todos os outros ingredientes das pessoas e do contato humano” (Da Matta, 1978, p. 27 apud Velho, 1980, p. 99). No processo de coleta de dados, esses fatores tiveram que ser trabalhados, antes e durante as entrevistas. Foi preciso ponderar esses aspectos e sentimentos que acometem os seres humanos como medo, humor, cansaço, ansiedade etc. Esses fatores sempre fizeram parte das nossas vidas, mas depois de um longo processo de reclusão que passamos, por conta da pandemia, isso foi exacerbado.

Como já citado, as entrevistas aconteceram majoritariamente de modo presencial, na residência da pesquisadora e, principalmente, nas casas dos entrevistados. Mais adiante, descrevemos alguns aspectos em relação ao processo de entrevistas (Quadro 2). Durante esses encontros, os fundadores e/ou representantes das quadrilhas juninas de Simões Filho puderam utilizar o tempo necessário para relatar suas experiências e vivências nos grupos. Além disso, salientamos que os entrevistados estavam livres para falar sobre outras quadrilhas, caso assim desejassem.

Por outro lado, ficou acordado com alguns entrevistados que a interlocução aconteceria em ambiente virtual, para que, dessa forma, fosse evitado o contato direto a fim de evitar a propagação do vírus da covid-19. Antes dos dias agendados para a realização das entrevistas, fazíamos contato através de conversas por ligações e/ou áudios via aplicativo *WhatsApp*. Esses contatos eram importantes para me apresentar e explicar sobre a pesquisa que estava realizando.

Para o desenvolvimento das entrevistas, utilizamos um roteiro³⁴, a partir do qual geramos uma questão norteadora. Após as gravações, realizamos as transcrições dos áudios conforme alguns direcionamentos de Bardin, segundo o autor, as entrevistas, “seja qual for o caso, devem ser registradas, e integralmente transcritas (incluindo hesitações, risos, silêncios, bem como estímulos do entrevistador)” (Bardin, 2016, p. 92). Seguindo Lúcia Machado Barbosa *et al.* (2002, p. 13), “contar o passado ao presente é informar como [...] foram integradas a um organismo em contínuo processo de mudança”. Diante disso, escolhemos esse formato de busca e registro de

³⁴ Ver **Apêndice A**.

informações, pois possibilita “[...] o emprego de métodos próprios para lidar com a História Oral, unida a materialidade de fotografias, manuscritos, livros, objetos em seus contextos” (Barbosa *et al.*, 2002, p. 174).

Então, a partir das falas dos entrevistados, identificamos que a cidade de Simões Filho dispunha de 17 grupos de quadrilhas juninas, dos quais 14 encontravam-se entre as categorias adultas e três na categoria infantil, isso dentro do período de 1980 a 1990.

Como salienta Hugo Menezes Neto (2008, p. 4), “quadrilhas se acabam, outra se formam, algumas passam por um período e depois são reativadas, acontecem dissidências, ao mesmo tempo em que ocorrem fusões entre duas ou mais quadrilhas”. Nessa linha, observamos que algumas quadrilhas mudaram de nome, ou fizeram fusão com outros grupos, exemplo disso são os grupos Bem Me Quer, que mudou de nome para Foguetão, e Chameguinho, que se tornou Xodózinho.

O **Quadro 1**, a seguir, informa o número e nomes dos grupos identificados:

Quadro 1 - Quadrilhas Juninas Simõesfilhenses

CATEGORIA ADULTO	
01	Arraiá do Zezão
02	Arraiá Lá de Cima
03	Balão Mágico
04	Cochilou Cachimbo Cai
05	Denguinho de Yayá
06	Em Cima da Hora
07	Falta Mais Um
08	Foguetão / Bem me Quer
09	Forró do Cia
10	Forró Góis
11	Ká Entre Nós
12	Tempero Junino
13	Tia Ângela
14	Vem Que Tem
CATEGORIA INFANTIL	
15	Chameguinho / Chodozinho
16	Cochilinho
17	Em Ciminha da Hora

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

A respeito dos colaboradores da pesquisa, foram entrevistados seis presidentes e dois representantes de grupos juninos simõesfilhenses. O **Quadro 2**, abaixo, descreve o nome dos grupos juninos aos quais os nossos entrevistados eram filiados, as categorias às quais esses grupos pertenciam, os nomes dos entrevistados e a modalidade das entrevistas:

Quadro 2 - Presidentes/representantes entrevistados

	NOME DO GRUPO	CATEGORIA	ENTREVISTADOS	ENTREVISTA
01	Balão Mágico	Jovens/Adultos	Valtécio Seixas	Presencial
02	Bem Me Quer/Foguetão	Jovens/Adultos	Almir Teles	Presencial
03	Em Cima da Hora Em Ciminha da Hora	Jovens/Adultos Infantil/Mirim	Valter Mangabeira	Online
04	Forró do Cia	Jovens/Adultos	Rosy Coelho	Online
05	Forró Góis	Jovens/Adultos	José Rodrigues (Azaza)	Presencial
06	Chameguinho/Xodózinho	Infantil/Mirim	Rosa Cavalcante Carla Cavalcante	Presencial
07	Tempero Junino	Jovens/Adultos	Lindivaldo Campos	Online

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Após longa reflexão, decidiu-se que esse número de entrevistas seria suficiente para atender aos objetivos da pesquisa. Além disso, faz-se importante mencionar que conseguimos entrevistar os presidentes e representantes dos principais grupos de quadrilhas juninas do município de Simões Filho, e que esses quadrilheiros aportaram informações sobre seus grupos e outras quadrilhas da cidade.

Ressalto que essas pessoas contribuíram de forma significativa também para ajudar a escrever a história do município em questão. Saliento que farei uso de imagens, pois a maioria dos entrevistados fez questão de que essas fossem utilizadas e não se opuseram à sua divulgação no presente trabalho³⁵. Rosa Cavalcante, por exemplo, pediu que eu utilizasse a foto de perfil do seu *WhatsApp*, pois disse gostar muito dela por fazê-la lembrar da época em que estava na ativa com o grupo Xodózinho. Ou seja, ouvimos e respeitamos a decisão dos entrevistados em relação ao uso das imagens, falas e nomes. A **Figura 2** é uma ilustração de quem são esses representantes e fundadores entrevistados:

³⁵ O Sr. Valtécio Seixas não se opôs, porém disse que geralmente não tira fotos nem as possui, nem mesmo com o grupo ele tem registros fotográficos.

Figura 2 - Presidentes/representantes dos grupos juninos simõesfilhenses



Fonte: Arquivo pessoal dos entrevistados (2021)

As entrevistas foram realizadas na seguinte ordem³⁶:

O primeiro entrevistado foi o senhor **Almir Teles**³⁷, mais conhecido como Sukita, tem 79 anos, morador antigo do município no bairro do CIA I. Seu nível de formação é o ensino fundamental completo e sua profissão é operador de máquinas. Foi o fundador e presidente do grupo de quadrilha junina **Foguetão**, antiga **Bem Me Quer**. Sr. Almir ganhou o título de Cidadão Simõesfilhense³⁸ em novembro de 2018, por realizar trabalho voluntário de assistência às pessoas na área da saúde, junto à comunidade, ajudando e encaminhando-as para realização de consultas, exames e cirurgias tanto no município quanto em Salvador.

Mais conhecida como Dona Rosinha, **Rosa Cavalcante**³⁹ foi a nossa segunda entrevistada. Fundadora e presidente da quadrilha junina **Xodózinho**, antiga **Chameguinho**, Dona Rosinha é moradora antiga do município, uma das residentes e fundadoras do bairro do CIA II. Hoje, ela tem 73 anos e o segundo grau completo. Ela trabalha na área de contabilidade e foi funcionária pública do município, atualmente

³⁶ Estão em negrito os nomes dos entrevistados e dos grupos de quadrilhas juninas de Simões Filho para melhor visualização e identificação dos mesmos.

³⁷ Entrevista concedida em 16 de setembro de 2021, na cidade de Simões Filho/Bahia, realizada pela mestranda Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição.

³⁸ SILVA, C. Câmara entrega Título de Cidadão Simõesfilhense nesta terça; confira lista de homenageados. **Simões Filho Online**, 6 nov. 2018. Disponível em: <https://simoefilhoonline.com.br/camara-entrega-titulo-de-cidadao-simoefilhense-nesta-terca-confira-lista-de-homenageados/>. Acesso em: 05 maio 2022.

³⁹ Entrevista concedida em 17 de setembro de 2021, na cidade de Simões Filho/Bahia, realizada pela mestranda Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição.

encontra-se aposentada. Sempre se envolveu e esteve à frente de eventos sociais e tradicionais na comunidade. Nesse sentido, Dona Rosinha realizava brincadeiras e atividades lúdicas voltadas para a participação de crianças e jovens, a exemplo de: pau de sebo, futebol, quebra pote, concursos de miss, dentre outros. Ela transfere os votos sobre a quadrilha a seu filho **Edwilson da Silva Cavalcante** (*in memoriam*)⁴⁰. Segue um pequeno trecho de sua fala demonstrando esse desejo, no dia da entrevista: “[...] esse trabalho [...], esse convite, essa entrevista, vou dizer a você, para mim a maior [...] homenagem é para meu filho, Dú Cavalcante, [...] foi ele que me ajudou [...]” (Cavalcante, R., 2021). Mais conhecido como Dú, o filho de Dona Rosinha foi um dos maiores quadrilheiros da cidade. Era ele que tocava a quadrilha junto com sua mãe. No dia da entrevista, dona Rosinha pediu permissão para **Carla Cavalcante**⁴¹, sua filha, participar. Carla, então, fez questão de colaborar com a entrevista.

Carla Cavalcante é residente no município, mora no CIA II, mesmo bairro que sua mãe, e tem 45 anos. É pedagoga e professora do município há mais de 23 anos, e ocupa também o cargo de vice-diretora escolar há 17 anos. Ao longo de sua vida, foi brincante em mais de três grupos de quadrilhas juninas. Quando criança, Carla brincou no grupo **Xodózinho**, durante a sua juventude participou das quadrilhas **Balão Mágico** e **Cochilou o Cachimbo Cai**. Para efeitos de esclarecimento, faz-se importante salientar que consideramos as informações de Carla Cavalcante e de Rosa Cavalcante separadamente neste trabalho.

A inserção deste terceiro entrevistado neste trabalho ocorreu em função da indicação dos dois primeiros, tendo em vista sua riqueza de informações sobre as quadrilhas. Além disso, quando conversava com algumas pessoas conhecidas sobre as quadrilhas juninas, era comum que surgissem referências sobre **Lindivaldo Alves Campos**⁴². Seu Lindivaldo tem 53 anos, possui nível superior e pós-graduação em Gestão Cultural. Ele é morador do município e reside no bairro Engenho Novo. Em sua entrevista, falou com bastante propriedade sobre vários grupos de quadrilhas juninas do município, colaborando, de forma considerável, com a pesquisa. Ele foi brincante e coreógrafo da quadrilha **Tempero Junino**. Durante a entrevista, Lindivaldo salientou que a fundação da quadrilha foi de responsabilidade de **Dona Ana** e seus

⁴⁰ Dú Cavalcante faleceu em um acidente de carro no ano de 2009.

⁴¹ Entrevista concedida em 17 de setembro de 2021, na cidade de Simões Filho/Bahia, realizada pela mestranda Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição.

⁴² Entrevista concedida em 20 de setembro de 2021, na cidade de Simões Filho/Bahia, realizada pela mestranda Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição.

filhos **Jorginho** e **Cristóvão**, moradores do bairro de Simões Filho I, local onde o grupo se originou. Além disso, Lindivaldo também foi brincante do grupo **Em Cima da Hora**. Ele atuou como Gestor Cultural de Simões Filho, no período de 2005 a 2008, e foi também coordenador Especial de Gestão Cultural do município entre 2017 e 2019. Lindivaldo também é do ramo cultural das fanfarras, sendo um dos fundadores da Banda de Fanfarras FANAUSF⁴³. Esse grupo foi criado em 1993 e tem o título de tricampeã baiana e vice-campeã brasileira. A banda encontra-se ativa no momento.

A quarta entrevistada foi **Rose Mary Coelho Santana da Silva**⁴⁴, fundadora e presidente do grupo de quadrilha **Forró do Cia**. Rosy, como gosta de ser chamada, tem 56 anos. Sua formação é em Licenciatura em Dança com pós-graduação em Ensino da Cultura Afro-Brasileira pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (FFCH/UFBA). Atualmente, Rosy continua seus estudos, realizando o mestrado em Dança pela UFBA e atuando como professora de dança pela prefeitura de Simões Filho. Ela é moradora antiga no município, residindo no bairro do CIA I. Rose Mary é dançarina, coreógrafa, fundadora e professora da primeira escola de ballet da cidade, Escola de Ballet D'Ó e Saltiado. Pioneira no ramo das quadrilhas juninas, foi responsável pela coreografia, figurino, adereços e cenário dos seguintes grupos: **Cochilou**, **Bem Me Quer**, **Dengquinho de Yayá** e **Em Cima da Hora**.

A entrevista com o Sr. **Valtércio Seixas**⁴⁵, quinto entrevistado, foi a mais curta dos depoentes. Tímido, precisou de um tempo para se preparar para começar a falar. Seu Valtércio tem 78 anos, é morador do bairro do CIA II há muitos anos, onde ainda reside. Em relação à sua escolaridade, ele possui o segundo grau completo. Foi presidente e fundador do grupo **Balão Mágico**, um dos grupos de quadrilha junina mais antigos da cidade e que se tornou um dos melhores e mais destacados do município, depois do primogênito **Cochilou Cachimbo Cai**.

O sexto entrevistado, **José Rodrigues Ferreira**⁴⁶, mais conhecido por **Azaza**, é ex-presidente e fundador da quadrilha junina **Forró Góis**. Azaza tem 64 anos, mora

⁴³ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CtFCXaiJIOe/?hl=de>. Acesso em: 15 out. 2023.

⁴⁴ Entrevista concedida em 27 de setembro de 2021, na cidade de Simões Filho/Bahia, realizada pela mestrande Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição.

⁴⁵ Entrevista concedida em 14 de outubro de 2021, na cidade de Simões Filho/Bahia, realizada pela mestrande Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição.

⁴⁶ MOSAICO BAIANO. Maria conhece os moradores pitorescos de Simões Filho. **Globo.com**, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/redebahia/mosaicobaiano/noticia/maria-conhece-os-moradores-pitorescos-de-simoes-filho.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2023.

em Góes Calmon, bairro localizado na zona rural da cidade, onde teve origem a quadrilha Forró Góis. José Rodrigues possui nível superior em História e, atualmente, é funcionário público estadual, atuando no município. Ele trabalha com artes, sobretudo teatro, há mais de 40 anos na cidade. É diretor e também autor de várias peças teatrais, escritor de séries e novelas e entrevistador de programas de TV. É agente cultural e um dos representantes do Conselho Municipal de Cultura da Câmara Setorial de Artes Cênica, da cidade de Simões Filho.

O último a ser entrevistado foi o ex-secretário de Cultura do município de Simões Filho, em 2015, **Valter Santos Mangabeira** (Santana, 2015). Atualmente, Valter reside no centro da cidade, tem 57 anos, e é formado e pós-graduado em Administração. É um apaixonado pelas quadrilhas. Seu contato com elas aconteceu ainda na juventude, quando foi dançarino e marcador de inúmeras quadrilhas no município simõesfilhense, na capital baiana e em outros municípios da Região Metropolitana de Salvador (RMS), como, por exemplo, Camaçari. Além disso, Valter também foi vice-presidente da AQJEBA (Associação de Quadrilhas Juninas do Estado da Bahia), sendo considerado pelos quadrilheiros um dos melhores marcadores do estado da Bahia.

Alguns presidentes e/ou representantes dos grupos juninos simõesfilhenses não foram localizados, além disso, outras pessoas associadas às quadrilhas não quiseram conceder entrevistas para esta pesquisa. Faz-se importante destacar que essas quadrilhas foram presididas e representadas por um número equivalente entre homens e mulheres. Dos dezessete grupos, nove foram presididos por mulheres e oito foram presididos por homens. Durante as entrevistas, os presidentes e representantes cederam algumas fotografias⁴⁷ dos seus respectivos grupos e, em alguns casos, de outros grupos do município.

O uso de fotografias foi imprescindível para o trabalho, pois ajudou a dialogar com o conteúdo das informações coletadas, enriquecendo os dados. Essas fotografias “[...] não são objetos isolados, independentes. São situadas em um contexto [...] pelo olhar de quem as recortou da realidade” (Ciavatta; Alves, 2004, p. 137), pois as imagens escolhidas para a presente pesquisa, são:

Como representação do passado, geram uma memória que alimenta a compreensão do presente e orienta as perspectivas do futuro. Como

⁴⁷ No **Apêndice C**, há uma lista com as fotografias cedidas pelos entrevistados.

memória ou como comunicação, as imagens constroem um discurso visual que organiza o conhecimento da realidade (Ciavatta; Alves, 2004, p.137).

Apesar do número de fotografias adquiridas ter sido significativo, não faremos uso de todas as imagens, pois algumas estão danificadas e necessitam de restaurações. Saliento que foram obtidas autorizações dos entrevistados para uso das entrevistas, imagens e fotografias cedidas para a entrevistadora.

Durante as entrevistas, os participantes foram orientados para que tomassem conhecimento do uso pretendido dessas informações, e que, para tanto, lessem e assinassem o Termo de Livre Consentimento⁴⁸. Este documento fora impresso e entregue nas mãos de cada um que participou de forma presencial e recolhidos logo ao final das entrevistas. No caso das entrevistas virtuais, os termos foram recebidos via *WhatsApp*, no formato digital (PDF). Um caso atípico foi o de Carla Cavalcante, como ela cedeu entrevista junto com sua mãe e isso não estava previsto, não colhemos sua assinatura do documento de livre consentimento no formato físico. Contudo, posteriormente, em uma breve conversa pelo aplicativo do *WhatsApp*, ela tomou ciência da necessidade desse documento para o seguimento da pesquisa, gravou um áudio consentindo que pudesse utilizar as informações que fornecera durante a entrevista, assim também como o uso de sua imagem.

Mesmo depois das entrevistas, o contato com os entrevistados foi mantido. Quando entrevistei Valter Mangabeira, em 2021, ele ficou de enviar fotografias do grupo, porém as fotos foram enviadas somente em 2023, no mês de julho. Sr. Almir Teles ficou de doar uma fotografia do grupo para guardar como lembrança e, ao final, fez como prometido, acabou doando, cinco lindas fotos do grupo Bem Me Quer, também no final do ano de 2023.

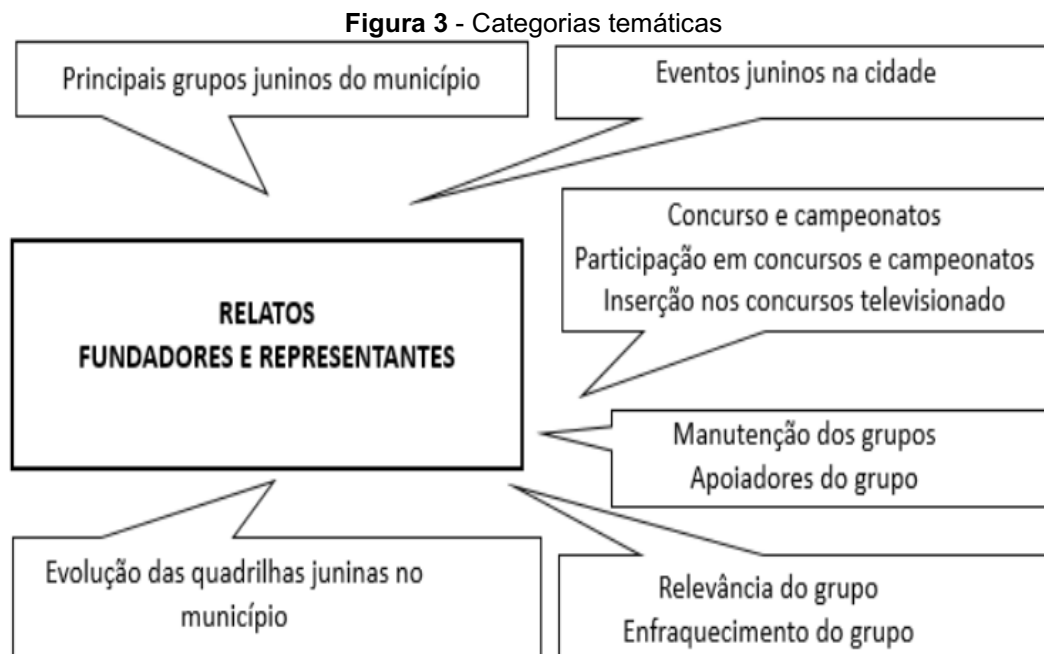
Valtécio Seixas, gentilmente, emprestou-nos um livro sobre o município de Simões Filho. Trata-se de um livro raro, pois, segundo ele, poucas pessoas deveriam tê-lo. O livro foi produzido pela Secretaria de Educação e Cultura da Prefeitura de Simões Filho, durante a gestão de Berlindo Mamede de Oliveira (1989-1992), e teve como apoiadores para sua produção José Rodrigues Ferreira (Azaza) e Rose Mary Coelho Santana (Rosy).

⁴⁸ A cópia dos Termos de Livre Consentimento, lido e assinado pelos depoentes, encontram-se, disponibilizados no **Apêndice B**.

Após a realização das entrevistas, trabalhamos com a análise de Conteúdo. Para Bardin (2016, p. 37), “a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análises das comunicações”. Ainda sobre análise de dados, as sociólogas Silva e Fossá (2015, p. 12) afirmam que: “destaca-se, então, a análise de conteúdo como uma técnica de análise de dados importante e com potencial para o desenvolvimento de novos estudos, desde que seja utilizada de forma séria e responsável”.

Após a transcrição dos áudios, coletados durante as entrevistas, organizamos as informações. Nesse caso, utilizamos o recurso da sinalização, marcação no texto da transcrição, destacando tudo aquilo que podia ser útil e trouxesse algum significado para evolução da pesquisa. Em seguida, fizemos a codificação, ou seja, buscou-se compreender os sentidos das falas e suas particularidades.

O terceiro passo foi realizar a categorização, o agrupamento desses sentidos, pois “a história oral temática é aquela em que nós temos um tema central e a entrevista se endereçam ao desenvolvimento deste tema” (Meihy, 2015), então fizemos a junção de tudo que levasse a compreensão e ao sentido das seguintes temáticas, assim como está representado no seguinte esquema (**Figura 3**):



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

3 FESTAS E QUADRILHAS JUNINAS

Ainda guardo na lembrança como se fosse hoje, como era animada as festas juninas na infância: regada de muita música, comidas típicas, bebidas. Tudo era muito colorido. As bandeirolas plásticas, coloridas, cortadas em tirinhas finas, amarradas a barbante, atravessavam de um poste a outro, em quase toda as ruas do bairro. Ficava muito bonito de ver. A conversa que gerava com as coleguinhas era sobre os preparativos da festa. Saíamos pedindo doações para a compra de plásticos para confeccionar as bandeirolas. De tardezinha todos se arrumavam para a festa. As meninas faziam tranças nos cabelos e colocavam laços coloridos nas pontas; pintava as bochechas, fazendo pintinhas pretas, com lápis de olho; vestiam vestido rodado, também muito colorido. Os meninos, vestiam calças com remendo e faziam desenhos no rosto imitando barba, bigode. Mainha, fazia aquela canjica, mingau de milho, cozinhavam milho e amendoim. Praticamente, em quase todas as portas das vizinhanças havia uma fogueira. Era engraçado ver os vizinhos trocando de pratos, uns para agradar os outros. Socializando na verdade. Chamava a vizinha: - Dona Nilda! Olha, toma aqui, fiz amendoim cozido; prontamente, ela também lhe entregava um prato de canjica, amendoim ou milho cozido (Figueiredo, 2023).

Sobre essa abundante culinária, presente nesses festejos, Luís da Câmara Cascudo (2008, p. 50) apresenta um pouco dessas variedades preparadas e consumidas normalmente no São João:

Pelo São João há uma variedade de canjicas de cortar (de milho verde e pó-de-arroz), pamonhas de carimã e milho verde (esta feita com bagaço que fica na peneira quando passa o milho para a canjica), BOLO DE SÃO JOÃO (carimã ensombrada, ovos, leite de coco, açúcar e erva-doce), milho cozido, amendoim cozido, mungunzá de partir e de beber, bolo de milho em tabuleiro e em formas, manauês⁴⁹ [...].

Por sua vez, Funari e Pinsky apontam também as bebidas típicas presentes nesses festejos, “as comidas e bebidas obedecem à produção regional, prevalecendo os derivados do milho, mandioca, batata-doce e amendoim” (Funari; Pinsky, 2002, p. 45). No período junino, o consumo de bebidas típicas reacende, como é o caso do licor e do quentão. De acordo com Funari e Pinsky (2002, p. 45), “a cachaça é a bebida preferida: misturada a uma série de ingredientes como gengibre, canela, limão é aquecido e recebe o nome de quentão”. Já o licor é feito com a mistura da cachaça e

⁴⁹ Também conhecido por manuê ou bolo de fubá de milho (Cascudo, 2012, p. 424).

frutas, em especial, o jenipapo, sabor tradicional e mais procurado. Geralmente, essa mistura leva um tempo em fusão.

Rose Mary Coelho Santana da Silva (2021), fundadora do grupo de quadrilha junina Forró do Cia, relata sobre o “quentão” preparado pela fundadora do grupo junino Cochilou Cachimbo Cai em alguns dos eventos de quadrilhas juninas que foram realizados no município:

Ela era de interior, então ela fazia um negócio chamado de quentão, é uma bebida, uma bebida fermentada e alcoólica que cozinha, que bota limão, que bota cravo. Então o pessoal das quadrilhas já vinha pra comer, amendoim, milho, e tomar esse tal desse quentão [...].

Um artigo do site A12Redação, publicado em 7 de junho de 2021, explica sobre as festas juninas e suas especificidades. Segundo esse artigo, esses festejos são carregados de simbologias, religiosidades, curiosidades e, antes de assumir o rumo do cristianismo, eram de origem pagã, praticados na Europa no período conhecido por solstício de verão – passagem da primavera para o verão. Esse momento era utilizado para se festejar e comemorar as colheitas. Com a expansão do cristianismo, essas festas foram ganhando novos significados e novas roupagens, tornando-se a celebração das festas chamadas de São João, referente à festa joanina (de João) e, posteriormente, junina (por ocorrer no mês de junho). Nesse período, Santo Antônio e São Pedro também passaram a ser celebrados. Esses festejos, ainda hoje, são bastante celebrados em grande parte do território brasileiro, atraindo pessoas de diversas regiões, que se deslocam para outras cidades ou estados com objetivo de apreciar e vivenciar essas manifestações culturais.

Essa festa remete-nos ao universo dos costumes, das tradições, da dança, da arte, do teatro, da história, da memória, da música, da culinária e do turismo. Salientam Funari e Pinsky (2002, p. 9) que “grande parte das viagens turísticas dão-se por ocasião de festividades como o carnaval, mas também muitas outras, como é o caso das festas juninas, em diversas regiões do Brasil”. Ou seja, o São João é uma festa que estimula o turismo, a economia, o lazer, a gastronomia e a socialização entre as pessoas. Magdalena Almeida e Carmem Lélis (2004, p. 5) também afirmam que:

Os festejos juninos promovem danças, músicas, eventos e farta gastronomia, mobilizando recursos das instâncias governamentais ao

comércio informal. Das instituições aos indivíduos, aquecendo a economia e tornando a própria festa uma atividade econômica.

Josier Ferreira da Silva e Paulo Wendell Alves de Oliveira (2021) corroboram com o trecho supracitado ao tratar sobre a socialização entre as pessoas durante esse período, para esses autores, “os festejos populares marcam a sociabilidade de um determinado espaço. São os momentos para (re) encontros, risos, diversão, diálogos e trocas de saberes” (Moreira, 2021, p. 89). Além disso, Moreira (2021, p. 88) também afirmam que “os festejos e folguedos brasileiros são importantes atrativos culturais do Brasil, mas são mais que isso, pois representam as tradições e a identidade cultural brasileira”.

Em cada região brasileira, as festas juninas ocorrem de maneira distinta. Mesmo no Nordeste, região que mais preserva esses festejos, ainda existem suas especificidades. Por exemplo, na cidade de Teresina, capital piauiense, o costume é de se festejar São Pedro, já em Campina Grande, importante cidade paraibana, homenageiam a São João. Em Caruaru, no estado de Pernambuco, bem como em cidades sergipanas e baianas, são comemorados todos os santos juninos, Santo Antônio, São João e São Pedro, tendo como atrativos as quadrilhas juninas, com apresentações nas praças, e em concursos e campeonatos. Em outras regiões brasileiras, a exemplo do Sudeste e do Centro-Oeste, os festejos juninos também resistem. Por exemplo, em Corumbá, no Mato Grosso, a festa de São João, comemorada nos dias 23 e 24 de junho, toma conta da cidade. Em Goiás, as festas juninas ocorrem nas cidades onde há padroeiros com os nomes dos santos de junho. Na região Sudeste, as festas são mais caseiras, com a participação da vizinhança. Nas comunidades maiores, ocorre quase sempre a festa quando o padroeiro da cidade é um santo junino (Funari; Pinsky, 2002).

Os festejos e a devoção a esses Santos Católicos iniciam-se no dia 13 de junho, celebrando primeiramente a Santo Antônio. Nesse período, são realizadas rezas que podem acontecer durante um, três ou até treze dias (trezena). A celebração junina, – direcionada a São João Batista⁵⁰, mais conhecida como festa de São João –, acontece oficialmente no dia 24, mas os festejos têm início na véspera, dia 23. Por sua vez, as

⁵⁰ O único dos santos que tem o dia do nascimento e o dia da morte celebrados, pois os demais santos têm apenas o dia da morte comemorado.

celebrações do último dos três santos juninos ocorrem no final do mês de junho, mais especificamente no dia 29, quando se comemora o dia de São Pedro (**Figura 4**):

Ainda na infância, eu sempre era convocada por meu pai para ficar ao seu lado, cantando e rezando ao pé de Santo Antônio, em frente ao altar, para render-lhe graças e fazer pedidos, nessa época eu deveria ter uns 11 anos. A reza acontecia na casa de uma tia (in memoriam), em Simões Filho. O altar era todo ornamentado, com uma cor definida anteriormente, enfeitava-o com bastante flores, perfumava, acendia velas, e incensava. Meu pai sempre era chamado para participar das trezenas em devoção ao santo, pois, sempre tivera um vozeirão e sabia de cor as rezas e os cantos tradicionais utilizados nas noites celebrativas do referido Santo (Figueiredo, 2023).

Figura 4 - Altar de Santo Antônio



Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Funari e Pinsky (2002) reforçam, em suas abordagens, os aspectos que compõem a festa, a saber: a ligação dessa celebração com a religiosidade e algumas divindades; a presença dos fogos de artifícios, da fogueira, das comidas e danças típicas. De acordo com os autores,

O cristianismo incorporou nos festejos em homenagens aos santos alguns rituais da época clássica, na adaptação de alguns símbolos como a água, o fogo e referência à fertilidade humana. O mês de junho era consagrado à deusa Juno e no seu transcorrer eram celebradas festas. Tratava-se da divindade que representava a fidelidade, a maternidade e a fertilidade. Há, portanto, uma relação sincrética na absorção de tais festas pelo cristianismo nas coincidências das duas épocas. As festas juninas, com as fogueiras, queima de fogos, espetáculos pirotécnicos, comidas típicas, casamentos e **danças**, assemelham-se à festa pagã do passado clássico. Os colonizadores portugueses trouxeram para o Brasil as festas juninas em louvor a Santo Antônio, São João e São Pedro. Coincide no Brasil com o

período da colheita de milho, cereal básico na alimentação humana e dos animais domésticos (Funari; Pinsky, 2002, p. 44, grifo nosso).

A respeito da dança junina, ela também pode ser chamada de Quadrilha Junina, Quadrilha Matuta⁵¹, Quadrilha Caipira⁵² ou Quadrilha Joanina. Luciana de Oliveira Chianca (2013, p. 90), em seus estudos, apresenta três versões da dança: “ao Nordeste do Brasil, tem sido frequente classificar as quadrilhas entre três versões: a quadrilha tradicional (também conhecida como caipira, ou matuta), a quadrilha de paródia (ou caricata) e a quadrilha estilizada”⁵³.

O autor Hugo Menezes Neto (2008, p. 20) exemplifica a quadrilha matuta, para ele, “[...] é uma versão urbana daquela dançada na zona rural, [...], construída através da caricatura e correspondeu à demanda de um contexto histórico-social”. Ainda no mesmo trecho dos seus escritos, Menezes Neto descreve a quadrilha matuta ou tradicional, cuja aparência peculiar é “[...] identificável através do figurino, maquiagem, encenação, gestual e vocabulário. [...], bastante diferente daquela dançada na corte, [...] considerada pela sociedade como portadora da tradição” (Menezes Neto, 2008, p. 20). Além disso, o autor ainda apresenta as diferentes formas de realização e objetivos da dança. Para ele, as quadrilhas juninas são reconhecidas através de suas características marcantes:

Elas podem ser gratuitas, basicamente realizadas nas comunidades da qual fazem parte; remuneradas, sob a forma de contratos com empresas particulares e órgãos públicos; e a título de competição, quando ocorrem nos concursos espalhados⁵⁴ pela cidade (Menezes Neto, 2008, p. 97).

Quanto as quadrilhas de competição, Luciana de Oliveira Chianca (2018, p.3) define-as como “[...] grupos produzidos com o objetivo de participar (e vencer) campeonatos voltados para esta dança”. A autora ainda complementa que os grupos de competições tendem a “[...] não se limitar a um público restrito, mas atingir um

⁵¹ A quadrilha matuta é uma nova concepção de quadrilha que a tradição cuida de dar sentido de perenidade e eternidade. Por isso, agrega outros elementos às marcas de identificação como a caricatura do homem rural (o matuto), o gênero forró e a representação de um casamento (Menezes Neto, 2008, p. 14).

⁵² Segundo Cascudo (2012, p. 159), caipira é “[...] homem ou mulher que não mora na povoação, que não tem instrução ou trato social, que não sabe vestir-se ou apresentar-se em público, [...] habitante do interior, canhestro e tímido, desajeitado, mas sonso”.

⁵³ Na subseção 3.1.1, falamos mais sobre quadrilha estilizada e quadrilha tradicional.

⁵⁴ Na seção 4, abordaremos sobre a inserção dos grupos juninos simõesfilhenses nos concursos de quadrilhas juninas realizados nas décadas de 80 a 90.

grande número de pessoas [...], com o objetivo de concorrer a um prêmio ou a um concurso” (Chianca, 2013, p. 91).

Albuquerque (2013) trata sobre os personagens típicos que compõe o divertido casamento na roça, realizado durante as apresentações das quadrilhas juninas. Segundo a pesquisadora, associado “[...] ao casamento, há personagens típicos que não devem faltar nas encenações: casal de noivos, o padre, o pai da noiva e o policial, apesar de que, nos dias atuais, cada grupo pode criar histórias próprias” (Albuquerque, 2013, p. 46). Por sua vez, Luciana de Oliveira Chianca (2007, p. 51) resume como se dá a peça de teatro, encenada com o casamento da roça, executada pelas quadrilhas juninas tradicionais:

Os dançarinos das quadrilhas juninas tradicionais são todos “matutos”, reunidos para um casamento na roça, [...] representa o enlace (quase) forçado de um matuto que engravidou a noiva e que tenta fugir, mesmo na presença das autoridades religiosas e da lei. O pai da noiva consegue capturá-lo [...], e os convidados se deliciam escutando o diálogo entre ele, o pai da noiva, o padre, o delegado e a noiva, através de um texto malicioso que revela as tensões e conflitos em jogo nesse matrimônio. A quadrilha é então o baile da festa de casamento dos noivos – personagens principais da quadrilha, junto com o padre e o juiz (ou policial). Uma quadrilha também pode ocorrer sem um casamento matuto [...].

Mas, afinal, o que é realmente a quadrilha junina? O que compõe a dança? Quadrilha junina é música, arte, teatro, uma forma de expressão, uma manifestação popular, uma brincadeira, uma diversão, uma profissão. E qual é o sentido dessa dança? Segundo Leal (2004, p. 131), “o sentido desta dança [...] é celebrar a união de pessoas através da satisfação, do prazer, da alegria e da elevação dos sentimentos”.

Neste pequeno trecho, a autora Elis Regina Barbosa Angelo (2022, p. 172) elenca alguns pontos que foram levantados acima. Para ela, as quadrilhas juninas são “[...] uma das principais manifestações populares pelo país a fora, dando uma expressão artística, com a sonoridade e o movimento da dança”. Aqui, essas quadrilhas configuram-se como uma forma de expressão, música e movimento através da arte.

3.1 ORIGEM DAS QUADRILHAS JUNINAS

A letra da música abaixo, escrita pelo jornalista Lopes Gama no *Jornal O Carapuzeiro*, publicado em 1842, faz um registro da dança da quadrilha junina no século XVIII:

O furor das contradanças
 Por toda parte s'estende,
 A todo o gênero humano
 A quadrilha compreende.
 Nas baiúcas mais nojentas,
 Onde a gente mal se vê,
 Já se escuta a rabequinha,
 Já se sabe o balancê
 (Casculo, 2012, p. 587).

A respeito da organização dos pares na dança da quadrilha no passado, Chianca (2007, p. 50) exemplifica da seguinte forma: “a princípio, eram quatro ou oito casais que se organizavam em duas filas uma frente à outra, com as quatro extremidades formando um quadrado [...]”. A autora também, explica, sobre: a origem, algumas modificações que perpetraram e alguns detalhes sobre a dança:

Originária de uma contradança de mesmo nome trazida ao Brasil pela corte imperial portuguesa, ela teve suas figuras e passos modificados ao longo do tempo e dos lugares em que foi sendo executada [...] daí seu nome francês, quadrilles (em espanhol, cuadrilhas; em italiano, quadriglia). As quadrilhas pertencem às “danças baixas”, assim chamadas porque nelas os casais fazem pequenos gestos cerimoniais com os braços e pernas e quase não levantam os pés, evitando movimentos bruscos (Chianca, 2007, p. 50).

Nesse sentido, Funari e Pinsky (2002, p. 45) reforça que “a quadrilha veio para o Brasil com a Corte portuguesa. Essa dança palaciana se popularizou, caiu no gosto popular e se incorporou às festas juninas”. Na imagem abaixo (**Figura 5**), pode-se observar o passado da quadrilha enquanto um elemento artístico ligado à cultura palaciana.

Figura 5 - Quadrilha Junina: uma dança palaciana



Fonte: Costa (2014)

A origem da dança de quadrilha também foi abordada por Luís da Câmara Cascudo (2012), que apresenta uma breve descrição dos primórdios das quadrilhas. Originária da Europa e da América, essa dança era bem apreciada nas cortes, sendo apresentada nos salões em dias de bailes. Ao longo dos tempos, a quadrilha modificou-se e ganhou novas configurações. Nesse sentido, o autor aponta que ela era:

A grande dança palaciana do séc. XIX, protocolar, abrindo os bailes da corte em qualquer país europeu ou americano, tornada preferida pela sociedade inteira, popularizada sem que perdesse o prestígio aristocrático, vivida, transformada pelo povo que lhe deu novas figuras e comandos inesperados, constituindo o verdadeiro baile em sua longa execução de cinco partes, gritadas pelo “marcante”, bisadas, aplaudidas, desde o palácio imperial aos sertões (Cascudo, 2012, p. 587).

No Brasil, a dança fora trazida pela Corte Real Portuguesa, no século XIX, e acabou tornando-se uma dança popular. Assim, de acordo com Chianca (2018, p. 128), “em muitas cidades do Brasil, encontramos grupos praticando uma dança característica do período junino: as quadrilhas juninas”.

Analisando a questão do processo de reelaboração cultural dessa manifestação artística, Luís da Câmara Cascudo (2012, p. 588) considera que:

E pela época da Regência fazia furor no Rio, trazida por mestres de orquestras de danças francesas, como Milliet e Cavalier, que tocavam as músicas de Musard, “o pai das quadrilhas”, e Tolbecque. Foi cultivada por nossos compositores, que lhe deram acentuado sabor brasileiro a começar por Calado, que as fez com acento bem carioca

[...] não só se popularizou, como dela apareceram várias derivadas no interior.

Por sua vez, Rosa Maria Zamith (2007, p. 114) transmite sua abordagem sobre a origem da dança, indicando sua chegada ao Brasil:

A quadrilha é uma dança de longa existência, havendo dela registros perpassando séculos com variações em tempo e espaço. Resultado da união de elementos de danças europeias que se amalgamaram no decorrer do tempo – especialmente modalidades de contradanças que se uniram pouco a pouco e não pararam de se transformar, – ela chega ao Brasil possivelmente no segundo quartel do século 19, como uma das marcas das tradições francesas na cultura brasileira, e tem grande destaque no repertório dos bailes da sociedade fluminense.

Com o passar dos anos, a dança propagou-se por todas as regiões do país, tanto nas zonas rurais quanto nas zonas urbanas, deixando sua marca e essência, especialmente, nas festas de São João. Assim, “convertida em dança popular ao longo do XX, ela continua muito praticada no século XXI” (Chianca, 2018, p. 128).

A transposição da dança partiu dos grandes palácios para as cidades, das grandes cidades para o campo, agora do campo para as cidades. Hugo Menezes Neto (2008, p. 2) menciona sobre as idas e vindas dessa cultura:

No século XX os ideais de modernidade e urbanização impulsionaram o intenso processo migratório campo – cidade. Por sua vez, a quadrilha volta aos centros urbanos participando da construção da imagem da cidade como sinônimo de progresso, modernização e saber, através da caricatura do homem do campo e da vida rural. Essa é a quadrilha *matuta*, reconhecida e legitimada como portadora da tradição.

Do palácio para os campos, a dança ganhou novas roupagens ao longo de sua existência. Assim, a quadrilha junina passou por modificações e atravessou várias gerações. Presente em diversas partes do país, ela permanece existindo, apesar de suas constantes transformações.

3.1.1 Quadrilhas juninas: algumas peculiaridades

A dança junina dispõe de algumas particularidades. Assim como ela se tornou tão popular, esse processo de popularização também se deu com alguns ritmos

musicais que acompanham a dança, estamos tratando do forró⁵⁵, xote⁵⁶ e do baião⁵⁷. Esses ritmos amalgamaram-se profundamente nas apresentações dos grupos juninos, formando uma perfeita conexão.

Uma grande referência para o povo brasileiro, em especial, para o povo nordestino, – sobretudo por conta de suas músicas e dos trajes que usava nos palcos, que são quesitos quase sempre presente, nas apresentações dos grupos de quadrilhas juninas –, é o sanfoneiro, cantor, compositor e grande artista Luiz Gonzaga, o Gonzagão. O cantor foi um sucesso nacional, responsável por difundir a música nordestina por todo o país.

Figura 6 - Luiz Gonzaga “O Rei do Baião”



Fonte: Macambira (2022)

Gonzaga foi considerado o “Rei do Baião”. O baião é um gênero musical que utiliza instrumentos como a viola caipira, flauta doce⁵⁸, sanfona⁵⁹, triângulo⁶⁰ e

⁵⁵ O mesmo que Arrasta-Pé, bate-chinela (Cascardo, 2012, p. 70).

⁵⁶ Mesma acepção de forró.

⁵⁷ Dança popular muito preferida durante o século XIX no Nordeste do Brasil (Cascardo, 2012, p. 88).

⁵⁸ Acordeona, gaita de foles (no Brasil velho), realejo, fole (nome idêntico no Norte de Portugal), harmônica. Diz-se gaita no Rio Grande do Sul que, no Nordeste e Norte, corresponde ao pífano e flautas rudimentares e rústicas. [...] inventada em 1827 (Cascardo, 2012, p. 630).

⁵⁹ O Dicionário de Larousse informa ter sido a acordeona inventada em 1827. Sua introdução no Norte brasileiro é ao redor da guerra do Paraguai, 1864-1870. A gaita parece ter aparecido anteriormente nas regiões meridionais (Cascardo, 2012, p. 630).

⁶⁰ Instrumento de percussão proveniente das bandas militares da Turquia que, nos séculos XVII e XVIII, foi assimilado pelas seções de percussão das orquestras sinfônicas europeias. Presente nas orquestras e na música folclórica de Portugal, chegou ao Brasil pela mão dos colonizadores portugueses. Feito de ferro, aço e alumínio, o triângulo é usado não apenas nas orquestras sinfônicas brasileiras, mas nas bandas civis e militares e em gêneros nordestinos ligados ao forró, como o xote, o xaxado e o baião. Também chamado no Nordeste de tengo-lengo, o som do instrumento é agudo e produzido através da percussão de um bastão de ferro, no triângulo.

zabumba⁶¹. Hugo Menezes Neto (2008, p. 17) articula sobre esses instrumentos e sua inserção no São João e nas quadrilhas juninas:

[...] as marchinhas juninas passaram a ser consideradas como a música oficial da quadrilha e do São João, posteriormente substituídas pelo forró “pé-de-serra” ou “arrastapé”, tocado por um “trio forrozeiro” (zabumba, sanfona e triângulo), sendo incluídos nos conteúdos simbólicos da tradição junina.

As músicas de Luiz Gonzaga fazem parte dos repertórios musicais utilizados pelos grupos juninos em suas apresentações. O modo de vida, assim como a música, e a figura do homem sertanejo são sempre retratados e lembrados, tanto nos festejos juninos quanto nas apresentações das quadrilhas juninas. Nesse sentido, segundo Pereira Júnior (2020, p. 138), “[...] as características sertanejas podem ser facilmente observadas, por exemplo, durante a realização dos festejos populares que pontuam o mês de junho. Os festejos juninos, tão bem cantados na música ‘Olha pro céu’ de Luiz Gonzaga [...]”.

O cantor geralmente se apresentava nos eventos e shows com as vestes de um cangaceiro, figura que caracteriza e representa uma certa identidade, a do povo nordestino. “Os cangaceiros são lembrados por suas roupas típicas: chapéus, sandálias e peças de couro, que eram usados como proteção contra a vegetação espinhosa da caatinga” (Gabatteli, 2017).

Luís da Câmara Cascudo (2012) comenta sobre esse grande cantor e compositor, que contava ao povo brasileiro, com suas músicas e revestido do cangaço, as histórias do sertão e dos nordestinos. Segundo Cascudo (2012, p. 88), “a partir de 1946 o grande sanfoneiro pernambucano Luís Gonzaga divulgou pelas estações de rádio do Rio de Janeiro o baião, modificando-o com a inconsciente influência local dos sambas e das congas cubanas”.

O trecho da música abaixo sobre quadrilhas juninas, composta por Zé Dantas⁶² e gravada por Marinês, traz um retrato sobre a dança como algo bom, praticada pela

⁶¹ Bombo, instrumento de percussão [...] (Cascudo, 2012, p. 737). Em vídeo de Luiz Gonzaga, pode-se observar a fusão dos instrumentos triângulo e zabumba. No mesmo vídeo, o Rei do Baião afirma que o tengo-lengo (triângulo) é o marido que ele mesmo escolheu para a zabumba. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=173908130938770> . Acesso em: 15 dez. 2023.

⁶² José de Souza Dantas Filho (Zé Dantas) foi compositor e grande parceiro de Luiz Gonzaga. Para mais informações: https://www.ebiografia.com/ze_dantas/. Acesso em: 15 dez. 2023.

maioria dos sertanejos, e chama atenção para a ausência da dança na capital nesse período:

Quadrilha é Bom
 Quadrilha é bom
 Quadrilha é bom
 Quadrilha é dança que não tem na capital
 No sertão tocou quadrilha
 Todo mundo vai dançar

Grita alavantu
 Grita anarrie
 Grita chame dama
 E cham de demanarriê

Torna a ir pra lá
 Torna a vir pra cá
 Que no balancê
 Vamos até o sol raiar
 (Zé Dantas, 1967)

O cantor Luiz Gonzaga acabou apadrinhando Marinês⁶³ como a Rainha do Xaxado. A cantora representou um marco musical nessa época, cantou essa, assim como muitas outras canções no ritmo do xaxado. A letra da música “Quadrilha é Bom” na voz da cantora permitiu o registro e difusão de uma mensagem da existência da dança da quadrilha, indicando-a como algo significativo para o povo sertanejo.

Marinês foi também uma grande artista divulgadora da cultura popular nordestina, usando sua voz como instrumento para essa propagação. Segundo estudos realizados por Claudeci Ribeiro da Silva (2009, p. 72), a cantora estava “[...] sempre usando chapéu de couro, o punhal, a cartucheira e todas as indumentárias típicas da região [...] sendo essa sua referência”, conforme pode-se observar na imagem a seguir (**Figura 7**).

⁶³ Marinês, nome artístico de Inês Caetano de Oliveira, foi uma cantora pernambucana de forró, xaxado e baião, que ficou consagrada com o grupo musical Marinês e sua gente. Disponível em: <https://www.lettras.com.br/marines/biografia>. Acesso em: 10 jan. 2024.

Figura 7 - Marinês a "Rainha do Xaxado"



Fonte: Alves (2019)

Marinês foi a primeira mulher a montar um grupo de forró. Ela gravou mais de 40 discos, tendo como maiores sucessos as músicas “Peba na Pimenta” e “Pisa na Fulô”, gravadas em 1957. A pesquisadora Claudeci Ribeiro da Silva (2009, p. 97-98) trata sobre o repertório da cantora:

O repertório de Marinês é muito representativo em relação à cultura do Nordeste e traz uma visão otimista as tradições e costumes do povo. Fala de São João e dos fogos, manifestações folclóricas durante o mês de junho, que buscam preservar marcas da cultura popular. As festas alegres, das comidas típicas da região e do divertimento do povo.

Falamos dos ritmos musicais e de alguns instrumentos que acompanham a dança junina, dentre esses instrumentos, um que bastante se destaca e identifica os grupos de quadrilha junina é a zabumba⁶⁴. Tereza Kátia Alves de Albuquerque (2013, p. 46) traduz, no excerto abaixo, o papel dos instrumentos musicais no ambiente das quadrilhas juninas:

As quadrilhas juninas surgiam das comemorações festivas no meio rural, sempre iniciando com o divertido teatro, denominado “casamento na roça”. O acompanhamento musical das festas geralmente era feito com instrumentos típicos utilizados: zabumba, triângulo e sanfona.

Em seu extenso dicionário, Luís da Câmara Cascudo (2012, p. 737) relata sobre este instrumento de percussão, o zabumba, e sua origem:

⁶⁴ Chamados comumente de a zabumba ou o zabumba.

Foi “quando governou Pernambuco o general José Cesar de Menezes, que apareceu aqui com o zabumba pela primeira vez” (O Carapuceiro, nº 15, de 1837). O zabumba é o instrumento popular, predileto, inseparável, dos nossos sambas, batuques, maracatus, pastoris e zé-pereiras e constituído como que a nota predominante, característica, daqueles divertimentos populares.

Outro ponto a se observar nas quadrilhas juninas são os passos da dança, dentre eles, temos o xaxado, bastante destacado nas apresentações. Tão caro ao povo nordestino – e de tamanha grandiosidade para a sociedade brasileira, pelo seu valor histórico – seu grande propagador foi o tão conhecido cangaço⁶⁵ Virgulino Ferreira, mais conhecido como Lampião, “O Rei do Cangaço”. A **Figura 8**, a seguir, ilustra esse personagem:

Figura 8 - Lampião: divulgador do xaxado no Alto Sertão



Fonte: Uzêda (2021)

Nos escritos de Luís da Câmara Cascudo (2012), a dança, amplamente divulgada entre as décadas de 1946 a 1956, era “[...] exclusivamente masculina, originária do Alto Sertão de Pernambuco, divulgada até o interior da Bahia por Lampião e os cabras do seu grupo” (Cascudo, 2012, p. 732). Outros passos também são considerados tradicionais e sempre aparecem no decorrer da dança. Albuquerque (2013, p. 15) confirma esse ponto ao afirmar que:

Em dez anos (de 2001 a 2011) as quadrilhas sofreram mudanças em relação a alguns aspectos, como: os brincantes se caracterizam conforme o tema da dança; coreografia, os grupos são obrigados a executarem, no mínimo, quatro passos tradicionais nos concursos.

⁶⁵ Bandos de homens valentes, resistentes, com valores e códigos de coragem, força e justiça (Santos, 2022).

No artigo publicado no site JR, é possível compreender alguns exemplos de passos considerados tradicionais na dança da quadrilha junina, a exemplo de: **a grande roda**, no qual os casais formam uma grande roda, de mãos dadas ou não, executando vários passos dançando, fazendo vários movimentos noivos (a imagem localizada à esquerda, na **Figura 9**, ilustra esse passo); **“olha o túnel!”**, nesse passo, as damas, de frente para os cavalheiros, elevam os braços para cima e, de mãos dadas, fazem o túnel, os primeiros a passar por ele são os noivos (a imagem localizada à direita, na **Figura 9**, ilustra esse passo); **serrote**, nesse passo, o casal dá-se as mãos, cruzadas, imitando um serrote em movimento; **passeio na roça**, durante esse passo, casais saem passeando de mãos dadas, mexem, acenam e sorriem para o público; **cumprimentar**, nesse momento, os cavalheiros cumprimentam as damas, e vice-versa; **balancê**, durante a execução desse passo, damas e cavalheiros balançam os braços naturalmente; **anarriê**, ao ouvirem “anarriê”, as damas e os cavalheiros separam-se, formando duas colunas; há também o **xaxado**, já explicado anteriormente, dentre outros (Junior, 2018).

Figura 9 - Passos tradicionais das quadrilhas juninas



Fonte: Mendes (2015)



Fonte: Machado (2022)

A **Figura 10** refere-se a uma apresentação do grupo junino simõesfilhense Cochilou Cachimbo Cai (1984), enquanto executam o passo do passeio na roça:

Figura 10 - Passo Passeio na Roça

Tema: Xaxado
Figurino: Rosy Coelho
Coreografia: Rosy Coelho
Concurso: Ao Pé da Fogueira
Classificação: 3º Lugar
Ano: 1984

Fonte: Arquivo pessoal de Rosy Coelho⁶⁶

Sobre um dos momentos da apresentação do grupo Cochilou Cachimbo Cai, a respeito do xaxado, Rosy Coelho relembra:

[...] A gente colocou o xaxado na quadrilha e nós fomos pro Balbininho com esse xaxado, nós ficamos em terceiro lugar. O Balbinho parou. Era uma coisa muito simples o xaxado que a gente colocou, era só marcação em palmas, de dois, e prum lado e pru outro e o pra frente e pra trás [...]. E hoje xaxado é um movimento obrigatório de quadrilha. Está lá dentro de quase todas as quadrilhas [...] (Coelho, 2021).

Junto a todos esses passos, os brincantes seguem ao comando do marcador. Segundo Estevam (2019, p. 46), o marcador é “[...] um personagem que está presente em todos os modos de fazer quadrilha, ele é o senhor regente do espetáculo, é a voz de comando do grupo, é quem decide quando começa e finaliza a apresentação, esse é o marcador”.

3.1.2 Quadrilhas juninas: do tradicional ao atual

A evolução das quadrilhas juninas, do estilo tradicional para o estilizado, foi deixando marcas nas diversas regiões do país. Para Jane Ermice de Melo (2006, p. 3-4), esse estilo de quadrilha junina coaduna com o episódio descrito abaixo, que ocorreu entre o final da década de 1980 e início da década de 1990:

No início da década de noventa, ao ser entrevistado por uma rede de TV, em um programa de auditório, um “quadrilheiro” dava conta de

⁶⁶ Foto cedida pela entrevistada Rosy Coelho.

que, a travessia da quadrilha tradicional à estilizada devera-se ao fato de um grupo pernambucano homenagear o povo gaúcho, numa época em que os estados da Região Sul ensaiaram um movimento separatista donde se conseguissem, o novo país se denominaria de República dos Pampas. O movimento não prosperou, contudo, a tendência do folclore gaúcho especialmente as danças e as indumentárias foi um braço para a derivação da quadrilha estilizada. Na fase de transição de estilo, as quadrilhas se apresentavam com bombachas, chapéu de feltro, lenços vermelhos no pescoço, boleadeiras. As moças com trajes e adereços também fazendo uma alusão à indumentária típica das danças sulistas, diferente dos vestidos de chita da quadrilha tradicional ou matuta.

Luciana Oliveira Chianca (2007) relata como esse estilo se deu na região de Natal, estado do Rio Grande do Norte. Conforme os registros de Chianca (2007, p. 52), esse estilo aparece nos anos 90:

Embora a data exata de sua aparição seja objeto de polêmica, em Natal os grupos estilizados apareceram a partir de meados de 1990, seguindo um processo lento e progressivo de transformação interna da dança tradicional que atinge uma maior visibilidade a partir de 1995, nos grandes concursos de quadrilha promovidos pela prefeitura e pelas subsidiárias locais da TV Globo e do SBT. A real paternidade do movimento parece difusa, sendo constituída a partir de diversos grupos que teriam recorrido de modo pontual e simultâneo a lantejoulas, paetês, novos tecidos, maquiagem, roupas e depois novas coreografias e temas inovadores na apresentação.

Na Bahia, há registros da mudança do tradicional para o estilizado desde a década de 1980. Leal (2004) corrobora que, nesse período, houve uma nova inserção na modalidade da dança, para ele, “[...] o boom de 1980 derivou outras modalidades de quadrilhas, trazendo à baila questão do moderno, do tradicional e do novo, das influências culturais externas e da necessidade de ressaltar a cultura regional” (Leal, 2004, p. 16).

Os artigos abaixo, publicados no *Jornal A Tarde* nos dias 7 e 21 de junho de 1988, respectivamente, discutem a questão das quadrilhas se apresentando com um viés estilizado, ou seja, mais sofisticadas, mais exóticas e mais luxuosas:

Antes as quadrilhas se apresentavam vestidas de Chita, tamanco e chapéu de palha. Hoje, as coisas estão estilizadas, graças a Deus. Teve um ano em que usamos veludo e bico, e ganhamos todos os concursos (Leite, 1988).

Afinal, quem nunca participou ou ao menos assistiu interessado a uma quadrilha, divertindo-se em tentar executar os passos em conjunto ou rindo dos tropeços e improvisos? Hoje alvos de concursos, muitas quadrilhas chegam a ser promovidas com produções super-sofisticadas, explorando temas exóticos e incorporando alegorias e coreografias complicadíssimas. Mas no fundo conseguindo manter algumas características insubstituíveis: o marcador sempre muito divertido e falador, “as damas prum lado e cavalheiro pro outro” e uma série de passos e marcações básicos (Redação, 1988)

José Amorim dos Santos (1990), diretor/presidente do grupo de quadrilha junina Vai Não Vai à época, em uma entrevista dada ao mesmo jornal, relata sobre a mudança na tradição, referindo-se às indumentárias e ao novo formato de avaliação das apresentações dos grupos:

[...] naquele tempo as quadrilhas eram mais simples, ganhava quem apresentasse maior animação. As roupas eram de chita, em tecidos quadriculados, e se usava tamanco ou chinelo “hoje em dia há uma exigência maior é preciso ter luxo se não as pessoas olham atravessadas [...]” (Santos, 1990)⁶⁷.

Valter Mangabeira (2021) refere-se à questão do novo rumo que as quadrilhas juninas tomaram. Em seu diálogo, é possível perceber uma certa impertinência com relação a essa mudança:

[...] foram na realidade mudando para a Estilizada, e aí começou a enfeitar demais a quadrilha [...]. A gente colocou um tema chamado: “As Duas Faces do Forró”. Porque a gente entrava de muito luxo, muito luxo mesmo. Era cetim dos pés à cabeça, bota. A gente dançava como as quadrilhas dançavam no estilizado, mantivemos esse estilizado na quadra, quando levava uns cinco minutos [...], a gente parava e falava: não, isso não é quadrilha junina, nós queríamos mostrar o que é uma quadrilha junina e aí, a roupa era toda de velcro, ninguém observava, mas era toda de velcro e quando a gente arrastava a roupa por baixo, vinha totalmente tradicional, e aí a gente dançava, o pé no chão [...].

Acima, Valter Mangabeira (2021) descreve uma apresentação do grupo Em Cima da Hora, que ocorreu na década de 1990, quando levaram para a encenação o tema “As Duas Faces do Forró”, apresentando as duas vertentes da dança junina, o estilo tradicional e o estilizado.

⁶⁷ QUADRILHA SERÁ HOMENAGEADA. Tamanco e Chita. **Jornal A Tarde**, Salvador, p. 3, 20 jun. 1990.

Em seu depoimento, é possível perceber uma crítica quanto ao rumo que as quadrilhas juninas estavam tomando, por isso, a escolha desse tema. As quadrilhas juninas tornavam-se cada vez mais luxuosas, mais enfeitadas, e, dessa maneira, estavam sendo deixados para trás aspectos mais característicos de originalidade. As quadrilhas que mais se destacavam eram aquelas que mais dançavam, mais animavam o público, tinham mais ritmos, dançavam dentro do tempo estipulado, e também as que tinham mais criatividade em figurino e musicalidade. Na **Figura 11**, o registro de duas brincantes caracterizadas em suas vestes com os referidos figurinos:

Figura 11 - Grupo Em Cima da Hora (1990)



Fonte: Arquivo pessoal de Valter Mangabeira

Na explanação de Rosa Cavalcante (2021), ela aborda uma apresentação realizada pelo grupo Xodózinho, com um viés de quadrilha estilizada, saindo do formato tradicional (matuto), partindo agora para um estilo mais inovador. O próprio tema escolhido e preparado para as apresentações daquele ano trouxe esse chamariz:

[...] São João Ontem e Hoje [...], a menina, Patrícia, apresentava o ontem, aí daqui a pouco quando o povo pensava que a quadrilha, que a dança tinha terminado, aí a menina entrava, [...] dançava no meio, até os jurados ficavam assustados [...], a menina, toda, um caipira luxo, luxo, luxo mesmo [...]. Agora o ontem era assim também, olha a cobra, olha a chuva, é mentira, começou assim, o ontem, como era

antigamente e aí (risadas) daqui a pouco dava uma parada, quando dava aquela parada, mudava tudo, mudava tudo, pense numa quadrilha que mudava até roupa no salão [...]. Na torcida, era grito, a torcida era enorme [...].

Por sua vez, Lindivaldo Alves Campos (2021) aponta a evolução das quadrilhas juninas da cidade, de quando elas migram do estilo tradicional para o estilizado, ou de competição:

[...] A evolução das quadrilhas em Simões Filho ela se dá já nos anos 80, né, entre os anos 80 e 90, onde sai daquele ambiente de escola e já são aquelas quadrilhas com, com os trabalhos mais aplicados, com pesquisa, já trabalhando com cenário né, figurinos diferentes. Já sai daquela, daquele modelo de quadrilha que a gente viu na escola; cavalheiro cumprimenta a dama e tal, embora algumas quadrilhas ainda permanecesse [...].

Uma grande referência citada na maioria dos depoimentos dos entrevistados foi Dona Flora⁶⁸, costureira e figurinista. Ela costurou, confeccionou e desenhou diversos figurinos para a maioria dos grupos juninos da cidade. Muitas vezes, esses figurinos angariaram pontos nas apresentações, o que contribuía para a classificação dos grupos em inúmeros concursos e campeonatos de quadrilhas juninas. No **Anexo A**, é possível verificar o regulamento de um dos concursos de quadrilhas juninas que aconteceu no *Arraiá da Capitá*, no ano de 1989.

Segundo Rosy Coelho (2021), o grupo Cochilou Cachimbo Cai⁶⁹ foi pioneiro em levar grandes inovações aos concursos televisionados: “[...] nós fomos a primeira quadrilha que levamos um tema e cantamos o tema todo [...], que foi Morte e Vida Severina, o poema de João Cabral de Melo Neto [...]”. Rosy, nessa fala e na seguinte, refere-se a algumas das apresentações que ocorreram no *Arraiá da Capitá*⁷⁰ com um viés de quadrilha junina, já no modo estilizado:

[...] A gente veio com o São João Babados e Bicos, aí a gente ficou de pontuação lá em cima, [...] a gente veio um luxo só, tá? [...] O colorido[...] tinha aqueles biquinhos de renda [...]. Foi um figurino, [...] a gente sempre era esperada, porque a gente sempre trazia coisas diferentes [...].

⁶⁸ Dona Flora não chegou a ser entrevistada, mas em quase todas as entrevistas ela foi citada. O reconhecimento pelo seu trabalho é percebido pela maioria dos presidentes e representantes dos grupos juninos simõesfilhenses.

⁶⁹ Mais detalhes sobre os grupos de quadrilhas juninas simõesfilhenses estão presentes na 4 seção.

⁷⁰ Trataremos mais adiante sobre este e outros concursos e campeonatos de quadrilhas juninas.

Como vimos, as quadrilhas juninas, ao longo dos tempos, desde a sua criação, passam por constantes transformações. Albuquerque (2013, p. 103) revela que elas se tornaram muito mais “[...] dinamizadas no momento da competição, oferecendo ao público uma dança de quadrilha espetacularizada”. De matuta ou tradicional ao modo estilizado, hoje, muitos desses grupos apresentam-se em forma de grandes espetáculos.

Jane Emirce de Melo e Soiane Gomes de Paula comentam sobre as mudanças e o esvaecimento das quadrilhas juninas ditas tradicionais:

A quadrilha de roupas remendadas, chapéu de palha, de passos molengos e caricaturados, do som à base da sanfona do triângulo e do zabumba foi se afastando do cenário junino especialmente [...] atingindo todos os estados do Nordeste [...]. Enquanto isso, a quadrilha estilizada já conquistou o seu espaço, continua em escala ascendente, recriando e inovando num ritmo alucinante de pesquisa e atualização estética. Ligada à outra por um fio tênue [...] (Melo, 2006, p. 3).

Os extintos concursos, principalmente o Ao Pé da Fogueira, foram importantíssimos para o estímulo à produção de espetáculos juninos, desenvolvimento de grandes coreografias e profissionais da Dança, Teatro e Música. Não tínhamos consciência de que estávamos sendo espetacularizados e nos deixando espetacularizar, víamos uma oportunidade de aparecer na televisão, além da busca pela premiação, quase nunca em dinheiro mais em produtos diversos. Os efeitos da espetacularização, que sufocam os grupos juninos exigindo sempre mais a cada ano: mais dança, figurinos, profissionais, cenários, componentes, efeitos e surpresas, custou caro e ocasionou no esgotamento e extinção de mais da metade dos grupos [...]. Esta consciência foi chegando a partir dos anos 2010 quando o movimento de quadrilhas de Salvador se vê com pouquíssimos grupos e nenhuma política pública, que lhe assegure a continuidade (Paula, 2020, p. 105).

Valter Mangabeira apresenta um quadro preocupante sobre a extinção dos grupos de quadrilhas juninas: “quando eu era da AQJEBA⁷¹, nós tínhamos em Salvador cento e quarenta e oito quadrilhas juninas, hoje nós temos duas” (Mangabeira, 2021). Outra questão que Carla Cavalcante chama a atenção é sobre os custos elevados que eram necessários para as apresentações: “quando entrava na quadrilha a gente já sabia o valor que a gente ia gastar né, que a gente ia ter esse

⁷¹ Antiga Associação de Quadrilhas Juninas do Estado da Bahia (AQJEBA), atualmente, o nome da entidade passou a ser Federação Baiana de Quadrilhas Juninas (FEBAQ).

gasto, nos passos nas apresentações, a gente pagava transporte, a gente pagava roupa, então tudo era caro” (Cavalcante, C., 2021).

O cenário dos grupos juninos afastou-se do aspecto tradicional e aproximou-se de um cenário semelhante a um espetáculo, com apresentações mais parecidas com uma escola de samba. É isso o que geralmente se vê, hoje em dia, em determinadas apresentações de quadrilhas juninas e em certos lugares onde ainda se pode apreciar essa cultura. Segundo Albuquerque (2013), nos dias atuais, observa-se uma nova forma de produzir quadrilha, inserindo efeitos de iluminação, com cenários de palco gigantescos e acabamentos perfeitos. Nesse sentido, “as quadrilhas se inovaram de maneira tal que ela criou os passos próprios, foi se inovando, é uma dança que a gente não conhece mais aquela quadrilha” (Albuquerque, 2013, p. 2). Jane Ermice de Melo também trata sobre essa inovação, onde a quadrilha junina:

[...] se distancia do formato da tradicional quadrilha matuta ou tradicional [...], exibindo uma profusão de novos elementos aproximando-se do estilo carnavalesco numa ruptura brusca ao formato tradicional cuja base se consubstancia de roupas de chita, chapéu de palha, estilo satírico e caricaturizada (Melo, 2006, p. 4).

Essa ruptura com o estilo tradicional das quadrilhas juninas, pode ser observada mais claramente a partir da reflexão de Carla Cavalcante. Segundo ela, “hoje se você ver as quadrilhas muito rica, né. Eu digo, hoje, eu não conseguiria dançar em uma quadrilha, pelos passos que estão colocando hoje, porque, parece que só são coreógrafos que dançam. E a roupa, a vestimenta, muito caro” (Cavalcante, C., 2021).

A **Figura 12** ilustra duas apresentações de quadrilhas juninas, uma nos moldes dos anos de 1990, onde é possível perceber os trajes mais tradicionais – a exemplo dos chapéus de palha decorados, vestidos coloridos de cores intensas, com seus inúmeros babados etc.; e a outra nos moldes mais atuais, mais especificamente, do ano de 2023, onde quase não é possível perceber que é uma apresentação de quadrilha junina.

Figura 12 - Quadrilha junina: do antigo ao atual



Fonte: Pitta (2021)



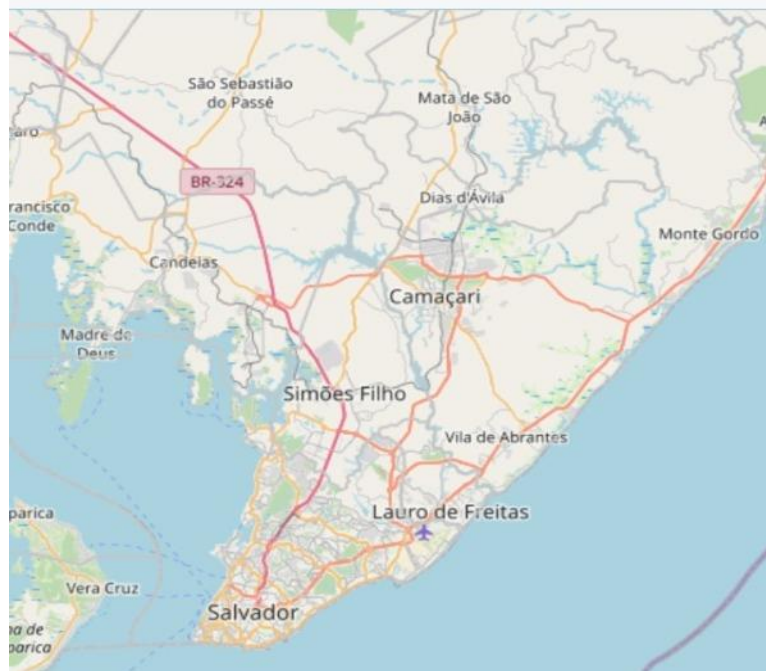
Fonte: Folha BV (2023)

Partindo desses princípios, para a construção desta pesquisa, foram necessários os três elementos: Teoria, Método e Criatividade, “[...] três ingredientes ótimos que, combinados, produzem conhecimento e dão continuidade à tarefa dinâmica de sondar a realidade e desvendar seus segredos” (Deslandes; Gomes, 2009, p. 7).

4 QUADRILHAS JUNINAS: UMA TRADIÇÃO NA CIDADE DE SIMÕES FILHO

De acordo com Oliveira (1992), o município de Simões Filho faz parte da Região Metropolitana de Salvador (RMS) e possui os seguintes limites geográficos: ao Norte de Simões Filho estão os municípios de Candeias e Camaçari; ao Nordeste e Leste da cidade, encontra-se o município de Camaçari; ao Noroeste, encontra-se Candeias; ao Sudoeste de Simões Filho, localiza-se o município de Lauro de Freitas; a capital baiana, Salvador, encontra-se ao Sul do território simõesfilhense; e a Oeste, o território é limitado pela Baía de Todos os Santos. Vejamos no mapa (**Figura 13**) onde fica as imediações do município:

Figura 13 - Mapa da Região Metropolitana de Salvador (RMS)



Fonte: Instituto de Geografia e Estatística - IBGE (2022)

A respeito de sua população⁷², segundo o Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), realizado em 2010, a cidade contava com um total de 118.047 habitantes. Nesse período, Simões Filho ocupava o 7º lugar no ranking dos municípios baianos em relação à economia do estado. Ao compararmos com os dados atualizados pelo último Censo, realizado em 2022, observa-se que houve uma queda

⁷² Na década de 1960, Simões Filho recebeu um grande fluxo migratório, decorrente da implantação do Centro Industrial de Aratu (CIA), firmando-se definitivamente o Núcleo Habitacional, como consequência da mão-de-obra aproveitada (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 23).

do número de habitantes para 114.441. Além disso, a economia de Simões Filho também caiu para o 9º lugar do ranking.

Como um município constituído por mais de trinta bairros, sendo alguns deles locais históricos⁷³, dois bairros simõesfilhenses merecem destaque especial, a saber: Pitanga de Palmares, reconhecido como território quilombola, e o Tanque do Coronel, grande fazenda banhada por um imenso rio, lá encontram-se registros de que ali houve escravos sacrificados. Segundo Antônio Apolinário da Hora (2005, p. 43), o bairro do Tanque do Coronel tratava-se de “[...] área de um certo coronel no tempo da escravidão, que ali sacrificava seus trabalhadores”. Em seus escritos, o autor relata a existência de pelourinhos submersos, nas águas fundas, inclusive, num grande tanque, cheio de correntes. A comunidade de Pitanga de Palmares, antes denominada Fazenda Coqueiro:

É uma expressão cultural centenária portadora de referência a identidade de um importante grupo formador da sociedade brasileira: as comunidades negras recém-liberadas que viveram e trabalharam como agregados nas fazendas de áreas rurais do entorno de Salvador nas décadas após a abolição da escravatura no país, e os seus descendentes. Grupos de tradição oral, narram através das suas festas, cantigas, versos, danças, dramatizações as suas visões de mundo e formas de viver, sua relação com o divino, com a natureza e com as pessoas, suas ores e esperanças (Silveira, 2020).

O município de Simões Filho era grande produtor de açúcar mascavo. Esse produto era exportado para o mercado europeu, e o embarque ocorria “[...] no Dambi⁷⁴, local onde se encontrava a Capela de Cotegipe” (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 15). Desse local, o açúcar produzido seguia para Portugal. Segundo Oliveira (1992), a população de Água Comprida era basicamente composta por trabalhadores rurais, que prestavam serviços aos fazendeiros da região. Dentre essas fazendas, destaca-se a “[...] fazenda de Dr. Cícero Simões⁷⁵, local hoje conhecido como “Km 30” (quilômetro trinta), em virtude de ali ficar a placa indicativa

⁷³ 1º de julho, Centro/Sede, Passagem do Fogo Simbólico. A tocha com o fogo simbólico é conduzida por meio de revezamento entre atletas jovens e veteranos. Ela percorre sete municípios (Cachoeira, Santo Amaro, Saubara, São Francisco do Conde, Candeias, Simões Filho e Salvador). Simões Filho é a penúltima cidade a receber o fogo simbólico que segue para o bairro de Pirajá, em Salvador (Tavares *et al.*, 2019, p.131)

⁷⁴ O nome do local conhecido como Dambi, por vezes é citado em outras fontes consultadas pelo nome de Dami.

⁷⁵ Cícero Simões da Silva Freitas é considerado o primeiro prefeito do município de Simões Filho. Sua gestão foi no período de 1963 a 1966.

do quilômetro trinta da Estrada de Ferro Salvador/Alagoinhas” (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 15). Nessa época, já havia também a rodovia que ligava Salvador a Feira de Santana, além da já referida linha férrea. Antônio Apolinário da Hora aponta, em seu livro, outras fazendas que existiam nesse território, que posteriormente formou o município:

Fazendas Aratu, Cotegipe e Santo Antônio dos Vargas, pertencentes a Magalhães Indústria e Comércio S/A; da Fazenda Mapele, de propriedade do Dr. Gordilho e família; da Fazenda Santa Luzia, da qual teve grande plantação de cana-de-açúcar e uma usina que transformava a referida plantação em açúcar e demais derivados, da Fazenda Santa Rosa, que hoje dos herdeiros do Dr. Antônio de Moraes e demais fazendas do subdistrito de Góis Calmon e de Várias propriedades menores, destacando-se Pitanguinha, Cova da Gia, Lobão, Santo Antônio Rio das Pedras, Palmares e Paramirim, esta pertencente ao Sr. José Teive e Argolo (Zezinho Argolo), descendente do antigo dono de Água Comprida, Coronel João Esteves de Teive e Argolo. Além das propriedades citadas, faziam parte também a Grande leiteira do Instituto de Pecuária da Bahia S/A e a Colônia Agrícola de Água Comprida, pertencente ao Estado e servida por famílias de colonos japoneses (Hora, 2005, p. 30).

Além das localidades supracitadas, a cidade dispõe de lindos locais históricos e turísticos. Na **Figura 14**, é possível visualizar alguns deles. Na primeira imagem, localizada na parte superior-esquerda, pode-se observar as ruínas da Paróquia São Miguel de Cotegipe⁷⁶; na imagem abaixo, à esquerda, vê-se o Porto de Aratu; a Cachoeira do Lobão, localizado no bairro do Lobão, aparece na imagem superior, à direita; e, abaixo dela, observa-se o Tanque do Coronel, localizado no bairro do CIA II:

⁷⁶ Igreja construída em 1608 pelo quarto bispo do Brasil, D. Constantino Barradas.

Figura 14 - Ruínas da Igreja São Miguel, Baía de Aratu, Cachoeira do Lobão e Tanque do Coronel



Fonte: Prefeitura de Simões Filho (2021)



Fonte MapeleNews (2021)



Fonte: Prefeitura de Simões Filho (2021)



Fonte MapeleNews (2021)

Sobre as festas tradicionais religiosas, que circundavam a cidade na época de Água Comprida, há o exemplo de São Cosme e São Damião, comemorada no dia 27 de setembro, ainda hoje há algumas poucas celebrações para esses santos na cidade. Além disso, havia celebrações para Santa Barbara, em 4 de dezembro, e Santa Luzia, comemorada no dia 13 do mesmo mês. Havia uma tradição da festa de Santa Luzia, onde alguns caminhoneiros:

[...] usavam os seus veículos como lotação, tipo “pau-de-arara”⁷⁷, para conduzir os devotos de Santa Luzia, que aguardavam transporte na Estação Ferroviária⁷⁸, da antiga Água Comprida, para o local da festa em torno do Grotão do Milagre de Santa Luzia da Mata de Aratu⁷⁹ (Hora, 2005, p. 61).

O local de realização dessa festa era em Santa Luzia da Mata de Aratu, que ficava nas proximidades dos bairros CIA I e CIA II, mais especificamente na Quadra 7

⁷⁷ Denominação popular dos veículos que transportam os sertanejos nordestinos para os estados do Sul. O improvisado e precário arranjo para acomodar as famílias, a promiscuidade, o desasseio, o rumor incessante das vozes dos homens, mulheres e crianças, associou o caminhão à imagem do pau de arara, gradeado de madeira em que os psitacídeos são levados para os mercados citadinos (Casculo, 2012, p. 540)

⁷⁸ A Estação Ferroviária, localizada ao lado da “Praça da Bandeira”, a mais importante do município, foi construída no governo do Dr. Getúlio Vargas, sendo diretor da viação Férrea Federal Leste Brasileiro, o engenheiro Lauro Farani Pedreira de Freitas. Foi inaugurada em 23.06.43 (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 67).

⁷⁹ Atualmente, o mato tomou conta do local, por conta disso, praticamente, não se tem mais acesso ao espaço.

do CIA I, atrás do Colégio Polivalente de Aratu. Segundo Hora (2005, p. 61), “a tradicional festa atraía devotos de toda as cidades vizinhas da região [...], era fantástico o movimento de gente que ia e vinha andando a pé, a cavalo e, a maioria de carro”.

Outras festas e manifestações culturais também eram tradição em determinados lugares da cidade, a exemplo de Pitanga de Palmares, Queimada da Palhinha⁸⁰, Parteiras, Ervateiras, Mapele, Festas dos Pescadores, Saturnino Repentista, Cavalgadas⁸¹. Além disso, em quase toda a cidade, havia a lavagem dos bairros, como no CIA I, CIA II, Pitanguinha Nova e Velha.

Sobre o local do Grotão do Milagre de Santa Luzia da Mata de Aratu. Estive lá, mais ou menos no ano de 1999, se não me falha a memória; na verdade fui em busca de água potável, pois o bairro do CIA II, nessa época, faltava muito. Fiquei encantada com o local de bela natureza, o cesso ao local ainda era tranquilo, mas, na verdade, não lembro na época de ter conhecimento, que era um local histórico religioso, vim saber há algumas semanas atrás conversando com uma colega da comunidade, que por acaso, passou essa informação.

Sobre as lavagens que ocorriam na cidade, lembro me bastante e, participei de várias, e em vários bairros: Pitanguinha Velha, morei neste local e parte da minha família ainda reside lá; Nova Pitanga; CIA I, bairro em que morei com minha Tia; lembro-me também de algumas vezes em que fui apreciar a festa no bairro do CIA II, bairro onde resido atualmente (Figueiredo, 2023).

Outras dessas tradições referem-se aos festejos e quadrilhas juninas. Antônio Apolinário da Hora traz um recorte de como eram os festejos juninos, quando o município ainda se chamava Água Comprida, explicando também sobre o feriado de São Pedro:

As festas juninas em Simões Filho, na época da Antiga Água Comprida, eram bastante animadas. Fazia-se fogueira em todas as casas, inclusive na véspera de São Pedro, pois ainda não havia sido extinto o feriado do referido Santo, pelo então presidente da república Marechal Humberto Castelo Branco. Os moradores colocavam árvores próximas das fogueiras e enfeitavam os terreiros com folhas

⁸⁰ Detalharemos mais sobre a Queimada da Palhinha na seção 4, quando falaremos sobre o grupo de quadrilha junina Arraiá do Zezão.

⁸¹ Essa tradição, depois do período da pandemia e ao longo da gestão atual da prefeitura de Simões Filho (2017-2020; 2021-2024), tem ganhado mais força e visibilidade. Para mais informações, ver matérias a seguir. Disponível em: <https://camarasimoesfilho.ba.gov.br/tag/cavalgada/>. Acesso em: 12 dez. 2023; Disponível em: <https://mapelenews.com.br/ii-cavalgada-entre-amigos-resgata-tradicao-da-cultura-nordestina-em-simoes-filho/>. Acesso em: 12 dez. 2023.

de pindoba⁸² e bandeirolas que iam até às salas de visita das residências, dando um tom festivo juntamente com os balões ornamentando as residências (Hora, 2005, p. 63).

Apesar da extinção do feriado, que antes era considerado nacional, em Simões Filho, assim como em alguns municípios e estados, o feriado prevalece. E é justamente no dia desse santo junino que a cidade realiza sua grande festa, que geralmente acontece em três dias consecutivos: o *Arraiá das Viúvas*.

Erivalda de Oliveira e Alvai Ferreira (2008)⁸³ apresentam, em seus escritos, como eram realizados antigamente os festejos juninos na cidade, especificamente, no bairro de Ponto Parada: “vinham às festas juninas onde todas as pessoas davam início com a Trizena do Santo Antônio, onde as moças solteiras rezavam durante treze sextas-feiras para poder conseguir um noivo [...]”. Acrescentando mais detalhes e particularidades sobre os festejos juninos, as autoras prosseguem, ao afirmar que “as casas não faltavam animação, tinham muitas comidas típicas, forró, bebidas, e fogueiras de todo tipo acesas nas casas de cada morador” (Oliveira; Ferreira, 2008). Ao tratar sobre as quadrilhas, Oliveira e Ferreira (2008) trazem mais informações, sobretudo acerca da organização das quadrilhas do bairro, assim, elas afirmam que “[...] as danças que as pessoas paravam para apreciar eram as apresentações de quadrilhas tradicionais e quem organizava era Sr. Renato, hoje falecido, D. Nilza, Mourinha, Vera e Erivalda”.

Essa era uma forma de viver a tradição junina em comunidade. Nesse sentido, Melo (2006, p. 2) afirma que “as danças [...] se encontram fortemente presentes nas comemorações coletivas, especialmente durante os festejos joaninos como o forró pé de serra, o xaxado, o baião, o maxixe, o rojão, e a mais festejada de todas a quadrilha junina [...]”.

O *Arraiá das Viúvas*, também conhecido como *Forró das Viúvas*, é considerado a festa junina oficial e tradicional do município de Simões Filho. Uma das principais e mais tradicionais festas que movimenta consideravelmente a economia da cidade. O

⁸² Também chamada de babaçu, todas as partes da pindoba são utilizadas de alguma forma. Os talos da palmeira podem ser utilizados na fabricação de uma série de móveis artesanais, bem como a chamada de frutos drupáceos, contém sementes oleaginosas que são comestíveis, dessas sementes é extraído um óleo que é muito utilizado em remédios e em alimentos. É muito encontrada no Piauí e no Maranhão, sendo uma planta bastante característica da mata de Cocais, que é uma zona de transição entre as florestas da bacia amazônica e as regiões semiáridas do Nordeste. Disponível em: <https://agro20.com.br/pindoba/>. Acesso em: 30 mar. 2023.

⁸³ Por se tratar de um artigo publicado em um blog, não é possível indicar as páginas. Faz-se necessário também sinalizar que o artigo foi postado em 2013, embora a data de publicação seja de 2008.

evento normalmente é realizado no centro da cidade, geralmente, entre algumas dessas três praças: A Praça da Bandeira, Praça da Bíblia ou na Praça Ernesto Simões. O Arraiá foi criado por Carlos Bispo, que chegou ao município:

[...] no ano de 1969 [...]. Ao longo dos mais de cinquenta anos de atividades no município, atuou na gestão do prefeito João Filgueiras Simões Filho, como nomeado no período de 1975 a 1985, quando através da empresa Propago Som prestava serviços de locução e participava de eventos como Micareta, São João, entre outros. Já na gestão do prefeito Eduardo Santana Simões, que governou de 1985 a 1988, fora nomeado como coordenador de eventos e criou o Forró das Viúvas nos festejos de São Pedro [...] (Ferreira, 2019).

Rosy Coelho (2021) comenta sobre um dos eventos que aconteceu na cidade, entre os anos de 1980 a 1990⁸⁴, no Conselho de Moradores do CIA I, segundo ela, “a gente tinha uma festona da Cochilou no Conselho de Moradores, que vinham as quadrilhas, as melhores quadrilhas do Estado, é pra cá, pra o CIA I. Então, era uma festa enorme” (Coelho, 2021).

A **Figura 15**, cedida por Rosy Coelho, é de um dos grupos de sanfoneiros que atendeu e animou diversas quadrilhas juninas do município, em especial, o grupo Cochilou Cachimbo Cai:

Figura 15 - Dorjão e Sua Gente⁸⁵



Fonte: Arquivo pessoal de Rosy Coelho

Lindivaldo Campos (2021) faz um destaque em sua fala sobre o grupo em questão:

⁸⁴ Rosy Coelho não soube precisar o ano exato das fotos, lembra-se apenas que foram registradas entre os anos de 1980 e 1990.

⁸⁵ Atualmente, o grupo é mais conhecido como Dorjão do Nordeste.

[...] E os sanfoneiros? Não se faz quadrilha sem sanfoneiro né, os que se destacavam né, os que mais trabalharam, participando, passaram pelas quadrilhas é Dorjão, [...] que a gente chama de Dorjão do Nordeste, Marinho, [...] e Zé Augusto, foram os sanfoneiros que mais tocaram quadrilhas juninas, é, é, em Simões Filho.

O grupo de Dorjão sempre esteve muito presente, em ensaios e nas apresentações de quadrilhas juninas do município, desde quando ele iniciou sua carreira como sanfoneiro. Seu engajamento na música realmente começou com os grupos de quadrilhas. Nesse sentido, o grupo de Dorjão animou as quadrilhas juninas Em Cima da Hora, Bem Me Quer e Cochilou Cachimbo Cai, neste último grupo, esse conjunto tocou por seis anos consecutivos. Sua primeira apresentação em público aconteceu na Sede do CIA I, sendo um dos fundadores da festa de largo do São João de Amargosa. Uma matéria publicada no *Jornal A Tarde*, em 29 de junho de 1990, informa sobre o acontecimento do *Arraiá das Viúvas*, que marca a presença do grupo:

A cidade de Simões Filho vai prolongar até amanhã a sua tradicional festa de São Pedro, que começou ontem e constitui-se numa das opções dos baianos para o encerramento dos festejos juninos. A programação da festa foi preparada com bastante antecedência, num projeto denominado “São Pedro 90/Forró da Viúva”, que deve manter a tradição de sucesso deste festejo que se repete anualmente, transformando a Praça da Bandeira num palco para shows folclóricos e artísticos [...]. Estão previstas apresentações dos trios Alegria do Sertão, Sertanejo do Forró, Dorjão e Sua Gente e da Saudade [...]. O ponto alto da programação, segundo os organizadores do evento, será o concurso de quadrilha em nível estadual, que tem finalíssima marcada para amanhã, dia 30; reunindo as quadrilhas Denguinho de Iaiá, Santa Fé, Arraiá Desejo, Rosa Vermelha, Pega Fogo, Sementes da Amizade, Forró do CIA, Bem Me Quer, Arrocho na Roça e Arraiá da Paz, dentre outras (A Tarde, 1990).

Sobre a tradição das quadrilhas juninas, que existiam na cidade, Antônio Apolinário da Hora (2005, p. 64) relata que “havia também, as tradicionais quadrilhas. Uma das mais animadas era organizada por Irene Augusta da Hora e seu pai Antônio Martins da Hora, o qual era muito procurado para marcar as quadrilhas, além de ser um sanfoneiro muito animado”.

Presentes em boa parte do contexto histórico, no período festivo junino da cidade simõesfilhense, as quadrilhas juninas constituem uma cultura popular, enraizada no seio de suas comunidades, traduzidas por seus munícipes. Nas décadas

anteriores às de 1980, os grupos juninos eram bastante comuns, tendo representações em várias escolas do município.

José Rodrigues Ferreira (Azaza) explica como as quadrilhas eram realizadas antigamente. Inicialmente, elas surgiram das escolas e dos bairros da cidade. De acordo com Azaza (2021), “as quadrilhas de Simões Filho, elas começaram realmente no final dos anos 60 [...], só que naquela época as quadrilhas eram feitas nas escolas”. Além dele, os entrevistados Lindivaldo Alves Campos e Valter Mangabeira relatam em suas falas como se deu esse processo. Segundo Lindivaldo Alves Campos (2021),

As quadrilhas juninas... começou em Simões Filho, na verdade, era algo muito presente, né, inclusive isso se começava nas escolas, né? Eu me lembro bem ainda quando criança que dancei. Todo ano, a gente tinha quadrilhas nas escolas, né, então, dificilmente você encontrava uma escola em Simões Filho que não fizesse um trabalho de quadrilha para os festejos juninos na escola, né. E isso, muitas vezes, acontecia nas escolas, inclusive por turno. Cada turno, no mínimo, tinha uma quadrilha junina tá, e aí elas se apresentavam, nos festejos juninos, algumas delas visitavam, iam apresentar no outro turno, né, então era muito gratificante, e algumas destas quadrilhas também saíam para ir para apresentar na comunidade, era algo muito interessante [...], né isso nos anos 80, 90 não é, porque eu estou falando da época que eu dançava na escola, ainda nas séries iniciais, tá, então eu estou falando de uma base a partir da minha vivência na escola.

Valter Mangabeira, por sua vez, conta sua própria experiência, ao tratar sobre seu primeiro contato com a quadrilha junina:

Minha história começa no Luiz Palmeira, [...] eu fui convidado pra fazer, para participar da quadrilha junina do Colégio Luiz Palmeira, isso não me pergunte que ano não, mas eu suponho que seja lá em 78, por aí assim, no mínimo isso, eu ainda estudava o segundo grau lá (Mangabeira, 2021).

Sobre a existência dos eventos juninos, que ocorreram no município entre as décadas de 1980 e 1990, e que envolveram quadrilhas juninas, a maioria dos entrevistados apresentaram alguns pontos. Segundo Rosa Cavalcante (2021), “quadrilhas de todos os lugares vinham para aqui, pros concursos que a gente fazia”.

Após esse início dentro dos muros escolares, os grupos de Simões Filho apresentavam-se em empresas, clubes, eventos políticos, em praças e largos de vários bairros do município. Segundo Rosy Coelho (2021), “e aí quando chegava de

maio até junho, as ruas ficavam coloridas de figurinos. Então o povo tinha aquilo como uma coisa bonita”. Ela também relata que foi no conselho de moradores que os primeiros eventos de quadrilhas juninas da cidade tiveram início:

Na verdade, na verdade, o primeiro lugar que reuniu quadrilha foi o Conselho de Moradores do CIA I, como eu falei no começo, que Lucia realizava um festival de quadrilhas, é no Conselho de moradores que vinham todas as quadrilhas, e sempre vinham as melhores da Bahia, é: João Frochó, Circo do Beijo Doce, Asa Branca, Balão beijo, Buscapé, todas, Capelinha do Forró. Todas dançavam aqui no Conselho de Moradores. Era um, a gente, o negócio era tão forte que a gente tinha que dividir a quadrilha. Quem recebia as quadrilhas, quem levava os, quem pegava a quadrilha na praça pra levar o ônibus para estacionar no posto de gasolina, porque eram, vinte, trinta, quarenta ônibus. Era uma coisa muito linda. Ficava, ficava aquela quantidade de quadrilhas, aqueles figurinos todos assim.

Na **Figura 16**, observamos um dos eventos de quadrilhas juninas que aconteceu no Conselho de Moradores do CIA I, na década de 1980⁸⁶:

Figura 16 - Evento Junino no Conselho de Moradores do CIA I⁸⁷



Fonte: Arquivo pessoal de Rosy Coelho

Posteriormente, um dos locais que realizaram grandes concursos de quadrilhas juninas foi o SESI da cidade. “Tinha um concurso de quadrilha no SESI em Simões

⁸⁶ O Conselho de Moradores do CIA I surgiu através de inúmeras reuniões na Sede do Rotary Clube do CIA (já extinta), presididas pela Sra. Miriam Costa Cabral (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p.58).

⁸⁷ Rosy Coelho não se lembra com precisão o ano que aconteceu este evento, diz tratar-se da década de 1980.

Filho, que era destaque, muita gente participava e todo mundo queria ir, porque era na quadra do SESI” (Campos, 2021). Em um desses concursos (**Figura 17**), o grupo Balão Mágico conseguiu até o título de campeão. Valtécio Seixas, fundador do grupo, afirma que: “no SESI, aqui de Simões Filho, no primeiro ano que eu me inscrevi, eu fui campeão” (Seixas, 2021).

Figura 17 - Balão Mágico SESI do CIA I (1991)



Fonte: Arquivo Pessoal Valtécio Seixas

No relato a seguir, Rosy Coelho (2021) detalha, com precisão, a respeito da realização de um dos concursos realizados no SESI (1989), afirmando ter sido a pessoa que coordenou o evento. Segundo a entrevistada, “quando eu assumi as quadrilhas, Dr. Berlindo entrou, ele permitiu que eu fizesse um concurso de quadrilhas no SESI” (Coelho, 2021). Contando com o apoio do então prefeito, em conjunto com a Assessoria de Comunicação, Rosy reafirma: “eu fui lá e dividi o concurso de quadrilha do município, em concurso interno e externo, porque eu achava injusto a gente fazer um concurso e ninguém daqui ganhar nada [...], ele aceitou”. Nesse sentido, até mesmo o regulamento do concurso ela estruturou: “a quadrilha interna que ganhasse ia ser patrocinada totalmente, no próximo ano. [...], nós demos um prêmio maior do que o *Arraiá da Capitá*, que era o concurso que melhor premiava no estado”.

Na imagem a seguir (**Figura 18**), ao centro, encontram-se o casal composto por Rosy Coelho e Márcio Fidelis dos Santos⁸⁸, em uma apresentação da Forró do

⁸⁸ Márcio Fidelis é dançarino, quadrilheiro, coreógrafo, diretor artístico, brincante e mestre em Dança.

CIA no festival de quadrilhas juninas que ocorreu no SESI de Simões Filho, localizado no bairro do CIA I, em 1997. Segundo Márcio Fidelis dos Santos (2021) – ex-quadrilheiro e “discípulo” dos grupos juninos simõesfilhenses Tempero Junino, Cochilou Cachimbo Cai, Tia Ângela e Forró do CIA – foram as quadrilhas juninas que abriram as portas para ele no mundo da dança. “Foi através da Forró do CIA e da escola de Dança, pelas ações criadas por ela para bolsistas das comunidades periféricas simõesfilhenses, que tive os primeiros contatos com outras áreas da dança” (Santos, 2021, p. 19). Na **Figura 18**, Rosy Coelho e Márcio Fidelis dançando a frente do grupo:

Figura 18 - Forró do CIA no SESI do CIA I (1997)



Fonte: Santos (2021)

A **Figura 19**, por sua vez, também se refere a um Concurso de Quadrilhas Juninas, realizado no SESI do CIA I, no ano de 1991. Esse concurso teve apoio da Prefeitura Municipal de Simões Filho, juntamente com a Assessoria de Comunicação do município.

Figura 19 - Concurso de quadrilhas juninas SESI do CIA I (1991)



Fonte: Arquivo Público Municipal de Simões Filho

Azaza (2021) conta como começou a realização desses concursos no SESI do CIA I, concurso este que serviu de base para se oficializar o *Arraiá das Viúvas*. Segundo seu relato, a primeira festa junina da cidade foi realizada no dia de São João, na praça localizada no centro da cidade: “tentou botar no São João, [...] não deu certo [...]. Chamou a gente, eu, Rosy, o ex-prefeito daqui, Eduardo Simões, e organizamos uma festona de São João. Minha Senhora! Que fiasco. Não veio ninguém” (Azaza, 2021). No dia da festa, não se conseguiu atrair um público significativo.

Em 1989, na gestão do prefeito Berlindo, a festa foi realizada no SESI, no dia de São Pedro, com o concurso de quadrilhas. Eles queriam fazer um teste, que acabou dando certo. A festa não deu certo no dia de São João, mas no dia de São Pedro deu, e foi um sucesso. O povo vinha de Salvador para o SESI de Simões Filho. A população simõesfilhense ia para o SESI aproveitar para ver e conhecer o local. Aqueles que ainda não tinham tido ainda a oportunidade de conhecer o espaço, aproveitaram o momento. Segundo Azaza (2021), esses eventos realizados no SESI duraram pouco tempo, pois Noêmia Meirelles⁸⁹ pediu que o trouxessem de volta para o Centro da Cidade: “o senhor faça o favor de me trazer este concurso de quadrilhas aqui pra Praça [...]. Voltou pra Praça de Simões Filho. Começava aí a Festa da Viúva,

⁸⁹ Uma das emancipadoras da cidade de Simões Filho, foi a primeira e única mulher, até o momento, a assumir a prefeitura da cidade. Além disso, foi a primeira mulher a assumir a prefeitura de uma cidade no estado da Bahia. Noêmia Meirelles Ramos foi a segunda pessoa a assumir a prefeitura de Simões Filho, com mandato de 1967 a 1970.

na cidade de Simões Filho, começou assim. A festa ficou conhecida como, a festa de Noêmia”.

Segundo Azaza (2021), apesar de a festa ter ficado com a marca registrada da ex-prefeita Noêmia, “mas a ideia, a primeira ideia, nossa e de Eduardo, foi em 85, foi no São João”. A **Figura 20** é o registro de um concurso de quadrilhas juninas, realizado no Centro da Cidade, na Praça da Bandeira, em 1984.

Figura 20 - Bem Me Quer no Centro de Simões Filho (1984)



Fonte: Arquivo pessoal de Almir Teles

Além dos concursos que ocorreram no Conselho de Moradores e no SESI, ambos localizados no bairro do CIA I, havia um concurso de quadrilhas que ocorria no Largo do CIA II. Rosy Coelho (2021) confirma a realização desse festival, que era coordenado por Rosa Cavalcante e alguns membros da comunidade. “Então o festival dela⁹⁰ era bom [...], mas quem começou isso tudo foi Lucia. Lucia, no Conselho de Moradores” (Coelho, 2021). Havia também a ajuda de políticos que se dispunham, muitas vezes, a contribuir com o evento junino, junto com a comunidade, como aponta Rosa Cavalcante (2021):

A gente tinha palanque que o prefeito na época era Edson Almeida⁹¹, nunca, quando ele não conseguia, que época junina que os palanques estavam todos comprometidos com a festa do “Forró da Viúva”, aí tinha vez da esposa dele, Raquel, trazer até o caminhão do irmão que morava lá pro lado de Itinga, um caminhão imenso, aí botava, a gente

⁹⁰ Rosy refere-se aqui aos concursos de quadrilhas juninas, realizados sob a coordenação de Dona Rosinha, no Largo do CIA II.

⁹¹ Foi prefeito de Simões Filho em dois mandatos, a saber: de 1997 a 2000, e de 2005 a 2008. Disponível em: <https://simoesfilho.ba.gov.br/cidade/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

ornamentava [...] ficava um palanque, a gente fazia escada, com os moradores que ajudavam.

Nas **Figuras 21 e 22**, pode-se observar os registros do grupo Bem Me Quer, cedidos gentilmente por Almir Teles, nos concursos de quadrilhas juninas organizados no Largo do CIA II:

Figura 21 - Bem Me Quer no Largo do CIA II (1984)



Fonte: Arquivo Pessoal de Almir Teles

Figura 22 - Bem Me Quer no Largo do CIA II (1989)



Fonte: Arquivo pessoal de Almir Teles

Almir Teles (2021) afirma que o grupo Bem Me Quer esteve presente em vários eventos: “apresentei, no Conselho de Moradores, no SESI, SEST SENAT⁹² [...], no CIA II. Aqui foi num palco lá em Simões Filho” (Teles, 2021). Além dos locais citados

⁹² A cidade de Simões Filho dispõe de uma unidade do SESI e de uma unidade do SEST/SENAT. Conforme Lei nº. 8.706, de 14 de setembro de 1993, que dispõe sobre a criação do Serviço Social do Transporte – SEST e do Serviço Social de Aprendizagem do Transporte – SENAT. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1989_1994/l8706.htm. Acesso em: 5 jan. 2024.

por Almir, há relatos, nas entrevistas dos demais depoentes, da ocorrência de eventos juninos realizados em outros locais, a exemplo do Seleto Social Club (**Figura 23**)⁹³.

Figura 23 - Bem Me Quer no Seleto Social Club (1994)



Fonte: Arquivo pessoal de Almir Teles

Esses concursos eram realizados e financiados por pessoas comuns das próprias comunidades, sobretudo pelos brincantes dos grupos. Nesse caso, os mais jovens, quando já se encontravam trabalhando, ajudavam financeiramente seus grupos juninos, ou, mesmo não trabalhando formalmente, muitos conseguiam grana para pagar, pelo menos, o tecido para a confecção do figurino. Além disso, algumas mulheres da comunidade, às vezes, se colocavam à disposição para costurar de forma voluntária, sem cobrar nada por isso. Ademais, comerciantes e donos de grandes ou pequenas empresas, também colaboravam com os grupos juninos, que muitas vezes iam ao encontro de representantes políticos, para angariar patrocínio.

Outra maneira que as quadrilhas juninas tinham para garantir recursos do ano seguinte era vencendo os concursos de quadrilhas, que, muitas das vezes, colocava o patrocínio como premiação. “Teve um concurso de Simões Filho que eu ganhei como o primeiro marcador, melhor figurino, melhor coreografia, e melhor apresentação [...]. E o prêmio era, veja só que brincadeira, o prêmio era o patrocínio do ano seguinte” (Seixas, 2021). De certa forma, esse era um fator positivo, que contribuía para a manutenção e existência dos grupos juninos, por um dado período.

Dado o exposto, observa-se que era preciso um grande movimento coletivo para que a quadrilha pudesse acontecer. Essa cultura acabava envolvendo um grande

⁹³ O Seleto Social Clube, fundado em 08 de fevereiro de 1965, com cem sócios; localizado na Sede, é o principal do Município. Possui um grande salão com pista interna de dança, palco, sanitários e áreas livre (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 41).

número de pessoas, e tocava os quatro cantos da cidade, quer seja de forma direta ou não. Lojas de acessórios, calçados e tecidos eram bastante procuradas e movimentadas, segundo Mangabeira (2021), “nós íamos numa loja, tipo, sei lá, feirão dos tecidos, loja tal [...], então nós entrávamos em uma loja [...], então, a gente pegava toneladas de tecido”.

Essa movimentação toda também era possível ser vista nas escolas e praças, que eram tomadas para os ensaios dos grupos, os meios de transportes também eram itens que não podiam faltar nos dias das apresentações, principalmente, quando ocorriam fora da cidade. Além disso, era necessário ter hospedagem quando os grupos iam para os interiores e só retornavam no dia seguinte, bem como, alimentação etc.

Eu que comecei essa história de ir para prefeitura pedir patrocínio, então [...] eu entrava na sala de Jonga⁹⁴ [...], que foi o primeiro prefeito que perdeu o cargo, que sofreu impeachment no país, [...] foi, Eduardo Simões, ele era secretário de Dr. Jonga: “venha professora, entre”. E aí, Jonga. Ele chamava: “meu tio a menina está aí, veio trazer o negócio da quadrilha aqui”. Aí Jonga assinava. Aí eu ia lá, na sarquis, buscar os patrocínios pra Cochilou (Coelho, 2021).

Para manutenção destes grupos eram necessários recursos, assim, conforme Chianca (2018, p. 130), “outros apoios ocorrem de outros bairros da cidade e instituições coletivas, sejam elas do âmbito público ou privado, como associações, clubes, escolas, prefeituras e representantes municipais, comerciantes e imprensa”.

Para a realização da apresentação de um grupo junino, alguns itens são extremamente necessários, a exemplo de: tecidos, acessórios, calçados, som, equipamentos, profissionais como costureira, coreógrafos, sanfoneiros etc. E o principal, talvez o mais caro e mais difícil, é o transporte, para levar os grupos para as apresentações, particularmente quando o local onde irá acontecer o concurso é mais longe, fica ainda mais difícil. Hugo Menezes Neto (2008, p. 115), reitera que: “o dinheiro é o principal inimigo das quadrilhas, principalmente transporte, o que você arrecadar [...] tem que separar a metade para o transporte. [...] fazemos bingos, rifas,

⁹⁴ João Filgueiras Simões Filho foi o segundo prefeito do município designado pelo Presidente da República, durante o período da Ditadura Militar (1964-1985). Ele foi responsável pela gestão da cidade, de janeiro de 1976 a dezembro de 1985, foi quando o município deixou de ser área de segurança nacional. Disponível em: <https://simoesfilho.ba.gov.br/cidade/>. Acesso em: 5 jan. 2024.

festas e conseguimos através de conhecimento”. Essa é a realidade que, geralmente, quase todos os grupos de quadrilhas juninas já enfrentaram e ainda enfrentam:

Ainda me recordo da época em que dancei na Forró do CIA em 1999. Quando me aceitaram e entrei para o grupo, fiquei logo sabendo de cara do gasto que eu ia ter que assumir: o compromisso com o valor do tecido; sapatos ou alpercatas caso fosse também necessário comprar; serviço com costureira, dentre outros. Por sorte, nessa época, conseguimos a doação das alpercatas com algum apoiador. O valor a ser pago para a compra do tecido pode ser dividido em três vezes. Recordo-me também, que a maior dificuldade era a de se conseguir o transporte. Era algo bastante frustrador. Os brincantes ficavam bem apreensíveis, pois já havia acontecido de estar tudo pronto para o grupo se apresentar, não se conseguia o transporte. Conseguimos transporte para nos apresentar no Arraiá do Galinho, no SESI do Retiro, fomos, apresentamos e classificamos. Conseguimos transporte para nos apresentar no Arraiá da Capitá, no Parque de Exposições, fomos, apresentamos e classificamos. Após a classificação, o grupo tinha direito a ir concorrer no concurso de São Francisco do Conde. Infelizmente, isso não foi possível, pois, mais uma vez, não conseguimos transporte para irmos participar. Isso foi um fator que desanimou profundamente todo o grupo⁹⁵ (Figueiredo, 2023).

Dois grandes nomes foram bastante mencionados durante as entrevistas, a saber: Dr. Berlindo Mamede de Oliveira, prefeito da cidade de 1971 a 1972 e de 1989 a 1992; e Gervásio Vieira Ramos, que foi candidato a prefeito da cidade e empresário de transporte público do município. Sobre Gervásio Ramos, Mangabeira (2021) comenta, “ele era dono de uma empresa de ônibus, sabe, de Simões Filho e ele dava o ônibus a todas as quadrilhas do município”. Ambos, foram apoiadores dos grupos de quadrilhas juninas, mas outras grandes figuras da gestão municipal, como alguns vereadores, prefeitos e secretários, também colaboraram, além de empresas, lojas, fábricas e a própria comunidade. Mangabeira (2021) ainda reforça que Gervásio Ramos foi:

Um personagem da nossa cidade que a gente tem que falar e se falar de quadrilha junina tem que falar de Gervásio Ramos, porque pra onde a gente ia a gente tinha direito a um, dois um ônibus; um ônibus da quadrilha e um ônibus de torcida, então não é uma coisa, não estou falando a você de um ônibus no dia não viu, eu estou falando de doze ônibus. Ele atendeu oito quadrilhas e ainda dava um ônibus de torcida. Era uma coisa absurda.

⁹⁵ Lembranças da autora sobre a questão dos gastos que teriam ao participar do grupo e das dificuldades que se tinha em se conseguir o transporte para o grupo ir se apresentar em outros locais.

A reportagem do *site* de notícias, MapeleNews (2021), publicada pela redação, comunica o falecimento de Gervásio Ramos, e esclarece sobre suas contribuições para o município de Simões Filho. Na fala do Vereador Ari, “Gervásio Ramos tem uma grande importância nessa cidade [...]. Uma pessoa que foi empresário no ramo dos transportes, que colocou seus ônibus aqui [...]”. Segundo essa mesma reportagem, Gervásio Ramos foi homenageado, ganhando o Título de Cidadão Simõesfilhense, em dezembro de 2020, através da indicação desse mesmo vereador.

4.1 HISTÓRICO DAS PRINCIPAIS QUADRILHAS JUNINAS DO MUNICÍPIO DE SIMÕES FILHO

Apresentamos, a seguir, um breve histórico dos principais grupos de quadrilhas juninas⁹⁶ da cidade de Simões Filho, aqueles que foram mais destacados e que se tornaram grupos de competição, são eles: Balão Mágico, Bem Me Quer, Em Cima da Hora, Forró do CIA, Forró Góis, Tempero Junino e Xodózinho.

Enfatizo que incluímos os grupos Cochilinho, Cochilou Cachimbo Cai e Em Ciminha da Hora. Os dois primeiros, devido à entrevistada Rosy Coelho ter acompanhado ambos os grupos, desde a sua criação, por ter cedido significativas informações sobre esses grupos e por ter disponibilizado também alguns registros fotográficos, pertencentes a ela, e que se referiam a eles. Pelos mesmos motivos, incluímos o grupo Em Ciminha da Hora, devido à participação e colaboração de Valter Mangabeira, que também apresentou informações relevantes sobre este grupo.

Ressalto que, de igual maneira, o Grupo Arraiá do Zezão será um pouco explanado, pois a maioria dos entrevistados citou o nome do grupo durante as entrevistas e, além disso, faz-se importante tratar do grupo em questão devido ao respeito ao legado deixado pela fundadora do grupo, Maria Bernadete Pacífico⁹⁷.

Os critérios escolhidos para a ordem de apresentação dos grupos juninos pesquisados são dois, a saber: primeiramente, a ideia era de seguir a ordem cronológica de fundação dos grupos, priorizando os mais antigos; o segundo critério

⁹⁶ Saliento que alguns grupos não foram atingidos nesta pesquisa, então, não apresentaremos detalhes sobre eles, estes poderão ser investigados em futuras pesquisas, são: Arraiá Lá de Cima, Denguinho de Yaya, Falta Mais Um, Vem Que Tem, Tia Ângela e Cá Entre Nós.

⁹⁷ Foi uma grande líder quilombola do município de Simões Filho.

utilizado está relacionado à importância da quadrilha junina, ou seja, aqueles que tiveram mais destaque seriam priorizados na escrita, visto que nem todos os entrevistados se lembraram com precisão do ano da fundação dos grupos. Começamos pela fala do fundador do grupo Bem Me Quer, Almir Teles:

A mais antiga daqui é Cochilou e Bem Me Quer [...]. A mais velha, mais antiga do CIA é Cochilou e Bem Me Quer. Primeiro, Cochilou depois Bem Me Quer. Aí vai surgindo: Forró do CIA, Em Cima da Hora – Mas tinha muita quadrilha?⁹⁸ – Tinha. Acabou foi tudo. Oxente, aqui tinha muita. Tinha lá da Estrada de Candeias, Góes Calmon; tinha um bocado; Forró Góis, tinha a Tia Ângela é a da, do Estrada de Candeias (Teles, 2021).

Como pode-se observar no trecho acima, o depoente cita ao menos seis grupos e seis bairros de onde eles surgiram. Lindivaldo Alves Campos (2021) aborda a quantidade e variedade de grupos juninos: “[...] Simões Filho foi rico em quadrilhas juninas [...], elas eram as quadrilhas que participavam dos eventos, representando Simões Filho né, nas competições, nos festivais né [...]” (Campos, 2021).

Cochilou Cachimbo Cai

Rosy Coelho (2021)⁹⁹ compartilha as lembranças de quando iniciou sua vida nas quadrilhas juninas. A convite de Lucia Moreira Mutti, fundadora do grupo de quadrilha junina Cochilou Cachimbo Cai, ela ingressou no grupo para montar a primeira quadrilha junina de competição a se organizar no município de Simões Filho, chamada carinhosamente por muitos de Cochilou:

Gente, eu tive uma ideia de a gente montar um grupo junino pra competir [...]. Eu preciso da ajuda de vocês para montar esse grupo [...] a gente vai competir no programa Ao Pé da Fogueira da TV Itapuã. - Aí eu já me interessei, saí convidando as pessoas, a gente montou a primeira quadrilha. Foi a primeira quadrilha competitiva do município e que mexia com adolescentes e jovens e adultos. E o nosso primeiro marcador foi adulto. E depois que a gente começou a ensaiar e a gente foi pro Ao Pé da Fogueira. Quando a gente começou a ensaiar, eu já virei coreógrafa.

⁹⁸ Fala da pesquisadora interagindo com o entrevistado.

⁹⁹ Não lembra com exatidão do ano em que a Cochilou foi fundada, mas acredita ter sido bem no início dos anos 1980.

Azaza (2021) aponta em seu depoimento que também colaborou com a Cochilou. Além disso, ele afirma que buscou apoio de pessoas conhecidas da comunidade e de políticos para ajudar a alavancar o grupo:

Lúcia da Casinha Encantada, ela tinha uma escola no CIA I. Foi lá, fazia aquelas quadrilhas, aí montou a Cochilou para participar do Galinho. E ela pediu ajuda a todo mundo que tinha essa influência. Como eu tinha muita amizade com os políticos, com o pessoal, aí a gente começou a ajudar. Tipo assim, né, você conhece um político, um vereador, pedia ajuda a ele, o prefeito, pedia ajuda a ele pra arrumar pra ir pro Galinho, aí tinha transporte, tinha que conseguir roupa, tinha que conseguir tudo. Lúcia, a ideia de Lúcia criou a Cochilou. Aí veio a ideia, veio a Cochilou, veio a Cochilou. Bom aí começou, aí no primeiro ano a Cochilou foi sucesso, estourou lá. Bem aplaudida e aquela coisa toda, a gente ganhou prêmio.

De acordo com Rosy Coelho (2021), para conseguir recursos para a manutenção do grupo, um dos grandes apoiadores era a própria comunidade:

Eu lembro que quando a gente tinha problema com chapéu, a gente saía de porta em porta e a gente conseguia o dinheiro para comprar os chapéus. Ó a gente já está com o figurino pronto, dê quanto a senhora puder dar. E fazia pedágio. E as pessoas contribuíam, davam dinheiro, ali no, no semáforo do Cia, que não tinha semáforo naquela época, mas a gente parava ali com as plaquinhas, as faixas das quadrilhas, batendo nosso, nossa zabumba, cantando e as pessoas ajudavam mesmo e a gente conseguia construir um grupo. Um grupo vestido e calçado com apoio da população (Coelho, 2021).

Após ajudar na criação do grupo Cochilou e, posteriormente, sair desse grupo, Rosy também afirma ter colaborado com a coreografia do grupo Bem Me Quer, a convite de Almir Teles: “aí veio o convite de seu Almir Teles, pra eu ir pra Bem Me Quer[...]. Fui, coreografei a quadrilha de seu Almir, que agora já era uma quadrilha competitiva, igual à Cochilou” (Coelho, 2021).

Bem Me Quer

Pelos registros da entrevista de Rosy Coelho (2021), no período em que ela coreografou a Bem Me quer, essa quadrilha já havia se tornado também um grupo de competição, e, conseqüentemente, se inserido nos concursos e campeonatos televisivos. “Então, a Bem Me Quer passou pra chave verde. Que nesse tempo já

havia dois concursos de quadrilhas: o *Arraiá do Galo* e o *Ao Pé da Fogueira* [...], as chaves verdes eram as vinte melhores do estado da Bahia [...]" (Coelho, 2021).

A quadrilha junina Bem Me Quer foi fundada no ano de 1983 e idealizada pelo antigo morador, residente da cidade de Simões Filho, Almir Teles: “comecei a minha trajetória em quadrilha junina no ano de 1983” (Teles, 2021). Antes de fundar o grupo Bem Me Quer na cidade, ele já havia participado de um grupo de quadrilha junina de Salvador:

Porque eu já dançava em Salvador né, eu dancei uma vez em Salvador, aí tinha já aquele movimento e, de coreografia, então é, entendeu, tão jovem é, solteiro, eu dançava, passava na televisão. Dançava lá na Boa Viagem. Era jovem, era seus dezoito anos, dezanove, dezoito, dezanove. Era daí eu tive essa ideia de eu botar (Teles, 2021).

Quanto aos ensaios do grupo, quando ainda fazia parte da categoria infantil¹⁰⁰, os ensaios aconteciam no quintal de sua casa, Teles (2021) relata: “eu ensaiava aqui, o infantil, eu ensaiava no fundo, apertadinho, mas deu para ensaiar”. Quando o grupo se expandiu e migrou para a categoria adulto/juvenil, os ensaios passaram a ser realizados nas escolas e nos espaços sociais do bairro do CIA I: “aí, ensaiava no Conselho¹⁰¹, ensaiava aqui na quadra, né, na quadra, tomando chuva [...], no Colejão¹⁰² também. A diretora dava o espaço pra gente né, pra gente ir ensaiar”.

Vários foram os ensaios que ocorreram no Colejão e lembro-me deles com muito carinho, a maioria dos realizados pela Forró do CIA foram feitos neste local, mas também lembro de outros que ocorreram na quadra em frente ao Colégio Georgina¹⁰³. Ambos espaços ficam localizados no bairro do CIA I¹⁰⁴. Durante esses ensaios, o som da zabumba era algo que me encantava; ouvia o barulho da danada, de lá da casa onde morava, ficava a umas duas quadras do local de onde ensaiavam as quadrilhas; o toque do instrumento parecia até que me chamava. Um dia, não aguentando mais, fui ver de perto o ensaio, e lá estava ela, no meio do grupo, uma linda zabumba azul. Um dos brincantes a tocava, enquanto o marcador ensaiava. Nunca desejei ter participado tanto de algo como desejei, naquele momento, participar de um grupo de quadrilha junina. Parece que a zabumba bate no compasso do coração daquele que admira a dança. É ela que ajuda o marcador a comandar

¹⁰⁰ O grupo originou-se como parte da categoria infantil, mas depois migrou para categoria adulto/juvenil.

¹⁰¹ O Conselho de Moradores do CIA I surgiu após inúmeras reuniões na Sede do Rotary Clube do CIA (já extinta), presididas pela Sra. Miriam Costa Cabral (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 58).

¹⁰² Colégio localizado nas imediações da Praça Elmo Serejo Farias, localizado no bairro do CIA I.

¹⁰³ Colégio Georgina de Souza Simões, localizado no bairro do CIA I. Foi nesse colégio que eu estudei e concluí todo o meu Ensino Fundamental.

¹⁰⁴ Lembranças da autora dos ensaios com o grupo Forró do CIA.

e ritmar os passos. Foi a partir deste momento que tive meu primeiro contato com a dança e participei da Forró do CIA¹⁰⁵ (Figueiredo, 2023).

Durante dois anos, especificamente, entre 1983 e 1984, esse grupo junino disputava as competições na categoria infantil. Em 1985, o grupo passou a fazer parte da categoria adulto/juvenil (**Figura 24**). Nesse período, o grupo passou a participar de concursos televisionados que aconteciam à época. Assim, conforme Teles (2021), “quando foi em 1985 foi que eu botei no *Ao Pé da Fogueira*, na televisão né, total 15 anos”. Assim, de acordo com o fundador do grupo, essa quadrilha junina durou por 15 anos.

Figura 24 - Bem Me Quer (1985)



Fonte: Arquivo Pessoal de Almir Teles

A alteração do nome – de Bem Me Quer para Foguetão – deu-se a pedido dos brincantes do grupo, que pediram ao fundador que assim o fizesse: “o pessoal pediu, disse assim: ‘Almir, muda, muda!’. Aí eu mudei, ficou dois anos de Foguetão” (Teles, 2021).

O entrevistado afirma que o grupo Bem Me Quer marcou presença em vários concursos que aconteciam em Salvador e em alguns interiores da Bahia, a exemplo de: *Ao Pé da Fogueira*, *Arraiá do Galinho* e *Arraiá da Capitá*, que acontecia no Ginásio de Esportes Antônio Balbino, mais conhecido como Balbininho¹⁰⁶.

Assim como a maioria dos grupos, para manter a sobrevivência, era preciso a realização de pedágios, pedir a colaboração da comunidade e conseguir

¹⁰⁵ Lembranças da autora sobre sua ligação com o instrumento de percussão, a zabumba, e sua experiência como brincante iniciante.

¹⁰⁶ O Balbininho era um centro poliesportivo, que se localizava ao lado do antigo Estádio da Fonte Nova. Em 2010, essa estrutura foi demolida definitivamente.

patrocinadores para participar das competições de quadrilhas: “Coração de Maria mesmo, eu consegui com a, com a prefeita de lá, mandou um ônibus pra gente aqui, deu hospedagem pra gente” (Teles, 2021).

Como a maioria dos grupos, a maior dificuldade enfrentada pela Bem Me Quer era a de se conseguir transporte. Conseguiram de tudo, roupas, acessórios, indumentárias, calçados, locais para ensaio, conseguia-se praticamente tudo, “mas o negócio era a dificuldade, do transporte né, ônibus, é. Quando parte para outro, um interior longe, eles não gostam de dar o transporte, só pertinho aqui, né? São Francisco, Feira, Coração de Maria” (Teles, 2021).

Uma característica marcante entre os grupos de quadrilhas e de seus membros era que, geralmente, eles se auto ajudavam, para que os outros também pudessem atingir o mesmo propósito. “Uma vez, o Balão Mágico tava com uma dificuldade é do calçado, aí eu fui lá, falei com o diretor da superintendente da Sede do Cia [...], bati um ofício, amostrei a ele [...], aí levei todas as medidas, aí, ele fez tudo na fábrica” (Teles, 2021). Nos relatos, esses aspectos de solidariedade, uns para com os outros, se apresentam como algo bastante comum.

Forró do CIA

Ao sair da Bem Me Quer, Rosy Coelho decide montar seu próprio grupo: Forró do CIA. Azaza (2021) situa quando o grupo começou: “o pessoal que surgiu com a Forró do Cia, aí já era os anos noventa, né, a Forró do CIA, né. Construiu a Forró do CIA. Aí pronto, começou a disputa, né”.

Como já tinha bastante experiência com quadrilhas juninas, Rosy Coelho cria o grupo, já com o objetivo de participar das competições, inserindo-o logo no seu primeiro ano no concurso do *Arraiá do Galo*:

A gente montou a Forró do CIA, e a Forró do CIA, já nasce com toda essa, esse histórico; de alguém que tinha saído da Cochilou, ido pra Bem Me Quer e, levado a Bem Me Quer para o grupo verde. E a Forró do CIA, no primeiro ano, já entra com pontuação da chave verde pela apresentação (Coelho, 2021).

Quando lembro das apresentações do grupo Forró do CIA nos concursos televisivos, dá uma sensação tão boa, me sentia tão importante naquele momento. Dancei com o grupo em dois desses grandes concursos em 1999, no Arraiá da Capitá e no Arraiá do

Galinho. No Arraiá do Galinho, recordo-me bem de vários detalhes: as luzes dos holofotes a nos iluminar; o barulho da torcida aplaudindo, gritando e animando a entrada dos grupos, e durante toda a apresentação, era uma grande torcida organizada nas arquibancadas a nos assistir, a torcer por nós; haviam muitas torcidas, cada uma vibrava muito e com muita energia pelos seus grupos; nossos corpos dançando com tanta alegria; lembro de vários passos ainda, executados com bastante agilidade e perfeição, contagiávamos a todos os presentes; os ritmos usados em comunhão com a dança: forró, xaxado, xote, baião. Muitos sentimentos eram aflorados naqueles momentos: risos, choros, gritos, desmaios, medo, ansiedade, era muito emocionante mesmo; as indumentárias, o vestido amarelo rodado; um cuidado com a coroa de flores, para não cair da cabeça e não perder ponto na apresentação; os chapéus de palhas que os rapazes usavam bem manejados; as alpercatas¹⁰⁷ de couro; os fleches das câmeras fotográficas e das câmeras de gravação da TV Aratu a nos gravar e fotografar. Era emocionante saber que iria passar na televisão. Sabíamos que tinha um público em casa, aguardando, o momento do grupo passar na televisão, a nos assistir. E a gente ali, representando uma cidade, fazendo a cultura acontecer. Fomos classificados neste concurso, “Arraiá do Galinho”, ganhamos bônus para nos apresentar no Arraiá da Capitá. Dançamos, também, no Arraiá da Capitá, porém, não conseguimos ser classificados, logo, não iríamos mais poder apresentar e concorrer no concurso em São Francisco do Conde¹⁰⁸ (Figueiredo, 2023).

Segundo Valter Mangabeira (2021), este grupo já nasce com muito profissionalismo, com um estilo diferente: “tivemos uma quadrilha que veio [...] com profissionalismo. Ela rompeu da maior quadrilha e melhor quadrilha que teve na cidade [...], veio com um estilo mais coreografado [...]”. Ela surge já com seus brincantes, que já tinham experiência em outras renomadas quadrilhas, como a Cochilou e Bem Me Quer. Foi uma das últimas quadrilhas criadas na década de 1990, já quando muitos outros grupos haviam deixado de brincar. Para Mangabeira (2021), “ela já veio no final dessa efervescência toda de quadrilha junina, quando estava terminando essa onda de quadrilha junina, a Forró do Cia apareceu”.

Balão Mágico

Segundo o fundador do grupo, Valtércio Seixas, a quadrilha Balão Mágico foi fundada em 1982. Tudo começou com uma brincadeira de festa junina, posteriormente, o grupo ganhou maiores proporções. Ele conta que, quando veio

¹⁰⁷ Sandália de couro, que se prende ao pé por meio de correias. Padre Antônio Vieira escrevia sempre “Alpargata”. É o mais antigo calçado do mundo em pleno uso moderno (Casado, 2008, p. 39).

¹⁰⁸ Lembranças da autora das apresentações no Arraiá da Capitá e no Arraiá do Galinho.

morar aqui na cidade, não pensava em ser um quadrilheiro. Um certo dia, resolveu fazer uma brincadeira, no dia de São João, na porta de sua casa, com a vizinhança. Colocou o som do lado de fora, e todos gostaram. Então, Valtércio Seixas (2021) propôs à turma: “rapaz, próximo ano vamos fazer uma quadrilha? Mesmo que seja para brincar aqui no bairro? A turma aí topou”. No ano seguinte, deu-se início à criação do grupo. “Partimos, com aquela roupinha simples e tal. [...] Bom, aí, nessa brincadeira, eu fiz a quadrilha. Inventei essa quadrilha e saí pelos bairros daqui, né? Fomos em vários bairros, vários lugares. Todo mundo adorou” (Seixas, 2021).

Então formaram uma diretoria, na qual o Senhor Valtércio Seixas foi considerado como fundador e presidente do grupo. Além disso, decidiu-se que o vice-presidente seria Amaro José. Pensando em desafiar a Cochilou, que, no momento, era o grupo destaque da cidade, Valtércio Seixas resolve investir ainda mais no grupo: “mas aqui no CIA, tinha um negócio que só se falava em Cochilou, Cochilou. Cochilou era quem mandava. Eu digo, eu já gosto de um desafio. Eu disse: ‘rapaz, nós vamos preparar uma quadrilha para desafiar esse Cochilou’” (Seixas, 2021).

Então, ele parte tentando mudar o cenário no qual a Cochilou era a melhor, que era a Cochilou que mandava no pedaço: “não é o Cochilou que pode mandar aqui não. A gente chegou agora, mas a gente vai chegar junto” (Seixas, 2021). Segundo ele, a partir do terceiro ano de fundação, o grupo foi melhorando cada vez mais, tornando-se mais organizado.

Destarte, no quarto ano, toma a iniciativa e escreve a Balão Mágico nos concursos juninos televisionados, que aconteciam na capital baiana e nos seus arredores: “aí o que eu fiz, vamos escrever a quadrilha fora. ‘Rapaz, o negócio tem custo’. Eu digo: ‘por mim, eu gosto, se vocês não querem, eu vou só, eu inscrevo’. Aí inscrevi a quadrilha no *Arraiá do Galo* e *Ao Pé da Fogueira*” (Seixas, 2021).

Registros do grupo Balão Mágico, quando a quadrilha completava seu primeiro ano de existência, em uma apresentação, no largo do CIA II (**Figura 25**):

Figura 25 - Balão Mágico (1984)

Fonte: Arquivo pessoal de Valtécio Seixas

Percebe-se, na indumentária utilizada pelo grupo, a simplicidade dos tecidos utilizados, a exemplo da chita. Além disso, pode-se observar os adereços, como o chapéu de palha, o lenço no pescoço, os laços e tranças utilizados ornamentando os cabelos das meninas, o avental, a criatividade e o colorido na brincadeira do pau de fita¹⁰⁹.

Em Cima da Hora

Azaza (2021) narra um pedacinho da história da quadrilha junina Em Cima da Hora. E, ao que parece, o grupo foi criado “em cima da hora” mesmo: “quando foi em noventa e cinco [...], aí Valter Mangabeira decidiu fazer a Em Cima da Hora. Foi assim, decidiu já, as quadrilhas já estavam ensaiando [...], por isso que o nome ficou Em Cima da Hora” (Azaza, 2021).

Valter Mangabeira conta como foi criado o grupo. Ele morava no centro da cidade de Simões Filho, e participava de uma turminha que, geralmente, ele comandava. Jogavam vôlei, futebol, handebol e outras brincadeiras, e ali ia ser realizado um concurso de quadrilha. Então, a turma resolveu montar uma quadrilha junina pra brincar no São João. Por ele já ter participado de quadrilhas outrora, assumiu então a liderança. Dessa maneira, colocaram roupas quadriculadas, foram

¹⁰⁹ Portugueses e espanhóis trouxeram o folguedo para o continente americano. Pau das Fitas, bailes de roda, algarvios, em volta de mastro floridos, como o rodete, em Alportel, Alte, Olhão e Portimão (Casudo, 2012, p. 540).

para a rua, e acabaram ganhando um troféu por terem participado caracterizados. Isso foi uma festa para toda a turma. A partir daí, a coisa ficou um pouco mais séria:

Vamos organizar uma quadrilha junina? E aí surgiu uma quadrilha junina sem nome. Nós não cumpríamos horário quase nenhum, e aí o pai de um dos componentes da gente, o pai de Ivaldo, ele decidiu, ele falou numa reunião da gente, ele entrou, não participou da reunião, a reunião era na casa dele; e ele passou e a gente estava discutindo sobre nome, e ele falou assim, mas rapaz, vocês nunca cumprem horário, são desorganizados; porque vocês não botam o nome da quadrilha Em Cima da Hora, porque tudo o que vocês fazem é em cima da hora, e o nome ficou Em Cima da Hora. A Em Cima da Hora foi fundada, provavelmente, em oitenta e dois, eu não tenho precisão disso (Mangabeira, 2021).

A **Figura 26**, do grupo Em Cima da Hora, foi registrada em 1989. Nessa imagem, os brincantes representavam os personagens, a saber: à esquerda, com a mão no queixo, Valter Mangabeira, Lampião (rei do cangaço) e marcador; à direita, um casal de cangaceiros; ao fundo, parte do grupo. Nesse ano, o tema escolhido para a apresentação do grupo foi o “Último Dia do Rei do Cangaço”, baseado na história de Lampião. Valter Mangabeira (2021) relata que:

Para fazer esse tema, nós pegamos quatro componentes, eu e mais três componentes, e a gente viajou pelo Sertão da Bahia até Alagoas, nós pesquisamos, não tinha Google, não tinha celular, tinha que ser, na, na, visitando os museus. Nós passamos, Piranhas em Alagoas, inclusive, um lugar que já retornei várias vezes, que lá foi onde Lampião morreu, e eu gosto muito do tema. Eu voltei várias vezes em, em Piranhas, Delmiro Gouveia, Paulo Afonso. Enfim, Areia Branca, muitos lugares onde Lampião tem muita história.

Figura 26 - Em Cima da Hora: O Último Dia do Rei do Cangaço (1989)



Fonte: Arquivo pessoal de Valter Mangabeira

Registradas no ano de 1988 (**Figura 27**), o grupo Em Cima da Hora pousando para as fotos, o tema escolhido para o São João desse ano foi Anos Dourados.

Figura 27 - Em Cima da Hora: Anos Dourados (1988)



Fonte: Arquivo pessoal de Valter Mangabeira

Segundo Valter Mangabeira o grupo perdurou aproximadamente por mais de sete anos. O último ano do grupo em atividade foi em 1991, quando trabalharam o tema Forró Exportação (**Figura 28**) para a apresentação:

A Em Cima da Hora, deve ter passado, uns sete anos, mais ou menos, de vida, e, no final, a gente teve um tema chamado: Forró Exportação, em que a gente sai de dentro de um contêiner. E o que a gente exportava: o forró. Aí, tinha uma dança do forró, era uma exportação pro exterior [...]. A gente não teve recurso suficiente, o tema não saiu como a gente queria, e aí, é, a gente foi. Sete anos depois, quem tinha, quem tinha treze, quatorze anos de idade, já estava com vinte, vinte e um, casou, e aí cada um foi prum lado e a gente acabou parando, a quadrilha junina (Mangabeira, 2021).

Figura 28 - Em Cima da Hora: Forró Exportação (1991)



Fonte: Arquivo pessoal de Valter Mangabeira

Forró Góis

Segundo Azaza (2021), a prefeita Noêmia Meirelles era uma pessoa que incentivava e apoiava muito os grupos de quadrilhas juninas, dava roupa etc., mas havia um compromisso entre as partes: o grupo teria que dançar, nas festas dela de São João e São Pedro, que eram realizadas na Escola Padre Luiz Palmeira¹¹⁰. Aponta também que, em Góes Calmon, tinha um grupo de pessoas que montava quadrilhas juninas na escola, mas aquela espontânea, sem compromisso. Valter Mangabeira (2021), por sua vez, relata sobre o grupo Forró Góis e sobre seu fundador que foi, e ainda é, um importante agente cultural do município: “Forró Góis, uma quadrilha que ficou muito tempo. Era uma brincadeirinha, cresceu e depois virou uma brincadeira de bairro, que era do nosso mestre de cultura junina [...], Azaza, José Rodrigues. Um dos maiores ícones da cultura da nossa cidade”.

Azaza (2021) conta que sempre apoiou e ajudou os grupos de quadrilhas juninas simõesfilhenses a se alavancarem. Passou muitos anos, fazendo com que elas acontecessem. Até então, não tinha olhado, ainda, para sua própria comunidade, no tocante à questão das quadrilhas juninas: “aí quando foi em 97: ‘poxa, eu passei minha vida toda’. E o povo daqui: ‘ééé, tudo de Azaza é pras quadrilhas de Simões Filho” (Azaza, 2021).

A partir de então, tiveram início a cobrança e o desejo de que deveria sair um grupo junino do bairro. Foi preciso um olhar para com seu próprio povo, para com sua

¹¹⁰ O Colégio Luiz Palmeira foi fundado em 1964, considerado um centro de referência em ensino.

comunidade. Azaza chegou até a levar alguns jovens de sua comunidade para participarem dos grupos que já existiam no município, mas apenas levava aqueles que dispunham de um pouquinho a mais de recursos financeiros.

O bairro de Góes Calmon é um povoado localizado distante do centro da cidade, sendo considerado zona rural do município de Simões Filho. Na época da criação do grupo, o local era bastante desprovido de transporte público, sobre isso Azaza (2021) relata: “consegui aqui pegar uns quatro meninos [...], que foram dançar lá¹¹¹, mas a maioria não ia, por causa da distância, aqui era ruim de transporte”.

Então, nasce o grupo Forró Góis, através de seu projeto piloto, em 1996, rumo aos concursos:

Quando foi em 97, eu peguei aqui, a gente juntou aqui, eu, Adilson, Reneide e Sandra, em uma conversa, em uma conversa aqui na Estação. Oxente, foi pau-casca [...]. Vamos fazer a quadrilha de Góes Calmon, que, até agora, a gente só tinha quadrilha de escola [...]. Aí, eu falei com seu Amilton, ele era vereador. Ele: - Não, vamos fazer! Aí adorou a ideia. Todo mundo abraçou a ideia. “Que nome dar? Qual nome dar? Qual nome vai ser? Já sei, Forró Góis, pronto”. Aí a gente começou. Na verdade, na verdade, a gente começou em 96, que era o plano, o projeto. Ainda dançou, mas, em 97, que ela vem firme. É, que aí, a gente já começava a enfrentar os concursos tudo (Azaza, 2021).

Na **Figura 29**, o grupo Forró Góis. Na primeira imagem (à esquerda), o fundador do grupo, Azaza, com membros da comunidade e o ex-prefeito Edson Almeida, em evento junino no bairro de Góes Calmon. Na imagem no canto superior direito, parte do grupo Forró Góis e representantes políticos da cidade. Na imagem inferior, à direita, parte dos membros do grupo Forró Góis, alguns membros da comunidade, o ex-prefeito Eduardo Alencar e o ex-vice-prefeito Sérgio Leite.

¹¹¹ Aqui, Azaza refere-se aos bairros localizados no centro do município: CIA I, Centro etc.

Figura 29 - Forró Góis (1998)

Fonte: Arquivo pessoal de Azaza

José Rodrigues Ferreira (Azaza) afirma que quem dava total apoio ao grupo Forró Góis, desde a sua criação, era um vereador que morava no próprio bairro de Góes Calmon, o Sr. Amilton Santana:

Amilton Santana, era vereador, daqui do município [...], ele não aceitava que eu pedisse a ninguém, ele dizia, eu resolvo. Era assim, ele dava a roupa. Ele ia com a gente, comprava, comprava sapato, comparava o pano, a gente, providenciava costureiras e cada pai pagava a costura (Azaza, 2021).

Tempero Junino

Em seu relato, Lindivaldo Campos (2021) informa como se inseriu no grupo Tempero Junino. Segundo ele, essa inserção no grupo aconteceu já nos últimos anos de funcionamento da quadrilha: “fiz um trabalho de contribuir na parte de coreografia que foi em Simões Filho I, uma quadrilha chamada Tempero Junino, foi praticamente os últimos anos dela, isso já foi no início dos anos 90, 92, 93”. Ele ressalta também quem foram os fundadores do grupo, a saber: Dona Ana e seus filhos, Jorginho e Cristóvão – todos moradores do bairro Simões Filho I, local onde nasceu o grupo.

Para continuar em atividade, o grupo angariava recursos, a exemplo de: ajuda de amigos, rifa, bingo, vendas de bilhetes de balaios juninos, donos de lojas que doavam dinheiro e até, muitas vezes, o próprio tecido, para confecção das roupas.

Campos relata que eles precisavam buscar esses artifícios, pois tinham muitos custos, com indumentárias, costureiras, sanfoneiros etc., visto que “a maioria das pessoas que participavam dessas quadrilhas eram pessoas de famílias simples, de

famílias sem um potencial financeiro, né, pra poder bancar as quadrilhas” (Campos, 2021).

Na **Figura 30**, a fotografia do grupo Tempero Junino que foi registrada em Simões Filho, no bairro Ponto Parada¹¹², em um concurso que ocorreu em 1989, no Condomínio João Filgueiras. Nesse concurso, Lindivaldo Campos foi considerado o melhor marcador. Na imagem à esquerda, a setinha aponta para Márcio Fidelis, ao centro, compondo parte do grupo:

Figura 30 - Tempero Junino (1989)



Marcio Fidelis ao centro

Fonte: Arquivo pessoal de Lindivaldo Campos¹¹³

Os três grupos apresentados, a seguir, são os infantis: Xodózinho, Cochilinho e Em Ciminha da Hora:

Xodózinho

A quadrilha junina Xodózinho, antes denominada Chameguinho, foi fundada em 1985. O grupo foi criado e idealizado, a princípio, com o intuito de envolver as crianças da comunidade em alguma atividade, para que pudessem ocupar uma parte do seu tempo. Di Deus (2014, p. 76) aborda o tempo dedicado pelos brincantes nas quadrilhas juninas:

Os brincantes, com alguma diferenciação no grau de dedicação, participam intensamente de suas quadrilhas. Em sua maioria são jovens, trabalhadores e estudantes, que investem grande parte de seu

¹¹² Um dos bairros mais antigos da cidade.

¹¹³ Essa foto também se encontra na dissertação de mestrado de Márcio Fidelis dos Santos (2021).

tempo livre em ensaios (que se tornam diários nos meses anteriores aos festejos), em encontros de preparação de cenários e figurinos, e até mesmo na organização do movimento junino.

Segundo Dona Rosinha, o grupo sobreviveu “de 85 a 92, que foi 8 anos de quadrilha, com certeza”. Eventos, estes, que os mantinham em atividade, durante o ano inteiro, e no mês de junho, se dedicavam na organização, de apresentação, de quadrilhas juninas. Apesar, do grupo ter sido criado pelas responsáveis citadas logo abaixo, a Xodózinho, segundo Mangabeira (2021), fez parte “[...] de uma família totalmente quadrilheira”. Toda a família de Dona Rosinha participava do grupo, e foi seu filho, Dú, quem acabou dando o pontapé inicial e todo apoio possível para ativar o grupo. Ao falar sobre seu filho, Rosa Cavalcante (2021) afirma: “foi ele que me ajudou, que me botou, a minha família, que era eu, os meninos, e minha família”. Seu esposo, Alimba, também apoiava o grupo junino.

Rosa Cavalcante e as irmãs, Maria do Amparo Gomes Gonçalves e Maria Piedade Gomes, foram as principais responsáveis pela criação da quadrilha. Essas pessoas, juntamente com a comunidade, realizavam no Largo da Quadra 2 do CIA II, além das apresentações de quadrilhas, outros eventos como: pau-de-sebo, quebra-pote, judas, concurso de miss, campeonato de futebol etc.

Logo no início, quando criaram o grupo, Rosa Cavalcante (Dona Rosinha) ia de porta em porta, nas casas do bairro, procurando e convidando as crianças a participarem da quadrilha junina. No dia em que tiveram que apresentar o grupo em outra quadra do bairro, Maria e Piedade não se fizeram presentes, não se sabe se por medo ou nervosismo:

Eu tive que sair sozinha com este mundo de menino, dando risada [...] tremia que só [...], mas apresentei foi aquela coisa toda, todo mundo aplaudiu gostou muito da quadrilha Chameguinho. Foi eu e Maria, a representante, a gente é que, que ensaiava (Cavalcante, R., 2021).

Após a desistência de Maria do Amparo e de Piedade de levarem o grupo adiante, Rosa Cavalcante deu seguimento com seu filho Dú, que deixou um grande legado na história das quadrilhas juninas do município. Valter Mangabeira também fala, bastante emocionado, sobre essa figura:

Uma pessoa é, que eu tenho que respirar para não, na emoção, eu acabar não chorando, que foi um grande amigo, um grande

quadrilheiro, um dos maiores dançarinos da nossa cidade e ele era quem carregava a Xodózinho mesmo, era ele quem coreografava, era ele quem coreografava lá o Balão Mágico e, um ano, eu tive a honra de ter ele coreografando a minha, a minha quadrilha junto com Deny, que foi dá, [...], Denguinho de Yayá, que é o nosso amigo, Edwilson (Dú), filho de dona Rosinha. Dú era um quadrilheiraço da nossa cidade, e ele coreografou várias quadrilhas (Mangabeira, 2021).

Rosa Cavalcante (2021) aborda o tema escolhido para a primeira apresentação do grupo Xodózinho, em concurso de quadrilha formal, “o primeiro ano da TV foi São João na Espanha”. Na **Figura 31**, pode-se observar a indumentária utilizada pelo grupo nesse evento. Do lado esquerdo, pode-se ver a brincante Carla Cavalcante, filha de Dona Rosinha, pronta para se apresentar; do lado direito, a imagem mostra Carla e o grupo Xodózinho se apresentando no Arraiá do Galinho, em 1986:

Figura 31 - Xodózinho: “Arraiá do Galinho” (1986)



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Cavalcante

A manutenção do grupo era feita com a ajuda da comunidade, com o apoio dos pais das crianças, com a realização de bingos, rifas, apoio de membros da prefeitura: “a gente fazia rifa, a gente fazia, como eu falei, pedágio, é, é bingo, tudo isso para angariar fundos para levar a quadrilha em frente” (Cavalcante, R., 2021).

Sobre a colaboração de pessoas ligadas à gestão do município, o grupo contou com o apoio de uma candidata a vereadora, secretária do prefeito Berlindo à época: “essa candidata, na época, arrumou de tudo, tudo, ela assumiu a Xodózinho, tudo, só não pagou costura das roupas [...], encomendou as botas, as roupas, tudo. [...] me mandou ir ali em loja na Baixa dos Sapateiros [...]” (Cavalcante, R., 2021).

As maiores dificuldades enfrentadas eram quando o grupo era da categoria infantil, pois, nesse contexto, era necessário correr atrás de tudo para os pequeninos, mas, quando se tratava da categoria adulto, segundo Carla:

Carnaval terminou, hoje, nós no outro dia começávamos nossos ensaios. Aí sim, era o ano todo. Aí você tinha [...]: tema, roupas já estava sendo produzida, já chegava para dizer o valor de roupa. Eu digo isso porque eu dancei, tanto na Xodózinho, quanto na quadrilha adulta. Dancei na Cochilou, dancei na Em Cima da Hora e na Balão Mágico (Cavalcante, C., 2021).

Conseguir suporte para os grupos era quase sempre um desafio. Uma grande apoiadora na doação de sapatos era a Talinda, segundo Carla Cavalcante (2021), “[...] a gente tinha que ter espaço, a gente tinha que ter roupa, a gente tinha que ter sapato [...], eu me lembro que a Talinda¹¹⁴ ajudou a gente um bom tempo [...]”. Outro apoiador do grupo em questão foi o ex-prefeito e sua esposa: “quem investiu mesmo foi Edson Almeida com Raquel” (Cavalcante, C., 2021).

Sobre a questão do transporte, Carla Cavalcante (2021) enfatiza: “sair daqui, para a quadra 7, a gente vai até andando, ou bota em um transporte, mas, para você ir para o interior, para você ir para o *Arraiá do Galo*, para você ir, é, *Ao Pé da Fogueira*, era muito investimento”. Para Dona Rosinha, “o maior apoiador em transporte foi [...], Gervásio Ramos” (Cavalcante, R., 2021).

Em Ciminha da Hora

O grupo surgiu devido a regra que menores de dezesseis anos não podiam participar do grupo de quadrilha dos jovens:

*Só que nós tínhamos uma montanha de criança que queria participar [...], e eu era professor de esportes e recreação, em uma escola particular, que não existe mais. A diretora presidente, Livia Costa Durval, a dona da escola [...] ela aí pediu: - Valter, vamos fazer uma quadrilha junina pequena? Eu falei um bora. E, aí eu pedia a ela: eu posso usar o nome da minha quadrilha junina, daqui? Pode. E nós viramos a quadrilha junina *Em Ciminha da Hora*, do qual o meu componente de linha de frente é o vice-prefeito da cidade, Sid Serra (Mangabeira, 2021).*

¹¹⁴ Indústria e comércio no ramo de calçados e confecções desde 1980.

A criação da Em Ciminha da Hora foi um fator bastante significativo, pois essa quadrilha acabou sustentando outros grupos, contribuindo com a continuidade deles, que acabaram se fortalecendo ainda mais. Segundo Mangabeira (2021), “componentes da Em Ciminha da hora se tornaram componentes da Em Cima da Hora, e começou a abastecer as quadrilhas”. Com isso, já contando com a mirim da Cochilou, e agora com a mirim da Em Cima da Hora, os grupos de quadrilhas ganharam nova ascendência: “nós tivemos um novo boom de quadrilhas, foi quando a gente começou a colocar quadrilha mirim, [...] então, as quadrilhas juninas grandes começaram a receber vários componentes” (Mangabeira, 2021).

O grupo sempre se apresentava, voluntariamente, em uma das unidades das Obras Sociais Irmã Dulce (OSID)¹¹⁵, especificamente no Centro Educacional Santo Antônio (CESA). Segundo Mangabeira, a freira sempre fazia questão de agradecer-lo pessoalmente: “[...] quando ela vinha, ela sempre fazia questão me agradecer, com a vozinha baixinha, chegava, muito próximo, ‘obrigada’, era uma coisa linda demais [...]” (Mangabeira, 2021)¹¹⁶.

Na **Figura 32**, pode-se observar o grupo Em Ciminha da Hora em uma de suas apresentações nas Obras Sociais Irmã Dulce. Na primeira imagem, no lado superior esquerdo, Irmã Dulce aparece entregando um troféu a Valter Mangabeira, em agradecimento pelo trabalho voluntário que o grupo realizava na associação. Na segunda imagem, à direita, também na parte superior, Irmã Dulce está abençoando a pessoa de Valter Mangabeira. Na terceira foto, na parte inferior, Irmã Dulce com Valter Mangabeira e o grupo Em Ciminha da Hora:

¹¹⁵ A Associação Obras Sociais “Irmã Dulce” foi fundada em 26 de maio e instalada em 15 de agosto de 1959 (Prefeitura Municipal de Simões Filho, 1992, p. 56).

¹¹⁶ Ao enviar as fotografias, por meio do aplicativo *WhatsApp*, Mangabeira também mandou um áudio explicando a experiência e o contato que teve com irmã Dulce.

Figura 32 - Em Ciminha da Hora: Associação Obras Sociais Irmã Dulce¹¹⁷



Fonte: Arquivo pessoal de Valter Mangabeira

Cochilinho

A Cochilinho (**Figura 33**) era a quadrilha mirim da Cochilou Cachimbo Cai. Rosy coreografava esse grupo e também confeccionava alguns figurinos. Ela sempre era chamada para dar ideias ao grupo, e colaborava com a quadrilha como podia:

[...] Quando eu estava na Cochilou, havia uma quadrilha infantil da Cochilou, a Cochilinho, que era uma professora que era a presidente. Eu fazia, desenhava, os figurinos, da Cochilou e da Cochilinho. Eu decidia alguns movimentos, da Cochilou e da Cochilinho [...] (Coelho, 2021).

Valter Mangabeira ressalta sobre os grupos juninos mirins do município:

Tivemos quadrilhas mirins: a Cochilinho, a Em Ciminha da Hora e a Balão Mágico Mirim¹¹⁸. Eram quadrilhinhas fantásticas. Elas concorriam de nível estadual mesmo, elas eram muito boas. Essas três quadrilhas mirins, elas merecem ser citadas, porque elas eram quadrilhas muito boas, aqui do nosso município (Mangabeira, 2021).

¹¹⁷ Essas fotografias encontram-se no Memorial Irmã Dulce. Disponível em: <https://www.irmadulce.org.br/santuاريو/p%C3%A1gina/conteudo/memorial-irma-dulce>. Acesso em: 5 jan. 2024.

¹¹⁸ Mangabeira refere-se ao grupo Xodózinho.

Figura 33 - Grupo Cochilinho

Fonte: Arquivo Pessoal de Rosy Coelho

No ano de 1988, em 5 de junho, foi publicado um informe no *Jornal A Tarde* sobre um arraiaá que envolveu quadrilhas juninas no Shopping Itaigara¹¹⁹. Nesse evento, o grupo Cochilinho marcou presença. O objetivo desse festejo era incentivar os apreciadores de forró a visitarem o shopping em questão. Houve também uma campanha para atrair casais de namorados, com o chamariz: “acenda a fogueira do seu coração”. Comidas típicas das festas juninas também foram comercializadas no local. O evento uniu o forte apelo popular das fogueiras e forrós aos encantamentos do mês de junho. Além disso, nesse evento, aconteceram dois concursos: Quadrilha Junina Infantil e Caipira Mirim do Itaigara, onde os vencedores teriam direito ao prêmio em dinheiro. Nesse dia, aconteceu a primeira etapa do concurso. Segundo a reportagem, as quadrilhas participantes foram consideradas as melhores do estado da Bahia. Além da Cochilinho, participaram desse evento os seguintes grupos: Pikitita, Boa Vista Mirim, RDU, Denguinho, Rosa Baiana e Patativa.

Arraiá do Zezão

A quadrilha Arraiá do Zezão é um grupo junino que tem origens em uma comunidade quilombola. Campos (2021) comenta sobre essa quadrilha: “é teve uma,

¹¹⁹ Construído em 1980, esse shopping center está localizado na Avenida Antônio Carlos Magalhães, no Itaigara, bairro nobre da capital baiana.

na Comunidade de Palmares [...], teve a Arraiá do Zezão, né. Essa quadrilha, quem ficava a frente dela era dona Bernadete. Uma pessoa que é liderança de Quilombo”.

O grupo também foi citado por Rosy Coelho e por José Rodrigues Ferreira (Azaza), que afirma ter colaborado com vários grupos até tomar a iniciativa de criar a Forró Góis, inclusive a Arraiá do Zezão. Segundo Azaza (2021), “e eu, continuei ajudando, eles todos, né. Ajudei a Forró do CIA, ajudei a da Cochilou, é, ajudei Valter, Tia Ângela, nunca ajudei não. Bernadete também montou lá Forró do Zezão”. O Arraiá do Zezão foi um dos últimos grupos juninos do município a romper com as atividades juninas. De acordo com Rosy Coelho (2021), “aí Bernadete [...] continuou [...]. Ela parou de ir para os concursos de Salvador e continuou indo, pros concursos de Camaçari, porque Palmares já é pertinho de Camaçari”.

Valter Mangabeira (2021) fala com carinho do trabalho de Dona Bernadete como quadrilheira, e detalha um pouco como o grupo era mantido:

Nós tínhamos Arraiá do Zezão, que era bancado pelo Café Zezão, que é da Pitanguinha, perdão, Pitanga de Palmares, com Bernadete. Bernadete que é uma agente cultural fantástica da nossa cidade uma, uma, um exemplo da cultura da nossa cidade, uma pessoa que é ligada à religião afro, muito, muito, muito inteligente da área de cultura. Bernadete é uma pessoa maravilhosa, ela teve uma quadrilha chamada Arraiá do Zezão, que era bancada pelo Café Zezão, uma empresa de café, ligada à Palmares, Pitanga de Palmares, que não tem mais.

A comunidade Pitanga de Palmares – comunidade de grande referência no município – é um território quilombola, assim como as comunidades do Dandá e Rios dos Macacos, todas elas localizadas no município de Simões Filho: “nas comunidades quilombolas [...] as diversas manifestações festivas expressam não apenas momentos de sociabilidades, mas promovem a construção de um patrimônio de valor religioso, estético-artístico e musical” (Tavares *et al.*, 2019, p. 43). Essa comunidade carrega consigo uma grande diversidade cultural e do seio dela surgiu a quadrilha junina Arraiá do Zezão, que foi presidida pela Líder Quilombola Maria Bernadete Pacífico, mais conhecida como “Bernadete” ou “Mãe Bernadete”.

Nesse trecho da conversa, em que a líder quilombola cede entrevista a Wayra Silveira (2020), é possível perceber um pouco sobre a história de vida dessa grande mulher:

Eu fiz contabilidade, depois eu fiz estudo social da história. Sai no segundo semestre por questões financeiras. Não tinha condições, meu pai morreu [...] não tive quem me desse apoio, entende. Filha de lavrador, que condições tinha, nenhuma. Então eu achei por bem [...] eu bordei farda, bordei vestido, bordei roupa, aí daí comecei com um vestidinho de cetim, aí fui levando, fui levando [...].

Sempre envolvida com a comunidade em atividades culturais, Mãe Bernardete esteve à frente das diversas festividades e brincadeiras que eram realizadas no quilombo. Segundo Tavares *et al.* (2019, p. 44), “as festividades dos quilombos também dizem respeito a um patrimônio artístico, festivo e lúdico enraizado”. Ainda segundo os escritos de Wayra Silveira (2020), outra atividade cultural que Bernardete participava de forma ativa em sua comunidade era:

[...] o da pastorinha, a Queimada da Palinha. Isso foi criado aqui, por seu Matias dos Santos por sinal baile de pastorinha, o Presépio de Deus Menino é de minha mãe, foi criada pela mãe da minha mãe que morreu com 103 anos [...]. Eu sou Pastora do Presépio, agora dia de São Gonçalo eu não posso ser porque eu tenho que estar coordenando, para lá, para cá, quando falta uma pastora eu danço¹²⁰.

Como se vê, sua inserção com a cultura e suas tradições já vem de berço. Mãe Bernadete era Yalorixá¹²¹ e líder comunitária do município de Simões Filho: “mãe Bernadete tinha 72 anos e era coordenadora nacional da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação de Quilombos). Também foi secretária de Política de Promoção da Igualdade Racial do município entre os anos de 2009 e 2016” (Brasil, 2023).

Infelizmente, essa representante do grupo Arraiá do Zezão foi vítima da violência¹²² e teve sua vida ceifada¹²³ no dia 17 de agosto de 2023.

¹²⁰ A diferença entre as lapinhas e o pastoril é que as primeiras eram representadas diante dos presépios [...], reunindo em muitas “jornadas” pequenos autos, quatro pastora e um velho, quatro partes do mundo, liberdade, despotismo, paz, guerra e união, ciganas, caçadores, peregrina, etc. [...]. Apenas algumas são, relativamente, parecidas, alusivas ao assunto do natal., chegada e saída de pastoras, o “boa-noite, meus senhores”, os cantos do Ano Bom e Reis, a queima das palhinhas, etc. (Cascudo, 2012, p. 591).

¹²¹ São as sacerdotisas das religiões de matriz africana, também conhecidas popularmente como “mães de santo”.

¹²² Vídeo em que Mãe Bernadete chama a atenção para a violência contra o povo quilombola em encontro com a ministra do STF Rosa Weber, em julho de 2023, divulgado nas redes sociais alguns meses antes de seu assassinato. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=qu7XxbjwOtM>. Acesso em: 5 jan. 2024.

¹²³ Assim como Dona Bernadete, seu filho Flávio Gabriel Pacífico dos Santos também foi assassinado violentamente em 2017.

Para além de ser porta-voz e representante das demandas políticas do quilombo, Bernadete também exercia um papel de cuidado direto e pessoal com a comunidade. “Orientação, marcação de exame médico, distribuição de cesta básica, **manifestações culturais**, ela estava sempre presente” (Brasil, 2023, grifo nosso).

Mãe Bernadete contribuiu significativamente com a história cultural do município de Simões Filho, nas suas diversas manifestações culturais. Azaza relata que, na última reunião que tivera com as lideranças dos grupos de quadrilhas juninas, em 2018, ela estivera presente. Isso mostra que Dona Bernadete ainda tinha interesse em colaborar ainda mais com a cultura no município, em especial, com a cultura e com as quadrilhas juninas.

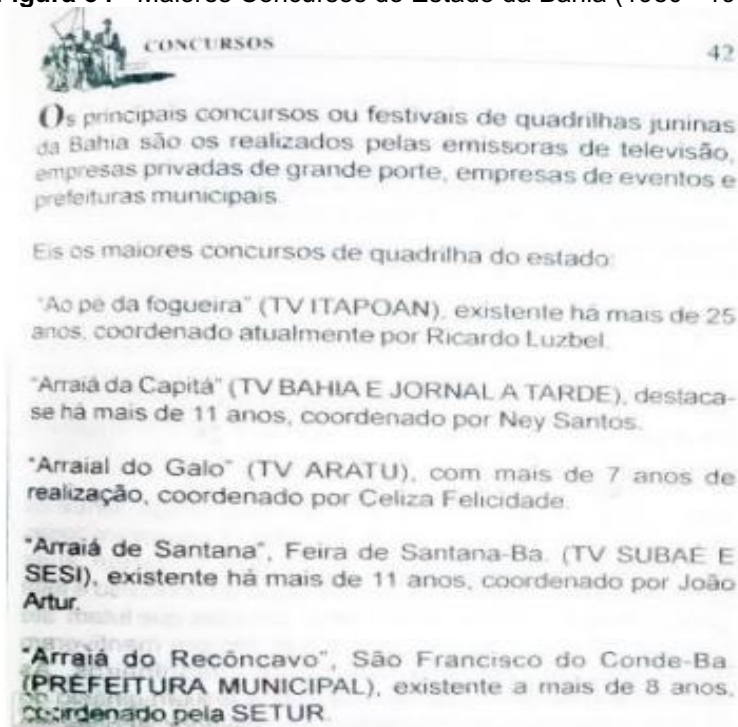
4.2 OS GRUPOS SIMÕESFILHENSES NOS CONCURSOS E FESTIVAIS FORMAIS DE QUADRILHAS JUNINAS

Os concursos podem envolver concorrentes de uma mesma cidade, estado ou de todo país como os da CONFEBRAQ (Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas) - mas em geral são promovidos pelos poderes públicos (prefeituras municipais ou governos estaduais), e iniciativas do poder privado, como órgãos de comunicação, especialmente as emissoras de televisão (Chianca, 2018, p. 5).

Nas seções anteriores, foram citados alguns concursos e festivais de quadrilhas juninas. A **Figura 34**¹²⁴ aponta alguns concursos que se encontravam em atividade entre as décadas de 1980 e 1990:

¹²⁴ Produção independente de Carlos Oliveira de Brito, quadrilheiro e presidente da Federação Baiana de Quadrilhas Juninas - FEBAQ (2020).

Figura 34 - Maiores Concursos do Estado da Bahia (1980 - 1990)



Fonte: Paula (2020)

As apresentações de quadrilhas juninas, que ocorriam nas comunidades dos diversos bairros bem como em cidades do interior e na capital baiana, chamaram a atenção da mídia televisiva, que acabou investindo nesse tipo de manifestação cultural. Esses eventos formais de concursos juninos, principalmente os de cunho televisivo, tornaram-se grandes atrativos e propulsores da evolução dos grupos de quadrilhas juninas estilizadas, como afirma Luciana de Oliveira Chianca (2013, p. 99):

Com importância progressiva na cena urbana das grandes cidades do Nordeste desde os anos 1990, os concursos de quadrilha se configuraram como um dos mais interessantes investimentos midiáticos contemporâneos, o que se deve à vitalidade e ao forte potencial estético da quadrilha junina.

Esses eventos juninos arrastaram um grande número de grupos juninos, que passaram a se preparar ou a serem criados, apenas, para esse fim.

Soiane Gomes de Paula (2020), em seus estudos, aponta como se deu o surgimento dos concursos e campeonatos de quadrilhas juninas criados pelas emissoras de televisão em Salvador, nos quais os grupos simõesfilhenses também foram se enquadrando.

O que antes **era uma brincadeira na comunidade ou na escola**, no período das festas juninas, foi tomando uma proporção maior no intuito de participar de concursos populares, "de bairros", cada vez mais disputados. Todo esse movimento de concursos populares de quadrilhas chamou a atenção de algumas emissoras de TV em Salvador, que passaram a produzir seus próprios concursos, a exemplo da TV Itapuã com o Concurso Ao Pé da Fogueira e a TV Aratu com o Concurso Arraial do Galo. Tais eventos estimularam o surgimento das quadrilhas estilizadas ou "de competição", tendo em vista que os grupos juninos passaram a elaborar complexas coreografias e composições musicais, a partir de temas diversos, deixando de lado características tradicionais ou "matutas" (Paula, 2020, p. 47, grifo nosso).

A cidade de Simões Filho era também reconhecida por suas quadrilhas juninas. Muitas delas passaram a participar dos concursos, deixando sua marca, como afirma Lindivaldo Alves Campos (2021):

[...] Simões Filho foi rico em quadrilhas juninas [...], eram as quadrilhas que participavam dos eventos, representando Simões Filho, né, nas competições, nos festivais, né. Então, assim, Simões Filho, praticamente, tinha movimento de quadrilha, Simões Filho estava presente, porque era muitas quadrilhas, tá, eram muitas quadrilhas [...].

O desejo de se ver na telinha da TV e mostrar suas faces, aparecer, serem reconhecidos por representarem o papel de brincante, o desejo de representar uma cidade através do movimento junino, o orgulho de pertencer a um lugar, a uma cultura, eram fatores que motivavam aqueles envolvidos com a quadrilha junina. Participar dos concursos televisivos era uma grande oportunidade de aparecer na telinha. Segundo Soiane Gomes de Paula (2020, p. 54), a realização desses concursos que envolviam grupos juninos "[...] era garantia de muita audiência, tanto nas gravações ao vivo que "superlotavam ginásios", quanto de telespectadores que assistiam em suas casas. As aparições das quadrilhas na televisão era algo que mobilizava suas comunidades [...]".

Atraídas pelos concursos televisivos, os grupos juninos de Simões Filho foram enquadrando-se nos eventos formais de competição. Como afirma o autor Menezes Neto (2008, p. 56), "desde as décadas de 1970-80 [...] acirram a competição. Inicialmente, apenas as quadrilhas matutas, compostas por moradores das ruas e bairros próximos, disputavam entre si títulos, troféus e medalhas". Essas afirmações também estão presentes nas falas dos entrevistados:

[...] Aí quando foi nos meados dos anos 80 surgiu os concursos,¹²⁵ que foi o primeiro concurso, foi o do Galinho, que foi a TV Aratu, foi o primeiro que surgiu na Bahia [...] TV Aratu, foi o do Galinho¹²⁶. No Arraiá do Galinho era a TV Aratu que tinha o concurso do Galo, foi o primeiro que surgiu na Bahia. Aí, a gente decidiu, o pessoal decidiu montar uma quadrilha para ir concorrer no Galinho, saiu uma quadrilha de Simões Filho para concorrer no Galinho. Que foi [...] foi Cochilou. Lúcia da Casinha Encantada, ela tinha uma escola no Cia. Foi lá, fazia aquelas quadrilhas, aí montou a Cochilou para participar do Galinho (Azaza, 2021).

Lindivaldo Alves Campos e Valter Mangabeira comentam sobre vários concursos que os grupos juninos simõesfilhenses participaram, tanto na cidade quanto na capital e em suas adjacências:

Os eventos mais destacados eram: Ao Pé da Fogueira né, tinha um concurso lá, é, o Arraiá da Capitá, é o Arraiá do Galinho. Tinha também um evento de concurso de quadrilha no SESI do Retiro, era um evento muito bom também, né. Tinha um evento em Periperi, no Subúrbio, [...] acontecia um evento de concurso de quadrilha junina lá na Universidade de Feira de Santana e era um evento muito potencial, São Francisco do Conde... Então assim, é muito. Simões Filho tinha um concurso de quadrilha no SESI [...] que era destaque, muita gente participava e todo mundo queria ir porque era na quadra do SESI (Campos, 2021).

A gente resolveu participar dos grandes concursos de Salvador, é, participamos do, na época, nós tínhamos, o, a, o Arraiá do Galinho, talvez da TV Aratu, do SBT, que a Itapuã tinha o mais tradicional de todos que era o Ao Pé da Fogueira, o maior concurso de quadrilha junina da Bahia, que perdurou até poucos anos atrás, nós tínhamos o Arraiá da Capitá, que era o maior concurso de quadrilha tradicional (Mangabeira, 2021).

Carla Cavalcante (2021) explana como o grupo Xodózinho começou a ganhar visibilidade após ter participado e se inserido no concurso televisionado de quadrilhas juninas, *Ao Pé da Fogueira*. De acordo com ela, “a Xodózinho ensaiava aqui na rua, e aí, quando passou a competição, que passou pelo *Ao Pé da Fogueira*, que o pessoal começou a ficar de olho, a Xodózinho tá crescendo, não é mais aquela quadrilha de rua [...]” (Cavalcante, C., 2021).

¹²⁵ Nesse período, a fusão das quadrilhas tradicionais com as estilizadas foi mais intensa.

¹²⁶ Mais adiante, especificamente na subseção 4.2, apresentaremos mais informações a respeito desse e de outros eventos de campeonatos e concursos de quadrilhas juninas os quais os grupos simõesfilhenses participaram.

Era grande o número de quadrilhas juninas de Simões Filho classificadas nesses eventos de competições, “[...] na final, estavam sempre as quadrilhas de Simões Filho, estavam presentes: Bem Me Quer, Em Cima da Hora, Balão Mágico, Cochilou [...], mas a Cochilou Cachimbo Cai era ‘a quadrilha junina’ do município [...]” (Mangabeira, 2021).

Vários grupos de quadrilhas juninas saíram do município e se mostraram lá fora. Esses grupos apresentaram, belissimamente, uma cultura que era uma tradição da cidade. Esses grupos representaram uma comunidade, a comunidade do povo simõesfilhense.

4.2.1 Quadrilhas juninas simõesfilhenses no Concurso Ao Pé da Fogueira

Em 1986, ao realizar a primeira inscrição do grupo Chameguinho em um concurso de competição que acontecia em Salvador, Rosa Cavalcante (2021) relata que “quando foi, o primeiro ano, que a gente teve que inscrever, no *Ao Pé da Fogueira* [...], chegando lá, não pode inscrever com o nome Chameguinho, aí teve que trocar o nome, aí colocou Xodózinho” (Cavalcante, R., 2021). A partir desse primeiro concurso, o grupo Xodózinho participou de vários outros campeonatos e festivais de quadrilhas juninas. Nos anos seguintes, “[...] e todo ano, participando. Era *Ao Pé da Fogueira*, era o *Arraiá do Galo*, *Arraiá da Capitá*, era Jauá, era Caldas de Cipó” (Cavalcante, R., 2021).

As fotos, a seguir, são do grupo Xodózinho. Na **Figura 35**, parte dos membros do grupo, personalizados, pousam para a foto enquanto aguardam para se apresentar no Concurso *Ao Pé da Fogueira*, no SESI do Retiro, em 1989. Na imagem, Dú Cavalcante aparece ao fundo, de chapéu vermelho, com parte do grupo. Na **Figura 36**, aparece o grupo se apresentando no evento em questão:

Figura 35 - Xodózinho: Ao Pé da Fogueira (1989)



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Cavalcante

Figura 36 - Xodózinho: Apresentação no Ao Pé da Fogueira (1989)



Fonte: Arquivo pessoal de Rosa Cavalcante

A **Figura 37** mostra o grupo Balão Mágico apresentando-se também no concurso *Ao Pé da Fogueira*, em 1997:

Figura 37 - Balão Mágico: Ao Pé da Fogueira (1997)



Fonte: Arquivo pessoal de Valtécio Seixas

A **Figura 38**, a seguir, ilustra um grupo de quadrilha junina simõesfilhense apresentando-se em um concurso que ocorreu no SESI do Retiro (1991), que contou com o apoio e incentivo da Prefeitura Municipal de Simões Filho, juntamente com a Assessoria de Comunicação do município:

Figura 38 - Ao Pé da Fogueira: SESI do Retiro, Salvador (1991)¹²⁷



Fonte: Arquivo Público Municipal de Simões Filho

4.2.2 Quadrilhas juninas simõesfilhense no Concurso Arraiá da Capitá

O *Arraiá da Capitá*, antes denominado *Arraiá da Orla*¹²⁸, foi criado em 1986. O primeiro ano de realização desse evento aconteceu no espaço do antigo Aeroclube, localizado entre os bairros soteropolitanos da Boca do Rio e Jardim Armação. Para esse evento, foi criada uma cidade cenográfica do tamanho do município de Lençóis, na Chapada Diamantina. Além disso, foram oferecidas diferentes atrações ao público, como bandas de forró, shows de grandes artistas da música sertaneja, apresentação de quadrilhas juninas etc. Esse arraiá foi promovido pelo *Jornal A Tarde*, *A Tarde FM* e *TV Aratu* e teve como apoiadores o Paes Mendonça, Unimar, Projeto Orla EMTURSA e o comércio de bebidas Pitú. Sua realização contribuiu sobremaneira com a valorização da Orla Marítima de Salvador. O evento contou com a participação de cantores como Genivaldo Lacerda, Marinês e Sua Gente, Cremilda, Osvaldinho, Luiz Gonzaga, Dominginhos, Sandro Becker e Sarajane. O objetivo do evento era oferecer aos soteropolitanos e aos turistas, durante o período junino, um local onde

¹²⁷ Faço a transcrição aqui de partes das informações que se encontram ilegíveis no verso da foto, a saber: assunto, Prefeitura Municipal de Simões Filho; Assessoria de Comunicação, local, data, 91.

¹²⁸ O “Arraiá da Orla” contou apenas com essa edição, no ano seguinte, ganha um novo nome: “Arraiá da Capitá” (A Tarde, 1986).

pudessem comemorar os festejos juninos, em um ambiente parecido com os dos interiores da Bahia (A Tarde, 1986).

No concurso de quadrilhas juninas, promovido pelo *Arraiá da Capitá* em 1988, houve a apresentação de um grupo junino inusitado, o grupo Milho Verde, cujos componentes eram todos do sexo masculino, sendo que metade deles se apresentavam vestidos de mulher. Nesse concurso, o grupo junino simõesfilhense Cochilou Cachimbo Cai marcou presença (A Tarde, 1988).

Já na década de 1990, em 1996, outro grupo surpreendente que se apresentou no *Arraiá da Capitá* foi o de jovens deficientes visuais, do Instituto de Cegos da Bahia¹²⁹. O coordenador do evento desse ano, Ney Santos, afirmou à época que “[...] é a única do Brasil que faz aparição pública. Não existe nada comparável”. Também nesse concurso, o grupo junino simõesfilhense Forró Góis foi apontado participando da penúltima fase, classificatória do campeonato (A Tarde, 1996).

Agregar às festas juninas elementos como as quadrilhas juninas, as músicas nordestinas, a imagem do campo e suas cidades interioranas, com suas culturas e tradições, foi uma escolha extremamente apropriada, que deu muito certo para esse e para tantos outros eventos juninos.

Na **Figura 39**, é possível ver o grupo Forró do CIA se apresentando em um dos concursos de quadrilhas juninas no *Arraiá da Capitá*, o tema escolhido para as apresentações desse ano foi: São João Babados e Bicos.

Figura 39 - Forró do Cia: As 20 Melhores do Estado da Bahia



Fonte: Arquivo pessoal de Rosy Coelho¹³⁰

¹²⁹ Sua primeira sede foi em um casarão no Barbalho, doada pelo prefeito Americano da Costa, inaugurada no dia 30 de abril de 1933, onde os albergados viviam com suas famílias e trabalhavam na confecção de vassouras.

¹³⁰ A detentora da fotografia, Rosy Coelho, não se lembra com precisão do ano dessa apresentação.

Nesse evento, o grupo recebeu o título de melhor figurino e ganhou a chave verde, ficando entre as 20 melhores quadrilhas juninas do estado da Bahia.

O **Quadro 3**, a seguir, informa sobre a presença dos grupos de quadrilhas juninas simõesfilhenses no *Arraiá da Capitá*¹³¹, entre as décadas de 1980 e 1990. Essas informações foram publicadas¹³² no jornal de grande circulação *A Tarde*:

Quadro 3 - Quadrilhas juninas simõesfilhense x “Arraiá da Capitá”

GRUPOS PARTICIPANTES	DATA DA PUBLICAÇÃO	INFORMAÇÕES GERAIS SOBRE O EVENTO
Bem Me Quer Em Cima da Hora	16 jun. 1987	Tema da Bem Me Quer: Flor Cigana (em homenagem a Luiz Caldas). Nesse concurso, as vagas para as quadrilhas eram restritas a apenas 16 grupos, mas foram ampliadas para 24 em função da grande procura.
Bem Me Quer Cochilinho	17 jun. 1988 10 jun. 1988	Pelo menos 37 grupos de quadrilhas juninas participaram das competições. O bairro do Uruguai ¹³³ foi o que mais inscreveu grupos, foram, ao menos, 20 deles.
Arraiá Lá de Cima Bem Me Quer Cochilou Cachimbo Cai Em Cima da Hora Forró do CIA	16 jun. 1989 17 jun. 1989 21 jun. 1989	56 grupos de quadrilhas juninas foram selecionados para participar do “Arraiá da Capitá” desse ano. No total, foram 130 grupos inscritos. Esse foi considerado o maior concurso do Gênero no País.
Bem Me Quer Cochilou Cachimbo Cai Em Cima da Hora Forró do CIA	19 jun. 1990	No concurso desse ano, as seguintes quadrilhas juninas foram classificadas para a 1ª e a 2ª semifinal, a saber: Em Cima da Hora, Cochilou Cachimbo Cai e Forró do CIA. Essa edição foi promovida pelo <i>Jornal A Tarde</i> , a <i>Rádio 104 FM</i> e a <i>TV Bahia</i> . Além do concurso de quadrilhas, houve também uma competição de lambada ¹³⁴ .
Ká Entre Nós	20 jun. 1994	Nessa edição, 92 grupos juninos inscreveram-se, sendo 80 grupos na categoria adulto e 12 grupos na categoria mirim. O prêmio para o grupo ganhador foi de CR\$25 milhões.
Forró Góis	27 jun. 1996	Na edição desse ano, foi comemorado o 10º aniversário do “Arraiá da Capitá”. Dentre as novidades desse evento, destacam-se: a festa durava nove dias consecutivos, a partir daí passou a durar dez, intercalando São João e São Pedro. Nesse ano, houve 43 grupos inscritos na categoria adulto e 13 na categoria mirim, totalizando 53 grupos inscritos.
Balão Mágico Forró Góis Foguetão/Bem Me Quer	21 jun. 1997 23 jun. 1997 25 jun. 1997 26 jun. 1997	Nesse evento, foram 58 grupos de quadrilhas inscritas, sendo 42 na categoria adulto e 16 na categoria mirim. Esse ano quem promoveu o evento foram o <i>Jornal A Tarde</i> , <i>A Tarde FM</i> e a <i>TV Bahia</i> .

¹³¹ Registros de vários grupos juninos, da capital e do interior da Bahia, também se encontram nessas reportagens publicadas pelo *Jornal A Tarde*. Essas informações poderão servir também para futuras pesquisas, não só sobre estes, como também sobre outros grupos juninos.

¹³² Os grupos juninos da cidade de Simões Filho aparecem nas publicações do *Jornal A Tarde* nessas datas, salientamos que, durante a pesquisa, algumas edições não puderam ser consultadas, devido ao estado fragilizado do documento.

¹³³ Bairro da Cidade Baixa da capital baiana.

¹³⁴ A lambada surgiu da junção de outros ritmos brasileiros, como o forró nordestino, guitarrada, cumbia, o carimbó da Amazônia e outros elementos latinos. O auge dessa dança brasileira, originária no Pará, foi no ano de 1989, quando a lambada se tornou mais conhecida pelo Nordeste, se tornando muito popular na Bahia, especificamente em Porto Seguro (Andrade, 2021).

4.2.3 Quadrilhas juninas simõesfilhenses no concurso Arraiá do Galinho

A *TV Aratu*, em 28 de abril de 2022, disponibilizou no site CS Curtindo Salvador um documentário sobre os 33 anos do *Arraiá do Galinho* – um vídeo¹³⁵ desse documentário também foi disponibilizado. Segundo essas publicações, o *Arraiá do Galinho*, antes denominado *Arraiá do Galo*, surgiu no ano de 1989. Seu papel original era a realização de um festival de quadrilhas juninas. A festa foi ganhando novas dimensões e transformou-se em um megaevento, que, além de oferecer o festival de quadrilhas juninas, agregou shows de grandes artistas.

O arraiá aconteceu em vários locais da cidade de Salvador, especialmente em casas de show e espaços destinados a grandes eventos, a exemplo do *Wet`n Wild*, Parque Costa Azul, Parque de Exposições etc. Atualmente, esse evento é uma grande referência no São João da Bahia, atraindo grandes e pequenos artistas, bem como gente de toda parte, de dentro e fora do estado, que vem participar e apreciar o festejo. O evento foi idealizado por Celisa Felicidade. Em entrevista¹³⁶, Célia Felicidade, irmã de Celisa, relata parte dessa história:

Sempre gostamos de São João. Celisa Felicidade (*in memoriam*) foi trabalhar na TV Aratu e ela resolveu criar o evento juntando o arraiá com a marca da empresa, que era um Galinho. Celisa foi a precursora, foi a que levantou a bandeira do movimento junino. É um dos grandes alicerces do nosso movimento na Bahia. Era o amor da vida dela (Felicidade, C., 2022).

Foi no festival do Galinho que aconteceu um dos maiores campeonatos brasileiros de quadrilhas juninas – justamente no ano de sua criação, em 1989 –, no qual concorreram mais de 60 grupos de quadrilhas juninas, vindos da própria capital baiana, dos municípios de suas redondezas e de vários outros estados.

Outrora apenas concurso de quadrilhas aberto e gratuito, atualmente é uma festa fechada com shows de artistas e bandas de sertanejo e

¹³⁵ ORIGINAIS ARATU ON. Galinho: Um espetáculo junino desde 1989: Grupo Aratu. **Youtube**, 7 abr. 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xNyy0z_hleI. Acesso em: 25 mar. 2023.

¹³⁶ TV ARATU LANÇA DOCUMENTÁRIO SOBRE OS 33 ANOS DO GALINHO. **Curtindo Salvador**, 28 abr. 2022. Disponível em: <https://www.curtindosalvador.com.br/2022/04/28/tv-aratu-lanca-documentario-sobre-os-33-anos-do-galinho/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

axé, com altos valores de ingresso, e por esse motivo não consegue mais agregar à comunidade, as torcidas das quadrilhas, para que lhes prestigiem. Os grupos juninos recebem uma cota de ingressos para distribuir entre os componentes e caso haja ingressos excedentes dão-se à amigos convidados (Paula, 2020, p. 107).

Nas entrevistas, os fundadores dos grupos juninos de Simões Filho contam que, quando as quadrilhas do município se apresentavam nesses concursos, era de se chamar a atenção: “olhe, aí, veio um ônibus de Mapele e outro daqui¹³⁷, pra [...] o *Arraiá do Galo* [...] na torcida, era grito, que na torcida, a torcida era enorme” (Cavalcante, R., 2021).

Ao menos, dez grupos simõesfilhenses, nas categorias adulto e mirim, fizeram-se presentes no primeiro concurso promovido pelo *Arraiá do Galo*, em 1989. Na categoria adulto, disputaram as seguintes quadrilhas: Balão Mágico, Bem Me Quer, Cochilou Cachimbo Cai, Denguinho de Yaiá, Em Cima da Hora, Falta Mais Um e Forró do CIA. Já na categoria mirim, disputaram Xodózinho, Cochilinho e Em Ciminha da Hora. O *Arraiá do Galinho* ainda acontece na cidade de Salvador e ainda é sucesso de público. Na **Figura 40**, aparece o grupo Em Cima da Hora se apresentando nesse arraiá:

Figura 40 - Em Cima da Hora: O Último Dia do Rei do Cangaço (1989)



Fonte: Arquivo pessoal de Valter Mangabeira

¹³⁷ Nesse momento, Rosa Cavalcante refere-se ao bairro do CIA II.

4.3 RELEVÂNCIA E DECLÍNIO DAS QUADRILHAS JUNINAS SIMÕESFILHENSES

Nesta seção, abordaremos elementos importantes para compreender mais profundamente o fenômeno das quadrilhas juninas no município de Simões Filho. Dessa forma, na subseção 4.3.1, apresentamos, a partir da fala de alguns entrevistados, o que identificamos como valores, sentimentos e emoções que esses indivíduos vivenciaram a partir das suas experiências nas quadrilhas juninas. Posteriormente, na subseção 4.3.2, temos como objetivo apontar e observar os fatores que contribuíram para levar os grupos de quadrilha de Simões Filho ao declínio.

4.3.1 Quadrilhas juninas simõesfilhense: significâncias¹³⁸

Analisando a evolução das quadrilhas juninas no município de Simões Filho, encontramos uma tradição que foi replicada, de forma coletiva, nos vários bairros e povoados da cidade. Com esta pesquisa, percebemos como essa tradição transgrediu para outras pessoas, sendo elas da mesma família ou não. Constatamos também alguns significados dessas quadrilhas para as pessoas envolvidas e para a sociedade de forma geral. É um bem, um legado, que faz parte da sociedade a qual ela pertence, e possui grande importância para a história local e nacional.

No Dicionário do Patrimônio Cultural, disponibilizado pelo IPHAN, Letícia C. R. Vianna, apresenta o conceito de patrimônio imaterial: “na cultura ocidental moderna, de modo geral, se refere a uma gama de coisas, **bens de grande valor** para pessoas, comunidades ou nações ou para todo o conjunto da humanidade” (Vianna, 2016, grifo nosso).

Portanto, é sobre o valor dado às quadrilhas juninas que iremos nos debruçar a partir de então, observando como ocorreu a propagação dessa herança nos grupos de quadrilhas juninas de Simões Filho. Para isso, faz-se necessário refletirmos sobre os depoimentos de importantes representantes da cultura junina no município de Simões Filho, a saber: Almir Teles, Rosa Cavalcante e Azaza, respectivamente.

¹³⁸ No **Apêndice D** é possível verificar no quadro exposto um breve resumo da fala dos entrevistados sobre a relevância das quadrilhas juninas para a história do município.

A maioria das pessoas da família de Almir participaram ativamente da quadrilha junina Bem Me Quer – seus filhos e filhas eram brincantes, e seu genro, além de brincante, era também marcador e coreógrafo do grupo. Segundo Almir Teles (2021), ele próprio nunca coreografou ou realizou outra atividade no grupo além da de marcador: “só marcava [...], Leto era com a coreografia, né? E eu só na disciplina, né. Adriana dançava, ela, meu filho Alexandro dançava, participava, só a esposa que acompanhava, quando ia pra o interior, né, distrair um pouquinho a mente, né”.

Dessa forma, nota-se que a tradição da quadrilha fez parte da família de Almir. Como ele relatou, seus filhos, Alexandro e Adriana, eram brincantes, contudo, Adriana também colaborava conduzindo novos passos ao grupo, juntamente com seu esposo Leto. “No ano em que dancei na Forró do CIA, Leto foi o coreógrafo, marcador e responsável pelo grupo. Adriana, sua esposa, ajudava-o a ensaiar os passos da dança – neste período, o Sr. Almir Teles já se encontrava afastado das atividades de quadrilheiro”¹³⁹ (Figueiredo, 2023).

Voltemos a nossa atenção agora para a explanação de Rosa Cavalcante. Ela e o seu filho, Dú Cavalcante, tocaram juntos o grupo Xodózinho, concomitantemente ele também atuava em outros grupos, dentro e fora do município. Assim, dando continuidade à tradição, a terceira geração de sua família também já nasceu fazendo parte desse contexto cultural: “meu neto, que foi no penúltimo ano, em 88, ele nasceu em 88, em, em fevereiro, em junho, ele já estava todo vestido de Xodózinho, até a boina tinha” (Cavalcante, R., 2021).

Um caso bastante inusitado foi o exposto por Rosy Coelho (2021). Ela conta que namorou e se casou durante o tempo de sua atuação no grupo Forró do CIA, e sua filha, Bele, praticamente nasceu em meio a um tablado de concurso de quadrilhas juninas:

[...] Então, quando a gente casou, no último, no penúltimo ano da Forró do Cia, é, eu fui pro ensaio geral, para quadrilha dançar no outro dia. Eu dancei o tema todo e aí eu voltei para casa, eu fui para a maternidade que a bolsa estourou e a minha filha nasceu e a quadrilha no outro dia foi dançar, eu não fui. Aí foi classificada para um mês depois, pra final, e aí eu fui já com Bele, já com um mês e pouco, pro Arraiá da Capitá, dentro do carrinho [...]. Olhe que a gente se conheceu, namoramos oito anos na quadrilha, depois a gente casou, a quadrilha continuou pelo menos cinco anos depois de casada [...] (Coelho, 2021).

¹³⁹ Lembranças da autora dos momentos de ensaio com o grupo Bem Me Quer.

Ainda em se tratando da questão familiar dentro dos grupos juninos, Azaza (2021) explica como acontecia a alternância da direção do grupo Cochilou Cachimbo Cai. A quadrilha era passada de um grupo para outro, de uma família para outra:

A Cochilou, olhe a Cochilou foi a que mais impressionou todo mundo, porque Lucia era uma pessoa muito conhecida, é Azaza conhecido, depois o pessoal de Heraldo, Rosy, e a Cochilou ela já veio disso, ela trocava de família, a família assumia. Por exemplo, esse ano agora é sua família que assume a Cochilou. Para o ano, você não quer mais, aquela família ali que assume. É, era assim. Então cada ano, um grupo e aquela família assumiam (Azaza, 2021).

O patrimônio, como visto anteriormente, configura-se como um bem de valor, por sua vez, a quadrilha junina significa um bem na vida de determinadas pessoas. Observemos agora esses pontos nos depoimentos de Rosa Cavalcante, José Rodrigues (Azaza), Rosy Coelho, Carla Cavalcante e Valtércio Seixas.

Para Rosa Cavalcante (2021), lidar com as quadrilhas juninas lhe proporcionou bastante contentamento, tornando-a ainda mais realizada como pessoa: “ô, é saudável, é cultura, pra mim, é cultura, alegria é cultura, cultura. [...]. Como eu te disse hoje, aquilo, aquilo foi a melhor coisa que eu fiz na minha vida e que eu consegui”.

Assim também aconteceu com Azaza (2021), além do sentimento de contentamento, a ideia de ser visto na telinha, de ser reconhecido pelas pessoas, lhe causava bastante alegria. A participação com o grupo proporcionou inúmeros momentos de felicidades a esse entrevistado, bem como a outros fundadores da quadrilha junina. Ele sabia que a comunidade, um dia, herdaria esse bem. Azaza (2021) conta que dia de “domingo, todo mundo queria assistir televisão, era uma festa né [...]. Gravou! Gravou! Vai passar na televisão [...]. Era uma loucura! Tinha tudo isso aí. A Forró Góis me deu muita alegria”.

José Rodrigues continua seu discurso. Ele fala sobre seus sentimentos em relação ao grupo, ainda com bastante emoção:

A quadrilha tem isso pra quem gosta, é, a gente estava lá fazendo porque gostava. Quem gosta de quadrilha mesmo, rapaz a gente vive muita emoção, é muito emotiva, é muita emoção com a quadrilha. Você se aborrece, chateia, porque organizar quadrilha não é fácil, problemas de adolescentes, lidar com adolescentes não é brincadeira, mas a gente é, se emociona muito, passa muito momentos na vida né, passa muitos momentos felizes com as quadrilhas. Como Almir passou lá na quadrilha dele, né, na Bem Me Quer, como Valtércio na

Balão, como Bernadete no Zezão, como Em Cima da Hora. Todo mundo passou. Eu participava dessas quadrilhas lá, eu via lá. Eu sabia que quando Góes Calmon tivesse a quadrilha dela a gente ia, a gente ia herdar isso [...] (Azaza, 2021).

Rosy Coelho traz em sua fala o reconhecimento de pessoas do bairro onde mora, apesar de ela não ter sabido, na época em que as quadrilhas ainda estavam ativas, que essas pessoas estimavam, e muito, a existência dos grupos na cidade:

Às vezes, eu encontro pessoas que são evangélicas e viraram evangélicas e, oh menina, eu sinto tanta falta da quadrilha. Porque, pra mim, elas não gostavam, entendeu? 'Oh, Rosy, era tão lindo aquele tempo'. 'E você gostava?' 'Gostava! Gostava muito'. 'Mulher, eu pensava que tu detestavas porque você era crente'. Porque aqui era bem assim, né. Ali é crente, ali é crente, então a gente sabia. E, assim, eu ouço testemunhos, relatos de várias pessoas e até pastores e missionários já me colocaram, assim: - Morreu né? Aquela tradição tão linda. Então você vê, né, como mexia com a sociedade toda (Coelho, 2021).

O gosto e admiração pela Forró do CIA transcendia as paredes do município, pois até mesmo brincantes e representantes de algumas quadrilhas juninas da capital admiravam o grupo:

É, Marluce, da quadrilha de Salvador [...] disse que a filha dela era fã da Forró do CIA, que ela sempre pegava a chave do dia da quadrilha dela, e pegava o dia da Forró do Cia, que ela sentava para assistir a Forró do CIA. A gente nem sabia que a gente tinha esse lado, das pessoas que faziam quadrilhas, que eram campeãs, e gostavam do trabalho da gente (Coelho, 2021).

Para Carla Cavalcante, fazer quadrilha é algo que foi, e ainda é, bastante significativo em sua vida. E quando, ainda nos dias de hoje, é dada a ela a oportunidade de organizar a dança, na escola em que coordena, para ela, isso é algo que ainda tem muito estima:

Era uma cultura muito rica, muito rica. Infelizmente, eu fico assim muito, tanto que a única coisa, eu sou cristã, mas a única coisa que eu pego na escola e eu gosto de fazer é a quadrilha [...], mas hoje eu digo a você, mesmo como evangélica, se hoje tivesse quadrilha, eu colocaria meus filhos (Cavalcante, C., 2021).

Para Valtércio Seixas, fazer quadrilha transcendia o gostar, ele não fazia por obrigação ou porque teria algum retorno, Seixas fazia quadrilha porque era algo que lhe fazia bem:

Quando, um belo ano, nós estávamos em casa, aí um repórter de uma rádio de Feira me implicou. Eu disse: - Rapaz, como é que você soube meu contato? Ele disse assim: - Olhe, rapaz, esse pessoal de quadrilha, assim, eu corro longe. Tudo bem, eu disse: - O que é que você quer? - Eu quero convidar vocês, para vocês fazer uma festa pro magistrado, o pessoal só é juiz, advogado [...]. Ele disse: - Você cobra quanto? - Eu disse: - Eu não cobro, eu não estou acostumado a cobrar nada, eu gosto de fazer por amor [...] (Seixas, 2021).

A quadrilha junina¹⁴⁰ é um meio que aproxima elementos comuns, existente na sociedade, do indivíduo que dela participa, nos mais variados aspectos – sejam eles na formação, educação e profissão. Além disso, no aspecto social, no que tange à prática de cidadania e coletividade, as quadrilhas também favorecem a relação de pertencimento do cidadão com a sua comunidade.

Para a realização de uma apresentação, o grupo precisa realizar inúmeras pesquisas sobre a cultura de outras cidades ou até mesmo de outros países, uma vez que, para fazer a performance acontecer o mais verdadeiramente possível, é preciso, antes de tudo, ter conhecimento aprofundado sobre o tema a ser retratado. Isso acaba por favorecer seus membros a terem acesso a novos elementos, gerando novos conhecimentos e colaborando com seu próprio processo de formação, dado que possibilita novas formas de ver e conhecer o mundo.

Em relação à educação, um dos quesitos bastante cobrados dos participantes das quadrilhas juninas é a disciplina, além da pontualidade, responsabilidade, assiduidade, dentre outros, pois, para atuar no grupo, é preciso se adequar às regras. Além disso, geralmente, os líderes dos grupos cobram um bom desempenho dos seus membros na escola¹⁴¹.

A quadrilha junina também é um meio que aproxima seus membros a perceberem e/ou tocarem novas profissões, como, por exemplo: coreógrafo(a), figurinista, cantor(a), costureiro(a), dançarino(a), compositor(a), adereçador(a)¹⁴²,

¹⁴⁰ O **Apêndice D** apresenta uma breve análise dos pontos mais destacados relatados por alguns dos entrevistados sobre a questão da relevância das quadrilhas juninas para o município, seguido de um comentário do que foi exposto a partir da percepção da pesquisadora.

¹⁴¹ Valter Mangabeira falou sobre essa questão no início do texto, mais especificamente no capítulo 2.

¹⁴² Aquele(a) que atua para enfeitar, ornar a quadrilha.

pesquisador(a), ator/atriz, dentre outras. Muitos desses brincantes acabam ganhando experiências em algumas profissões, ou até mesmo em mais de uma dessas, e acabam escolhendo-as para suas vidas.

Os grupos juninos também funcionam como um espaço de desenvolvimento social, que envolve questões de cidadania e coletividade. O período destinado à preparação de uma apresentação de quadrilha junina é suficiente para ocupar uma boa parte do tempo de seus membros, que acabam envolvidos em ensaios que acontecem durante vários dias, semanas e meses. Isso colabora para que se afastem das ruas, onde poderiam ficar expostos ao uso de drogas, da violência, da prostituição etc. Assim, esse lugar torna-se um espaço de cidadania e coletividade, pois permite a integração e o relacionamento entre pessoas, nas suas diversas fases, sejam elas crianças, jovens ou adultos.

Dessa forma, estar no grupo significa pertencer ao grupo. O pertencimento é um fator marcante e identificador da pessoa do quadrilheiro, aquele que partilha, representa e reproduz uma cultura para o povo.

4.3.2 Extinção¹⁴³ das quadrilhas juninas do Município de Simões Filho

Várias foram as causas que levaram os grupos juninos simõesfilhenses a cessarem com as suas atividades, dentre alguns desses fatores pode-se destacar: falta de recurso financeiros; falha no acompanhamento dos recursos financeiros adquiridos; falta de apoio dos gestores do município; falta de apoio da comunidade, em alguns casos, e dos pais, no caso das quadrilhas infantis; desistência de membros dos grupos; mudança da gestão pública do município, e conseqüentemente do perfil político, que a depender apoiava ou não os grupos juninos etc.

Faz-se necessário salientar que a ausência das quadrilhas juninas não é uma questão pontual que afetou apenas o município de Simões Filho, esse fato atingiu boa parte da Região Metropolitana de Salvador, bem como várias outras regiões do estado da Bahia, até mesmo a capital baiana.

O artigo publicado no *Portal A Tarde*, sob autoria de Henrique Almeida (2018), com título *Quadrilhas juninas correm risco de extinção por falta de financiamento na*

¹⁴³ No **Apêndice E**, apresentamos alguns pontos relatados pelos entrevistados e um breve comentário da pesquisadora sobre os diversos fatores que contribuíram para o enfraquecimento dos grupos de competição.

Bahia, apresenta um relato de Thaís Brandão, diretora do grupo de quadrilha junina Capelinha do Forró, oriundo do bairro de São Caetano¹⁴⁴, fundado há mais de 20 anos. Nesse artigo, aborda-se como:

A falta de compromisso dos órgãos públicos com a questão cultural e o pouco investimento do setor privado contribuem para o enfraquecimento dos grupos. “Em 1989, tínhamos mais de 200 quadrilhas juninas, juntando Salvador e região metropolitana. Hoje, temos pouquíssimas”, compara (Almeida, 2018).

O fato apresentado no excerto acima, pode ser observado com clareza a partir do cenário atual do contexto junino simõesfilhense. No momento, o município de Simões Filho não dispõe de nenhum grupo junino em atividade.

Financiar uma quadrilha junina não é tarefa fácil nem algo barato. Os grupos juninos foram amparados e/ou mantidos, de certa forma, por longa data pela própria comunidade e pelos próprios membros dos grupos, bem como por alguns apoiadores. Contudo, essas quadrilhas acabaram ganhando maiores proporções, foram ficando cada vez mais sofisticadas e, conseqüentemente, isso tornou cada vez mais oneroso mantê-las. Diante disso, a comunidade, que historicamente sempre se solidarizou com esses grupos, passou a ter dificuldades em colaborar de forma mais ativa com os mesmos, sendo esse um dos principais fatores que ocasionaram o encerramento desses grupos. Porém, outros motivos também foram determinantes para esse fim, a exemplo da falta de compreensão dos gestores públicos para com a manutenção da própria cultura do município, cultura à qual não foi dada a devida importância.

A falta de apoio do Estado, não somente para a cultura junina como também para várias outras manifestações culturais, colaborou para as mesmas sucumbirem. Assim, para que essa e outras culturas fossem mantidas, era preciso que houvesse políticas públicas que apoiassem as inúmeras atividades culturais que emergem de uma dada localidade. Provavelmente, se existisse a motivação de editais de concursos, eventos e/ou atividades escolares que envolvessem a cultura junina, os grupos juninos não teriam cessado, não só em Simões Filho como em vários municípios que compõem este estado.

¹⁴⁴ Bairro popular da capital baiana.

4.3.3 Quadrilhas Juninas: um desejo ainda presente

Durante as entrevistas, foi possível perceber um fio de esperança ao retorno dos grupos juninos, tanto na fala como no semblante de alguns dos entrevistados. Eles chegaram até a comentar a respeito de tentativas que já fizeram para reiniciar as atividades com quadrilhas juninas. Portanto, há um desejo ainda presente.

Almir Teles relatou a respeito das tentativas de retorno por iniciativa de Valter Mangabeira: “Valter, esse Em Cima da Hora, tentou botar, começou a ensaiar e não foi pra frente, por agora, há pouco tempo, se tiver dois anos tem muito” (Teles, 2021).

José Rodrigues Ferreira (2021) deixou claro: “eu tenho vontade de voltar, eu tenho, se eu puder voltar, reativar a Forró Góis, Valter também”. Segundo Azaza, em uma dessas tentativas de retomar com os grupos de quadrilhas, Valter Mangabeira, tentou reunir uma galera em Góes Calmon¹⁴⁵, onde convocou os quadrilheiros, mas não deu certo, pois não houve consenso entre as partes. No dia da reunião, os representantes das quadrilhas não chegaram a um comum acordo. Nessa reunião, esses líderes cogitaram a ideia de formarem uma única quadrilha e unificar o nome do grupo:

Nós discutimos bem e não bateu. A minha ideia não era a sua ideia, não era a ideia dele [...]. Vamos votar a melhor ideia. Qual a melhor ideia? Mas aí não, mas eu queria assim [...]. Aí se deu a ideia de mudar o nome, de mudar o nome, queria uma quadrilha, dá um nome só, que englobaria todas as quadrilhas” (Azaza, 2021).

Na última reunião¹⁴⁶ que tiveram com as lideranças dos grupos de quadrilhas juninas, contaram a participação de Maria Bernadete Pacífico, o que demonstrava seu interesse em colaborar, ainda mais, com a cultura do município, em especial com as quadrilhas juninas. Segundo Azaza (2021), essa reunião foi em “2018, a gente, aqui [...], foi a última tentativa. Eu chamei a Tempero Junino [...], Bernadete, mais duas meninas, também ficou. A gente ainda conseguiu se reunir aí. Como estava: Tempero Junino, Zezão, né, e Forró Góis [...]”. Então, segundo o depoente, ocorreu uma concordância entre a maioria, e assim ficou decidido. Porém, essa resolução não agradou a todos, nem mesmo ao próprio Azaza. Logo após essa decisão, muitos abandonaram a reunião e saíram insatisfeitos, o que gerou uma grande confusão:

¹⁴⁵ Essa reunião aconteceu no espaço da casa de Azaza.

¹⁴⁶ Algumas dessas reuniões aconteceram na casa de Azaza.

Que foi que você fez Azaza? Jogou tudo fora, mudar o nome da Forró Góis. Aí Rosy, que não estava aqui. Rosy, foi uma das que ligaram para mim. Ligaram para ela, avisaram a ela, e ela disse: - Venha, mande vir mudar o meu nome, mudar o nome da Forró do CIA, venha mudar o nome da minha. Só você Azaza, que deixa isso, só você. Almir danou: - Mande, mande o grupinho mudar o nome da minha, só você que aceita isso. Aí eu sei que foi a última tentativa. Exatamente um antes do ano da pandemia (Azaza, 2021).

Ainda em seu depoimento, reafirma as sucessivas tentativas que ocorreram: “houveram aí umas três a quatro tentativas. Reuniu todo mundo, reuniu um grande número [...], uns nove a onze quadrilheiros, gente que eram donos de quadrilhas [...]” (Azaza, 2021).

O que se percebe é que, apesar de tanto tempo após esses grupos juninos terem parado com as atividades, as quadrilhas juninas ainda se encontram vivas nos sentimentos dessas pessoas. Além disso, também é perceptível que eram vários grupos, mas cada um com sua identidade.

Carla Cavalcante (2021) relatou que se importa com o retorno dos grupos juninos: “então, eu acho que seria um resgate muito bom, se tivesse mesmo”. Ela também depõe a respeito de umas das tentativas realizadas por Valter Mangabeira. Essa tentativa de retomada da quadrilha junina teve também como objetivo a realização de uma homenagem a Edwilson da Silva Cavalcante (Dú)¹⁴⁷:

Quando Valter falou em fazer a quadrilha em homenagem a meu irmão, claro que eu me alegrei né, fiquei feliz, mas eu achei que daí esse resgate fosse, é, como é, lançar novas quadrilhas, quadrilha que fossem apresentar, ter novas quadrilhas, mas, infelizmente, eu acho que o projeto de Valter era pegar os velhos quadrilheiros, né, que dançou na época do meu irmão, e fazer a quadrilha, acho que não deu muito certo por isso, apesar que eu sei que ele ainda continuou (Cavalcante, C., 2021).

Segundo depoimento de Valter Mangabeira, depois de tantos anos sem quadrilhas juninas na cidade de Simões Filho, nasce um novo grupo: Vem Que Tem Forró Quentão. Inicialmente, o grupo Forró Quentão foi criado em Camaçari:

Daí eu estava casado com uma, uma pessoa que gostava muito de quadrilha junina e minha esposa [...], é concursada em Camaçari. Camaçari dá um apoio muito grande para as quadrilhas. Aí, ela me

¹⁴⁷ *In memoriam.*

chamou pra fazer um trabalho na escola de quadrilha junina e fizemos uma, Forró Quentão o nome. Uma quadrilha pequena de Camaçari, e esse trabalho perdurou por nove anos, e nós terminamos a uns quatro anos atrás [...], como a terceira melhor quadrilha do estado da Bahia, como a melhor figurino da Bahia [...], feito por dona Flora (Mangabeira, 2021).

O grupo Vem Que Tem Forró Quentão (**Figura 41**), então, surgiu a partir da junção do antigo grupo de quadrilhas juninas, Vem Que Tem, originário do bairro de Pitanguinha de Simões Filho, com um novo grupo criado em Camaçari: Forró Quentão. A ideia da criação do novo grupo junino aconteceu pelo seguinte:

A Vem Que Tem de Pitanguinha tinha retornado e não tinha componentes suficientes, eu estava precisando de componentes em Camaçari e fiz uma parceria e a gente montou uma quadrilha, Vem Que tem Forró Quentão. Então nós éramos de Simões Filho. Simões Filho voltou a ter quadrilha junina, muitos anos depois a uns cinco anos atrás, ou quatro, quando a gente montou a Vem Que Tem Forró Quentão (Mangabeira, 2021).

Figura 41 - Vem Que Tem Forró Quentão



Fonte: Facebook da Quadrilha Junina Forró Quentão (2014)¹⁴⁸

Essa quadrilha contou com o apoio e participação de Azaza e com membros da escola de teatro da cidade de Simões Filho. De acordo com Mangabeira (2021), o grupo Vem Que Tem Forró Quentão parou porque:

A gestão em Camaçari mudou, o apoio diminuiu, e nós viramos uma quadrilha gigantesca. A quadrilha era uma quadrilha pequena, que a gente pegou roupas emprestadas e, com essas roupas emprestadas, nós ganhamos o concurso de Camaçari. Empolgou os meninos, nós

¹⁴⁸ Disponível em:

https://www.facebook.com/photo/?fbid=665376836853694&set=a.381764348548279&locale=pt_BR. Acesso em: 13 fev. 2023.

tivemos um segundo ano uma quadrilha maior, o terceiro ano uma quadrilha maior ainda, o quarto ano, gigantesca, o quinto ano, já estávamos concorrendo na Bahia toda, o sexto ano... e aí, quando chegou num determinado momento, nós tínhamos uma quadrilha que custava cem mil reais pra uma comunidade bem pobre de Camaçari, sem apoio nenhum.

Para Mangabeira, o retorno das quadrilhas juninas é possível sim, e a educação é uma de suas principais portas de reabertura: “[...] a única forma, na minha opinião, de retornar a quadrilha junina do município, e retornaria com muita força, era uma e possível junção de educação e cultura” (Mangabeira, 2021).

Ele ainda reitera como poderia ser possível a reativação de grupos juninos na cidade: realizando concursos entre as escolas do município, incentivando os grupos a montarem os figurinos através de reciclagem (uso da criatividade dos grupos) etc.:

Pode ter certeza, quando você plantar essa semente. Bum! No outro ano, uma escola quer ser melhor do que a outra, e a outra, quer ser melhor, e eu quero, a esse ano, nós, e quem dançou quer dançar de novo, vai chamar o coleguinha e poxa vai ser maravilhoso. E aí você faria, umas quatro, cinco eliminatórias, com dez escolas, mais dez escolas, mais dez escolas, mais dez escolas, e sabe, uma coisinha pequena, que pode ter certeza, no segundo ano ia ser maior, no terceiro ano muito maior, e no quarto ano, você teria uma quadrilha junina, formada dentro da escola, dentro do município, tirando os melhores dançarinos destas quadrilhas de escola. A escola é que é o ponto principal, pra você reverter esse quadro. Por que, no bairro mesmo, é muito difícil, justamente, porque pagar mico é muito difícil, e quadrilha junina tem que ensaiar ao ar livre [...] (Mangabeira, 2021).

Em 2018, Rosy Coelho criou um grupo de *WhatsApp* da Forró do CIA, onde conseguiu reunir bastante membros da época da quadrilha. Em 2019, ela conseguiu reunir esse mesmo grupo para um encontro presencial: “a gente fez com camisa, com caneca, e as pessoas foram, para este encontro [...]. Naquela ideia de voltar a quadrilha, mesmo que não dancem mais [...]. Eles têm um carinho tão grande, que eles quiseram estar no grupo” (Coelho, 2021).

Se é possível ou não, se pode haver ou não o retorno dos grupos de quadrilhas juninas no município de Simões Filho, isso não se sabe ao certo. Contudo, o que realmente se sabe é que essa cidade, um dia, foi bastante dotada da cultura junina, que ainda hoje é admirada e desejada por muitos de seus munícipes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa contemplou alguns conceitos e definições de cultura, patrimônio, patrimônio cultural imaterial, quadrilha junina e fabricação cultural com a finalidade de compreender o fenômeno das quadrilhas juninas na cidade de Simões Filho, localizada na Região Metropolitana de Salvador.

Assim, com base na análise realizada ao longo deste trabalho, podemos considerar que as quadrilhas juninas de Simões Filho, apesar de não estarem em atividade atualmente, são consideradas como uma manifestação importante da cultura do município e benquistas por muitos de seus munícipes. As quadrilhas juninas simõesfilhenses eram um item da cultura junina que sempre esteve presente nos eventos juninos da cidade, como nos festejos de São João e mais fortemente na festa de São Pedro.

Observamos que, entre as décadas de 1980 e 1990, esses grupos estiveram em intensa atividade na cidade. Nessa época, o município dispunha de, pelo menos, 17 grupos de quadrilhas juninas, sendo que três delas encontravam-se na categoria infantil. Compreendemos que o retorno das atividades desses grupos é um desejo que ainda se faz presente e que, além disso, algumas tentativas para essa retomada foram realizadas, conforme apontadas ao longo desta pesquisa.

Identificamos que sua evolução se deu da seguinte forma: primeiro, essas quadrilhas juninas aconteciam de forma espontânea, entre a vizinhança, em suas comunidades, elas eram presença confirmada nos festejos juninos. Os grupos apresentavam-se nas ruas e praças dos bairros, alegrando e animando as festas juninas. Posteriormente, as quadrilhas expandiram-se para as escolas do município, onde eram realizadas disputas entre turmas e turnos escolares. Em seguida, os grupos começaram a participar de campeonatos e festivais de quadrilhas juninas formais, promovidos por programas de televisão, que ofereciam prêmios em dinheiro ou produtos – como viagens, patrocínios etc.

Foi possível perceber que a inserção dos grupos juninos de Simões Filho nos eventos formais de festivais e competições de quadrilhas juninas favoreceu sua evolução e, conseqüentemente, sua transformação de quadrilhas juninas de estilos tradicionais/matutos para quadrilhas juninas estilizadas/de competição. Isso contribuiu para o desestímulo e enfraquecimento dos grupos, não apenas de Simões Filho, mas de outros municípios, bem como da capital baiana. Essa questão parece ter afetado

até mesmo a formação das quadrilhas juninas espontâneas que, conseqüentemente e concomitantemente, deixaram de existir na cidade. Quadrilhas tradicionais seriam, dessa maneira, um exemplo de ação cultural, por sua vez, as quadrilhas estilizadas representariam o processo de fabricação cultural.

Nesse sentido, práticas de fabricação cultural, voltadas para uma cultura de massas, podem, inicialmente, seduzir e encantar, mas a longo prazo são difíceis de serem sustentadas e mantidas pelas comunidades locais. Além disso, modelos estilizados comprometem e inibem as manifestações espontâneas, como ficou evidente no caso das quadrilhas de Simões Filho aqui analisadas.

Diante das reflexões levantadas ao longo desta pesquisa, ressaltamos a importância do presente estudo para o Programa de Pós-Graduação em Museologia (PPGMUSEU), por abordar um tema que, até então, ainda não tinha sido desenvolvido no programa, o que pode contribuir com a Academia, abrangendo novos olhares e possibilidades de pesquisas sobre a temática do patrimônio imaterial. Além disso, esta pesquisa também pode contribuir para visibilizar a presente temática dentro do contexto da Universidade Federal da Bahia (UFBA), visto que a mesma ainda é pouco discutida nesta universidade.

Por sua vez, no contexto do município de Simões Filho, a pesquisa em questão também possui sua relevância, visto que esta é a primeira dissertação desenvolvida sobre as quadrilhas juninas da cidade, que, além disso, também aborda aspectos culturais, sociais e políticos do município. Outrossim, este estudo também demonstra sua relevância diante dos cidadãos simõesfilhenses, pois trata-se da história e de registros de uma manifestação cultural da cidade, analisada a partir da visão de seus moradores. Espera-se que, diante do arsenal de informações elencados ao longo deste trabalho, que ele possa contribuir para a reflexão e o desenvolvimento de novas pesquisas neste campo. Ademais, faz-se importante salientar que esta pesquisa pretendeu, primeiramente, fazer o registro das quadrilhas juninas simõesfilhenses, enquanto uma manifestação cultural local, com a pretensão de preservá-la e disseminá-la para a sociedade de forma geral.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, T. K. **As quadrilhas juninas e suas transformações culturais nos festivais folclóricos em Boa Vista - Roraima (2001-2011)**. 2013. 154 f. Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) - Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia, Universidade Federal do Amazonas/Universidade Federal de Roraima, Manaus, 2013. Disponível em: <https://tede.ufam.edu.br/bitstream/tede/2299/1/TERESA%20K%c3%81TIA%20ALVES%20DE%20ALBUQUERQUE.pdf>. Acesso em: 28 abr. 2021.
- ALMEIDA, H. Quadrilhas juninas correm risco de extinção por falta de financiamento na Bahia. **Portal A Tarde.com.br**, 3 jun. 2018. Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/quadrilhas-juninas-correm-risco-de-extincao-por-falta-de-financiamento-na-bahia-966390>. Acesso em: 25 ago. 2021.
- ALMEIDA, M.; LÉLIS, C. **Quadrilha junina, história e atualidade**: um movimento que não é só imagem. 2 ed. Recife: Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2004. 63 p.
- ALVES, C. Marinês é de toda a nossa gente!: conheça a primeira mulher a formar um grupo de forró. **Brasil de Fato**, 26 jun. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefatopb.com.br/2019/06/26/marines-e-de-toda-a-nossa-gente>. Acesso em: 13 mar. 2023.
- ANDRADE, G. Dia da lambada: saiba mais sobre esse ritmo contagiante. **Blog Social 1**, 22 out. 2021. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/social1/2021/10/13616862-dia-da-lambada-saiba-mais-sobre-esse-ritmo-contagiante.html>. Acesso em: 26 jan. 2024.
- ANGELO, E. R. As festas juninas no Rio de Janeiro: entre o fazer e o manter nas relações sociais. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 171-191, jun. 2022. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/198922/184766>. Acesso em: 15 jun. 2023.
- APÓS PROMETER INVESTIR R\$ 2 MILHÕES NA CAPADÓCIA EM MAPELE, Cachoeira do Lobão receberá intervenção. **Mapele News**, 13 fev. 2021. Disponível em: <https://mapelenews.com.br/apos-prometer-investir-r-2-milhoes-na-capadocia-em-mapele-cachoeira-do-lobao-recebera-intervencao/>. Acesso em: 29 nov. 2023.
- ARTUR, F. Quadrilhas juninas de Salvador pedem apoio. **Portal A Tarde.com.br**, 24 jun. 2017. Disponível em: <https://atarde.com.br/bahia/saojoao/quadrilhas-juninas-de-salvador-pedem-apoio-876358>. Acesso em: 15 out. 2021.
- ARRAIÁ DO GALINHO. **O Galinho**, [c2024]. Site oficial do Arraiá do Galinho. Disponível em: <https://ogalinho.com.br/>. Acesso em: 15 jan. 2024.
- BARBOSA, L. M.; BARROS, M. R.; BEZERRA, M. C. **Ação cultural**: idéias e conceitos. Recife: Massangana, 2002. 350 p.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edição 70, 2016.

BRASIL, M. Quem foi Mãe Bernadete, líder quilombola assassinada na Bahia. **Diário do Pará**, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://diariodopara.dol.com.br/brasil/quem-foi-mae-bernadete-lider-quilombola-assassinada-na-bahia-80415/>. Acesso em: 29 nov. 2023.

CAMPESTRE. SÃO JOÃO, A FESTA CAIPIRA NA CIDADE. Quadrilha Agreste. **Jornal A Tarde**, Salvador, p. 03, 07 jun. 1988.

CARLOS BISPO DE OLIVEIRA é indicado a receber título de cidadão simõesfilhense. **Mapele News**, 23 ago. 2019. Disponível em: <https://mapelenews.com.br/carlos-bispo-de-oliveira-e-indicado-a-receber-titulo-de-cidadao-simoesfilhense/>. Acesso em: 14 abr. 2022.

CASCUDO, L. C. **Antologia da alimentação no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Global, 2008. 320 p.

_____. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12. ed. São Paulo: Global, 2012. 756 p.

CASTRO, M. L.; FONSECA, M. C. **Patrimônio imaterial no Brasil: legislação e políticas estaduais**. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008. 199 p.

CHAGAS, M. S. Patrimônio é o caminho das formigas. *In*: CASTRO, M. B.; SANTOS, M. S. (orgs.). **Relações raciais e políticas de patrimônio**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2016. 261 p. p. 141-163.

CHAGAS, M.; PRIMO, J.; ASSUNÇÃO, P.; STORINO, C. A museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 55, n. 11, p. 73-102, 2018.

CHIANCA, L. O. Quando o campo está na cidade: migração, identidade e festa. **Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 10, n. 1, p. 45-59, jan.-jun. 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/703/70310106.pdf>. Acesso em: 3 jun. 2021.

_____. "O auxílio luxuoso da sanfona": tradição, espetáculo e mídia nos concursos de quadrilhas juninas. **Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 14, p. 89-100, maio 2013. Disponível em: <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/09/Revista-Observat%C3%B3rio-14.pdf>. Acesso em: 27 mar. 2023.

_____. Quadrilhas Juninas. **Galante**, Natal, a.3, v. 2, n. 1, jun. 2001. Disponível em: <http://lucianachianca.blogspot.com/2008/04/artigo-quadrilhas-juninas-2001.html>. Acesso em: 15 jun. 2021.

_____. Quadrilha junina e cidade, mercado e beleza da obra. **Revista Mundaú**, Maceió, n. 5, p. 126-141, 2018. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/revistamundau/article/view/5371/5461>. Acesso em: 12 dez. 2021.

CHUVA, M. História e patrimônio: entre o risco e o traço, a trama. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília**, n. 34, p. 11-24, 2012.

Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Numero%2034.pdf>. Acesso em: 24 maio 2022.

CIAVATTA, M.; ALVES, N. (orgs.). **A leitura de imagens da pesquisa social: história, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2004.

CIDADE. **Prefeitura de Simões Filho**, c2021, Disponível em: <https://simoefilho.ba.gov.br/cidade/>. Acesso em: 28 abr. 2022.

CIDADE CENOGRÁFICA. Arraiá da Capitá. **Jornal A Tarde**, Salvador, Caderno Geral 3, p. 1, 21 jun. 1996.

COELHO, T. Nem tudo é cultura. In: _____. **A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008. p. 17-48.

_____. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. São Paulo: Iluminuras, 1997. 384 p. Disponível em: https://hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Coelho-Dicionario_critico_de_politica_cultural.pdf. Acesso em: 12 out. 2023.

_____. **Dicionário crítico de política cultural: cultura e imaginário**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Iluminuras, 2012. 448 p.

CONCEITOS GERAIS - PATRIMÔNIO IMATERIAL. **Ipac**, [20--]. Disponível em: <http://www.ipac.ba.gov.br/patrimonio-imaterial/conceitos-gerais>. Acesso em: 15 out. 2023.

CONFEBRAQ - Confederação Brasileira de Entidades de Quadrilhas Juninas. **CONFEBRAQ**, [2017]. Disponível em: <https://confebraq.blogspot.com/p/confebraq-con.html>. Acesso em: 24 maio 2022.

CONHEÇA O CESA: amor em forma de Educação. **OSID - Obras Sociais Irmã Dulce 2003-2019**, c2007-2021. Disponível em: <https://www.irmadulce.org.br/educacao/p%C3%A1gina/conteudo/conheca-o-cesa>. Acesso em: 03 fev. 2022.

COSTA, M. L. Quem dança, o tédio espanta. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, n. 94, jul. 2013. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160411084739/http://rhbn.com.br/secao/artigos-revista/quem-danca-o-tedio-espanta>. Acesso em: 25 out. 2023.

CRUZ NETO, O. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, M. C. (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 51-66.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002. 256 p.

DECRETO Nº 19.528 DE 16 DE MARÇO DE 2020. **Secretaria da Saúde [do] Governo da Bahia**, 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.saude.ba.gov.br/2020/03/17/decreto-institui-medidas-temporarias-para->

enfrentamento-da-emergencia-de-saude-publica/. Acesso em: 17 jun. 2022.

DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Maria Cecília de Souza Minayo (org.). 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 109 p.

DI DEUS, E. **Antropologia e ambiente**: entre transgressões e sínteses. 2007. 111 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

_____. **Quadrilhas juninas como um movimento de juventude em Rio Branco, Acre. Sociedade e Cultura**, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 75-85, jan./jun. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fcs/article/view/36878/18807>. Acesso em: 1º fev. 2022.

DODEBEI, V. A conquista do patrimônio: uma questão de informação? *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO (ENANCIB), 6., 2005, Florianópolis. **Anais [...]**. Disponível em: <http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/vienancib/paper/viewFile/1734/868>. Acesso em: 12 maio 2023.

DUARTE, U. C. A cultura carnavalesca em Porto Alegre: o espetáculo, a retórica e a organização da festa. **Organizações e Sociedade**, Salvador, v. 20, n. 64, p. 165-182, jan./mar. 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/osoc/a/VZDgJXN7Kx4yqC8mcGY76qf/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 15 mar. 2023.

EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2011. 205 p.

ESTEVAM, R. S. **Marcadores de quadrilhas juninas em Belém do Pará**: uma rasgação de afetos, trajetos e espetacularidades. 2019. 78 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Programa de Pós-Graduação em Artes, Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019. Disponível em: <https://ppgartes.propesp.ufpa.br/ARQUIVOS/DISSERTA%C3%87AO%20ROMULO%20SOUSA%20ESTEVAM.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2023.

FEBAQ - BAHIA. **CONFEBRAQ**, [2017]. Disponível em: <https://confebraq.blogspot.com/p/febaq.html>. Acesso em: 24 maio 2022.

FORRÓ QUENTÃO vence concurso de quadrilhas em Camaçari. **Ibahia**, 24 jun. 2013. Disponível em: <https://www.ibahia.com/entretenimento/forro-quentao-vence-concurso-de-quadrilhas-em-camacari>. Acesso em: 22 mar. 2023.

FRAZÃO, D. Biografia de Zé Dantas. **E-Biografia**, 20 ago. 2020. Disponível em: https://www.ebiografia.com/ze_dantas/. Acesso em: 17 fev. 2022.

FUNARI, P. P.; PINSKY, J. (orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002. 136 p. (Coleção Turismo Contexto)

GABATTELI, A. L. Roupas típicas brasileiras: Região Nordeste. **Vila Brasil**, 23 dez. 2017. Disponível em: <https://escolavilabrasil.com.br/blog/roupas-tipicas-brasileiras-regiao-nordeste/>. Acesso em: 18 jan. 2024.

GIESBRECHT, R. M. "E. F. Bahia ao São Francisco (1860-1911): Cia. Chemins de Fer Federaux de L'Est Brésilien (1911-1935): V.F.F. Leste Brasileiro (1935-1975): RFFSA (1975-1996)". **Estações Ferroviárias do Brasil**, 1º jan. 2018. Disponível em: http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_paulistana/goes.htm. Acesso em: 11 set. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. 175 p.

_____. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio/jun. 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23 maio 2022.

_____. Refletindo sobre critérios de qualidade da pesquisa qualitativa. **Gestão.Org**, Recife, v. 3, n. 2, p. 80-89, maio/ago. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/gestaoorg/article/view/21573/18267>. Acesso em: 22 maio 2022.

GONZAGÃO: uma história de raça, de lágrima e do suor. **Carta Capital**, 12 dez. 2012. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/cultura/gonzagao-uma-historia-de-raca-da-lagrima-e-do-suor/>. Acesso em: 23 abr. 2022.

HISTÓRIA. **Prefeitura de Candeias**, c2022. Disponível em: <https://prefeitura.candeias.ba.gov.br/historia/>. Acesso em: 07 set. 2023.

HORA, A. A. **História Comprida**. Simões Filho: Secretaria de Cultura e Desportos, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Simões Filho: Censo 2010: Amostra - Resultados Gerais**. IBGE, 2010. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/simoes-filho/pesquisa/23/26170?detalhes=true>. Acesso em: 20 out. 2022.

_____. **Simões Filho: Panorama**. IBGE Cidades, c2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/simoes-filho/panorama>. Acesso em: 24 jan. 2022.

INSTITUTO DE CEGOS DA BAHIA. **Instituto de Cegos da Bahia**, [202-]. Este site prevê acessibilidade para deficientes visuais. Disponível em: <http://www.institutodecegosdabahia.org.br/#main-content>. Acesso em: 13 set. 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL - IPHAN. **Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois**: princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil: 2003-2010. 2. ed. Brasília: Iphan, 2010. 119 p.

JORNAL O MUNICÍPIO. **Coletânea de jornais**. Simões Filho: Biblioteca Municipal de Simões Filho, 1994.

JUNIOR, C. Quadrilha junina: passo a passo. **JR**, 22 jul. 2018. Disponível em: <https://www.cleberjunior.com.br/post/quadrilha-junina-passo-a-passo>. Acesso em: 15 jul. 2022.

LEAL, E. F. **Contando o tempo**: transformação, coreografia e modernidade no espetáculo da quadrilha junina em Belém do Pará. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) - Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27100/1/disserta%c3%a7%c3%a3o.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2023.

LOPES, A. C. Simões Filho: 56 anos de emancipação e 464 anos de história. **Viagem por uma história comprida**, 7 nov. 2017. Disponível em: <https://viagemcomprida.blogspot.com/2017/11/simoes-filho-56-anos-de-emancipacao-e.html>. Acesso em: 13 nov. 2022.

_____. **Viagem por uma História Comprida (cartilha)**. Simões Filho: SECULT-BA, 2017.

LUBISCO, N. M.; VIEIRA, S. C. **Manual de estilo acadêmico**: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses. 6. ed. rev. e ampl. Salvador: EDUFBA, 2019. 158 p.

LUTO: MORRE GERVÁSIO RAMOS, ex-candidato a prefeito e ex-empresário do transporte público de Simões Filho. **Mapele News**, 25 mar. 2021. Disponível em: <https://mapelenews.com.br/luto-morre-gervasio-ramos-ex-candidato-a-prefeito-e-ex-empresario-do-transporte-publico-de-simoes-filho/>. Acesso em: 12 maio 2022.

MACAMBIRA, G. Luiz Gonzaga: 33 anos de saudade do artista que cantou o Nordeste e encantou o Brasil. **Folha de Pernambuco**, 02 ago. 2022. Disponível em: <https://www.folhape.com.br/cultura/luiz-gonzaga-33-anos-de-saudade-do-artista-que-cantou-o-nordeste-e/235635/>. Acesso em: 13 ago. 2023.

MACEDO, R. C. Na quadrilha junina eu me divirto, eu sou artista: sociabilidades e protagonismos juvenis nas quadrilhas juninas em Juazeiro do Norte-CE. **Ponto Urbe**, São Paulo, n. 23, p. 1-18, 2018. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/4481>. Acesso em: 18 jun. 2021.

MACHADO, P. Quadrilha junina anima São João de idosos do Abrigo Dom Pedro II. **Secretaria de Comunicação - Prefeitura de Salvador**, c2022. Disponível em: <https://comunicacao.salvador.ba.gov.br/quadrilha-junina-anima-sao-joao-de-idosos-do-abrigo-dom-pedro-ii/>. Acesso em: 30 out. 2022.

MAPELE DE CARA 'NOVA': "meu bairro hoje está bem melhor. Só não vê quem não quer". **Mapele News**, 28 set. 2019. Disponível em: <https://mapelenews.com.br/mapele-de-cara-nova-meu-bairro-hoje-esta-bem-melhor-so-nao-ve-quem-nao-quer/>. Acesso em: 10 set. 2023.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

MARINÊS. **Quadrilha é bom**. Vagalume: música é tudo, [c202-]. Disponível em: <https://www.vagalume.com.br/marines/quadrilha-e-bom.html#>. Acesso em: 15 out. 2023.

MELO, J. E. Quadrilha estilizada, hibridização, resistência, ou uma invenção da tradição? *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 19., 2006, Brasília. **Anais [...]**. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/r1453-3.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

MENDES, J. De origem europeia, festas juninas têm início em BH. **Estado de Minas**, 13 jun. 2015. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2015/06/13/interna_gerais,657759/de-origem-europeia-festas-juninas-tem-inicio-em-bh.shtml. Acesso em: 25 maio 2022.

MENESES, U. T. O campo do patrimônio cultural: uma revisão de premissas. *In*: FÓRUM NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL, 1., 2009, Ouro Preto-MG. **Anais [...]**. Brasília: Iphan, 2012. p. 25-39. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Anais2_vol1_ForumPatrimonio_m.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

MENEZES NETO, H. **O balancê no Arraial da Capital**: quadrilha e tradição no São João do Recife. 2008. 155 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/438/1/arquivo1018_1.pdf. Acesso em: 08 ago. 2021.

MINAYO, M. C. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Maria Cecília de Souza Minayo (org.). 28. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. 109 p. p. 61-77.

MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de coronavírus. **G1**, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 24 out. 2023.

MOREIRA, J. F. Festas populares em tempos de pandemia: a tradição (re)inventada como um fenômeno da globalização. *In*: SILVA, J. F.; OLIVEIRA, P. W.; PEREIRA, C. E.; COSTA, A. P. **Patrimônio e práticas culturais**: perspectivas transdisciplinares da patrimonialização e dos saberes-fazer populares. Fortaleza: Editoras DINCE, 2021. 344 p. p. 85-94.

MOUTINHO, M. Entre os museus de Foucault e os museus complexos. **MUSA - Museus, Arqueologia & Outros Patrimônios**, Setúbal, v. 4, p. 9-14, 2014. Disponível em: https://maeds.amrs.pt/maeds/uploads/document/file/3364/1_mariomoutinho.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

_____. Sobre o conceito de museologia social. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 1, n. 1, p. 7-9, 1993.

NETTO, R.; HOLANDA, C. R. (orgs.) **Curso de formação de Mediadores para Educação para Patrimônio**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2020. 192 p.

OLIVEIRA, E.; FERREIRA, A. **Re-significando as origens históricas e manifestações culturais do bairro do Ponto de Parada**. Simões Filho: Betoinformática, 2008. 16 p. Disponível em: <http://historiadesimoeshoba.blogspot.com/2013/04/bairros-pracas-ruas-e-avenidas.html>. Acesso em: 12 mar. 2021.

OLIVEIRA, L. L. **Cultura é patrimônio: um guia**. Rio de Janeiro: FGV, 2008. 192 p.

ORIGEM DA CIDADE DE ÁGUA COMPRIDA. **História de Simões Filho-BA**, 10 maio 2013. Disponível em: <http://historiadesimoeshoba.blogspot.com/2013/>. Acesso em: 22 abr. 2022.

PAES, M. L. **Arquivo: teoria e prática**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: FGV, 2008. 228 p.

PATACHO, P. M. Paradigmas de investigação em Ciências Sociais. **Mulemba**, Luanda, v. 3, n. 6, p. 13-28, nov. 2013. Disponível em: https://www.academia.edu/28281661/Paradigmas_de_investiga%C3%A7%C3%A3o_em_Ci%C3%A7ncias_Sociais. Acesso em: 15 nov. 2022.

PATRIMÔNIO IMATERIAL. **Iphan**, c2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 21 maio 2022.

PAULA, S. G. **Arromba chão que anima o salão, quadrilha de São João!**: memórias, danças e transformações das quadrilhas juninas em Salvador. 2020. 185 f. Dissertação (Mestrado em Dança) - Programa de Pós-Graduação em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/33581>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PAULINO, T. Forró: entre consumo e tradição no mundo contemporâneo. **Ambivalências**, São Cristóvão, v. 7, n. 14, p. 169-201, jul.-dez. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/Ambivalencias/article/view/13156/10302>. Acesso em: 13 maio 2022.

PELEGRINI, S. C.; FUNARI, P. P. **O que é patrimônio cultural imaterial**. São Paulo: Brasiliense, 2013. 116 p.

PEREIRA JÚNIOR, J. S. "Pois era noite de São João": festas juninas, cultura tradicional, lugares de identidade, reflexões para um turismo cultural de experiência. **Turismo e Cidades**, [S. l.], v. 2, n. 3, p. 128-149, 2020. Disponível em: <https://periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/turismoecidades/article/view/13992>. Acesso em: 05 jan. 2024.

#PERFILDASARTES - O pioneirismo e a importância da coreógrafa Rosy Coelho para formação da dança em Simões Filho. **Fundação Cultural do estado da Bahia**,

27 abr. 2020. Disponível em:
<http://www.fundacaocultural.ba.gov.br/2020/04/14242/PerfildasArtes-O-pioneirismo-e-a-importancia-da-coreografa-Rosy-Coelho-para-formacao-da-danca-em-Simoes-Filho.html>. Acesso em: 23 abr. 2022.

PITTA, D. História da Festa Junina: origens da importante festa popular no Brasil. **Fashion Bubbles**, 18 jun. 2021. Disponível em:
<https://www.fashionbubbles.com/festas-tematicas/origem-e-historia-das-festas-juninas-parte-13/>. Acesso em: 19 nov. 2023.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SIMÕES FILHO. Secretaria de Educação e Cultura. **Simões Filho**: conheça melhor o seu município. Simões Filho: Secretaria de Educação e Cultura, 1992.

QUADRILHA JUNINA FORRÓ QUENTÃO. **Facebook**, c2024. Trabalho Sociocultural desenvolvido pela professora Sabrina na escola Laurita de Souza Ribeiro na cidade de Camaçari [...]. Disponível em:
https://www.facebook.com/QuadrilhaJuninaForroQuentao?locale=pt_BR. Acesso em: 13 out. 2022.

QUADRILHA GARRANXÊ É CAMPEÃ DO BOA VISTA JUNINA 2023. **Folha BV**, 25 jun. 2023. Disponível em: <https://www.folhabv.com.br/variedades/quadrilha-garranxe-e-campea-do-boa-vista-junina-2023/>. Acesso em: 29 ago. 2023.

QUADRILHA JUNINA: arraiá, teve animação até de madrugada. **Jornal A Tarde**, Salvador, p. 3, 20 jun. 1988.

QUADRILHA SERÁ HOMENAGEADA. Tamanco e Chita. **Jornal A Tarde**, Salvador, p. 3, 20 jun. 1990.

RAMALHO, E. B. Luiz Gonzaga revistado. *In*: CONGRESSO LATINOAMERICANO DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL PARA O ESTUDO DA MÚSICA POPULAR-IASPM-AL, 5., 2004, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Disponível em:
https://www.hugoribeiro.com.br/biblioteca-digital/Ramalho-Luiz_Gonzaga_Revisitado.pdf. Acesso em: 11 jun. 2021.

RAMOS, C. Arraiá da Capitá inaugurou modelo de convergência dos canais A Tarde. **Portal A Tarde.com.br**, 23 jun. 2021. Disponível em:
<https://atarde.com.br/colunistas/atardememoria/arraia-da-capita-inaugurou-modelo-de-convergencia-dos-canais-a-tarde-1161360>. Acesso em: 17 set. 2023.

SANTANA, R. Comissões de Justiça, Finanças e Educação analisam projetos do Executivo e do Legislativo ligados a Cultura, Educação e Inclusão Social. **Câmara Municipal Simões Filho**, 27 nov. 2019. Disponível em:
<https://camarasimoesfilho.ba.gov.br/comissoes-de-justica-financas-e-educacao-analisam-projetos-do-executivo-e-do-legislativo-ligados-a-cultura-educacao-e-inclusao-social/>. Acesso em: 13 mar. 2023.

SANTANA, V. Valter Mangabeira vai comandar a secretaria de Cultura em Simões Filho. **Bahianoar.com**, 12 jun. 2015. Disponível em: <https://bahianoar.com/valter->

mangabeira-vai-comandar-a-secretaria-de-cultura-em-simoes-filho/. Acesso em: 3 mar. 2023.

SANTO ANTÔNIO, SÃO JOÃO E SÃO PEDRO: conheça os santos juninos. **A12 Redação**, 7 jun. 2021. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/santo-antonio-sao-joao-e-sao-pedro-conheca-os-santos-juninos>. Acesso em: 11 maio 2022.

SANTOS, F. P. **Memórias prósperas do cordel**: decolonizar o verso épico e a história do cangaço. *Revista Épicas*, a. 6, n. 12, p. 57-79, dez. 2022. Disponível em: https://www.revistaepicas.com/_files/ugd/ccf9af_43496f3bbc834c5aa5dc2a682f90dd21.pdf. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTOS, M. F. **Quadrilha junina Luar do São João - Teresina/Piauí**: rastros em trânsito de um fazer quadrilheiro. 2021. 91 f. Dissertação (Mestrado em Dança) - Programa de Pós-Graduação Profissional em Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/37119>. Acesso em: 15 jul. 2023.

SANTOS, M. R. **Nos arraiais da memória**: as quadrilhas juninas escrevem diferentes histórias. Recife: Prefeitura do Recife, Secretaria de Cultura, Fundação de Cultura Cidade do Recife, 2010. 152 p. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/thiagovergete/histrias-das-quadrilhas-juninas>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SANTOS, N. Quadrilhas dão show a parte. **Jornal A Tarde**, Salvador, Caderno de Turismo, p. 03, 25 jun. 1996.

SANTOS, T. Líder quilombola de Pitanga dos Palmares, Maria Bernadete é executada em Simões Filho. **Simões Filho Online**, 18 ago. 2023. Disponível em: <https://simoesfilhoonline.com.br/lider-quilombola-de-pitanga-dos-palmares-maria-bernadete-e-executada-em-simoes-filho/>. Acesso em: 02 set. 2023.

SANTOS, Z. P.; BORTOLIN, S.; ALCARÁ, A. R. Entrevista narrativa: possibilidades de aplicação na Ciência da Informação. **REBECIN**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 44-66, jul./dez. 2019.

SILVA, A. H.; FOSSÁ, M. I. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. **Qualitas Revista Eletrônica**, Campina Grande, v. 17, n. 1, p. 1-14, 2015. Disponível em: <https://www.fepiam.am.gov.br/wp-content/uploads/2020/06/2113-7552-1-PB.pdf>. Acesso em: 13 maio 2023.

SILVA, C. Arraiá das Viúvas 2018: São Pedro será realizado em Simões Filho. **Simões Filho Online**, 12 jun. 2018. Disponível em: <https://simoesfilhoonline.com.br/simoes-filho-expectativa-de-grandes-atracoes-para-o-arraia-das-viuvvas-2018/>. Acesso em: 12 maio 2022.

SILVA, C. Câmara entrega Título de Cidadão Simõesfilhense nesta terça; confira lista de homenageados. **Simões Filho Online**, 6 nov. 2018. Disponível em: <https://simoesfilhoonline.com.br/camara-entrega-titulo-de-cidadao-simoesfilhense-nesta-terca-confira-lista-de-homenageados/>. Acesso em: 05 maio 2022.

SILVA, C. R. **A representação do Nordeste nas letras das músicas da cantora Marinês**. 2009. 166 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2009. Disponível em: <https://pos-graduacao.uepb.edu.br/ppgli/download/dissertacoes/Dissertacoes2009/CLAUDECI.pdf>. Acesso em: 15 maio 2022.

SILVA, E. L.; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. 4. ed. rev. atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138 p.

SILVA, T. Podcast: o que é e como fazer um de qualidade em 5 passos [+ exemplos]. **Resultados Digitais**, 10 ago. 2022. Disponível em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/como-criar-um-podcast/>. Acesso em: 23 set. 2022.

SILVEIRA, W. (coord.). Memorial: Baile Pastoral Queimada da Palhinha. **Memorial Queimada da Palhinha**, [202-]¹⁴⁹. Disponível em: <https://memorialqueimadadapalhinha.art.br/>. Acesso em: 28 nov. 2023.

SOUSA, R. Solstício e equinócio. **Brasil Escola**, c2024. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/geografia/solsticios-equinocios.htm>. Acesso em: 05 jun. 2021.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. 2004. 344 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10267/1/Tese_Elizeu%20Souza.pdf. Acesso em: 10 abr. 2022.

TAVARES, F.; CAROSO, C.; BASSI, F.; RAMOS, C. **Inventário das festas e eventos na Baía de Todos os Santos**. Salvador: EDUFBA, 2019. 185 p. Disponível em: <https://observabaia.ufba.br/wp-content/uploads/Invent%C3%A1rio-das-festas-e-eventos-na-Baia-de-Todos-os-Santos.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2023.

TEIXEIRA, S. S. **Patrimonialização, memória local, musealização e transformação social: os casos dos parques metropolitanos do Abaeté e de São Bartolomeu (Salvador, Bahia, Brasil)**. 2014. 375 f. Tese (Doutorado em Estudos Contemporâneos) - Instituto de Investigação Interdisciplinar, Universidade de Coimbra, Coimbra, 2014. Disponível em: http://www.museologia.ffch.ufba.br/sites/museologia.ffch.ufba.br/files/parques_metro-politanos_do_abaete_e_de_sao_bartolomeu.pdf. Acesso em: 17 maio 2022.

_____. Patrimonialização: silêncios e escuta museológica. **Cadernos de Sociomuseologia**, Lisboa, v. 53, p. 81-104, 2017. Disponível em:

¹⁴⁹ Durante consulta a este site, aproximadamente às 15 horas de 29 de novembro de 2023, a conta foi suspensa.

<https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/8088/1/9-18467-1-10-20170530.pdf>. Acesso em: 17 maio 2022.

TV ARATU LANÇA DOCUMENTÁRIO SOBRE OS 33 ANOS DO GALINHO.

Curtindo Salvador, 28 abr. 2022. Disponível em:

<https://www.curtindosalvador.com.br/2022/04/28/tv-aratu-lanca-documentario-sobre-os-33-anos-do-galinho/>. Acesso em: 25 mar. 2023.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial**

(2003). Brasília: Ministério das Relações Exteriores, 2006. Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/ConvencaoSalvaguarda.pdf>.

Acesso em: 12 ago. 2022.

UZÊDA, A. Morte de Lampião completa 83 anos com missa virtual e divergência

entre heroísmo ou vilania do cangaceiro. **Metro 1**, 28 jun. 2021. Disponível em:

<https://www.metro1.com.br/noticias/cultura/109816,morte-de-lampiao-completa-83-anos-com-missa-virtual-e-divergencia-entre-heroismo-ou-vilania-do-cangaceiro>.

Acesso em: 22 maio 2023.

VELHO, G. (coord.). **O desafio da cidade**: novas perspectivas da Antropologia brasileira. Rio de Janeiro: Campus, 1980.

VIANNA, L. C. Patrimônio Imaterial. In: GRIECO, B.; TEIXEIRA, L.; THOMPSON, A.

(Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2016. (verbete). Disponível em:

<http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/85/patrimonio-imaterial#:~:text=Let%C3%ADcia%20C.%20R.,antropol%C3%B3gica%20e%20relativa%20de%20cultura>. Acesso em: 21 maio 2022.

ZAMITH, R. M. A dança da quadrilha na cidade do Rio de Janeiro: sua importância na sociedade oitocentista. **Textos escolhidos de cultura e arte populares**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, p. 113-132, 2007. Disponível em:

<http://www.tecap.uerj.br/pdf/v4/zamith.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

_____. **A quadrilha**: da partitura aos espaços festivos: música, dança e sociabilidade no Rio de Janeiro oitocentista. Rio de Janeiro: E-papers, 2011. 136 p.

Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/A_quadrilha/-e1KM_swVFcC?hl=pt-

[BR&gbpv=1&dq=inauthor:%22Rosa+Maria+Barbosa+Zamith%22&printsec=frontcover](https://www.google.com.br/books/edition/A_quadrilha/-e1KM_swVFcC?hl=pt-BR&gbpv=1&dq=inauthor:%22Rosa+Maria+Barbosa+Zamith%22&printsec=frontcover). Acesso em: 11 maio 2022.

LEIS

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional nº 129/2023. Brasília, DF: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2023. 452 p. Disponível em:

https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/623234/CF88_EC129_livro.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 13 maio 2022.

_____. **Lei n. 8.159, de 8 de janeiro de 1991.** Dispõe sobre a política nacional de arquivos públicos e privados e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8159.htm. Acesso em: .

_____. **Lei n. 8.706, de 14 de setembro de 1993.** Dispõe sobre a criação do Serviço Social do Transporte - SEST e do Serviço Nacional de Aprendizagem do Transporte - SENAT. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1989_1994/l8706.htm. Acesso em: 1º nov. 2023.

_____. **Lei n. 12.390, de 3 de março de 2011.** Institui o dia 27 de junho como o Dia Nacional do Quadrilheiro Junino, a ser comemorado em âmbito nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/L12390.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.390%2C%20DE%203,Dia%20Nacional%20do%20Quadrilheiro%20Junino. Acesso em: 12 ago. 2023.

_____. **Lei n. 12.527, de 18 de novembro de 2011.** Regula o acesso a informações previsto no inciso XXXIII do art. 5º, no inciso II do § 3º do art. 37 e no § 2º do art. 216 da Constituição Federal; altera a Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990; revoga a Lei nº 11.111, de 5 de maio de 2005, e dispositivos da Lei nº 8.159, de 8 de janeiro de 1991; e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm. Acesso em: 07 set. 2023.

_____. **Lei n. 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em: 15 set. 2023.

AUDIOVISUAIS - VÍDEOS/PODCAST

A TARDE FM. Acervo do A Tarde rende histórias e conta a Bahia aos baianos! Cleidiana Ramos: Isso é Bahia. **Youtube**, 9 out. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yn6juAQm2F8>. Acesso em: 12 set. 2023.

CIDADES DO MEU BRASIL. Simões Filho: história e informações sobre a cidade da Bahia. **Youtube**, 12 maio 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H-gsPStwcO0>. Acesso em: 05 set. 2022.

GONZAGA, L. Luiz Gonzaga e a ideia de unir, e criar o trio mais conhecido do forró, que é a Zabumba, o Triangulo e a Sanfona. **Facebook**, 20 fev. 2021. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=173908130938770>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GUEDES, I. Pesquisa de campo metodologia científica. **Youtube**, 21 ago. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=i8ljYvuJKBY>. Acesso em: 02 out. 2020.

MEIHY, J. C. O que é História Oral? Professor Sebe explica. **Youtube**, 20 jan. 2015. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rl8CDDXFmTE>. Acesso em: 07 maio 2022.

MOSAICO BAIANO. Maria conhece os moradores pitorescos de Simões Filho.

Globo.com, 19 mar. 2019. Disponível em:

<https://redeglobo.globo.com/redebahia/mosaicobaiano/noticia/maria-conhece-os-moradores-pitorescos-de-simoes-filho.ghtml>. Acesso em: 11 mar. 2023.

NOBRE, M. L. Simões Filho - Bahia – Brasil: A história da cidade - uma história comprida - Independência da Bahia. **Youtube**, 25 jul. 2020. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=GNESYdzry-g>. Acesso em: 10 out. 2021.

ORIGINAIS ARATU ON. Galinho: Um espetáculo junino desde 1989: Grupo Aratu.

Youtube, 7 abr. 2022. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=xNyy0z_hleI. Acesso em: 25 mar. 2023.

PAPO MUSICAL. Azaza conversa hoje com Lindivaldo Campos. **Facebook**, 27 fev.

2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/watch/?v=405206886951972>.

Acesso em: 17 mar. 2023.

_____. O Papo Musical hoje tem a honra de conversar com Dojão do Nordeste.

Facebook, 25 jan. 2019. Disponível em:

<https://www.facebook.com/watch/?v=529340230809401>. Acesso em: 24 jul. 2023.

APÊNDICE A - Roteiro das Entrevistas**ROTEIRO - ENTREVISTA NARRATIVA**

Nº da entrevista: _____

Local: _____

Data: ___ / ___ / ___

Início: _____ Término: _____

DADOS DO ENTREVISTADO

Nome: _____ Idade: _____

Endereço: _____

Profissão: _____ Formação: _____

QUESTÃO GERATIVA DE NARRATIVA

Poderia falar sobre a origem e a história da quadrilha a qual o (a) senhor (a) foi presidente. Saiba que tudo que foi importante para você também será de grande importância para mim.

Pode utilizar o tempo que for necessário para contar sua trajetória com o grupo, estou à disposição para ouvi-lo.

APÊNDICE B - Termos de Autorização e Livre Consentimento

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu, Almi Velos, Estado Civil Casado,
 RG Nº 02.755.79641 / CPF Nº 065.610.805-30
 Endereço: Rua Rio Amazonas nº 110 CIA I
Simões Filho, AUTORIZO

a utilização das informações por mim fornecidas, como o uso de: nome, fotografia(s), entrevista(s), relato(s), imagem(s), documento(s), objeto(s), e acessório(s) para que possa ser aplicada a Dissertação de Mestrado desenvolvida pela aluna **Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição**, portadora do RG nº 0967472504, inscrita no CPF nº 816.109.045-91, intitulada: **Val Começar o Arraiá que se apresentem as quadriilhas: As quadriilhas Juninas e seu desaparecimento – Um estudo de caso no Município de Simões-Filho Região Metropolitana de Salvador**, a ser apresentada ao PPGMUSEU – Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, além de outros produtos que possam vir a surgir a partir desta dissertação, como a publicação de livros, artigos, folhetos em geral, anúncio ou entrevistas de jornais e revistas de grande e pequena circulação, vídeos, podcast, dentre outros, podendo ser divulgada ao público em geral. A realização desta dissertação servirá para a preservação da história, registro da memória, valorização da cultura local, apoio à educação, dentre outros. A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo as informações fornecidas serem utilizadas no território nacional e internacional.

AUTORIZO, conforme descrito acima, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos ou a qualquer outro motivo, autorizo a publicação de minha imagem pra fins acadêmicos em canais diversos e cado os direitos de minha entrevista, gravada nesta data, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros para fins acadêmicos e assino a presente autorização.

Simões Filho, 15 de Setembro de 2021.
Almi Velos
 ASSINATURA

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu, José Rodrigues Ferreira, Estado Civil Solteiro
 RG Nº 0182609502, CPF Nº 69814302500
 Endereço: Rua José Ananias Santos Nº 05
Cidade Celso - Simões Filho - BA, AUTORIZO

a utilização das informações por mim fornecidas, como o uso de: nome, fotografia(s), entrevista(s), relato(s), imagem(s), documento(s), objeto(s), e acessório(s) para que possa ser aplicada a Dissertação de Mestrado desenvolvida pela aluna **Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição**, portadora do RG nº 0967472504, inscrita no CPF nº 816.109.045-91, intitulada: **Vai Começar o Arralá que se apresentem as quadrilhas: As quadrilhas Juninas e seu desaparecimento – Um estudo de caso no Município de Simões-Filho Região Metropolitana de Salvador**, a ser apresentada ao PPGMUSEU – Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, além de outros produtos que possam vir a surgir a partir desta dissertação, como a publicação de livros, artigos, folhetos em geral, anúncio ou entrevistas de jornais e revistas de grande e pequena circulação, vídeos, podcasts, dentre outros, podendo ser divulgada ao público em geral. A realização desta dissertação servirá para a preservação da história, registro da memória, valorização da cultura local, apoio à educação, dentre outros. A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo as informações fornecidas serem utilizadas no território nacional e internacional.

AUTORIZO, conforme descrito acima, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos ou a qualquer outro motivo, autorizo a publicação de minha imagem pra fins acadêmicos em canais diversos e cedo os direitos de minha entrevista, gravada nesta data, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros para fins acadêmicos e assino a presente autorização.

Cidade Celso/Simões Filho de outubro de 2021
José Rodrigues Ferreira (AZAZA)
 ASSINATURA

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu LINDINALDO RIBEIRO SILVA Estado Civil CASADO
 RG Nº 293231850 CPF Nº 49109342573
 Endereço: RUA JOSÉ LUIZ MENEZES, 24, BARRAGEM
NOVO SINCOS FILHO - BA AUTORIZO

a utilização das informações por mim fornecidas, como o uso de nome, fotografia(s), entrevista(s), relato(s), imagem(s), documento(s), objetos, e acessório(s) para que possa ser aplicada a Dissertação de Mestrado desenvolvida pela aluna Josaneide Figueiredo Pinho da Conceição, portadora do RG nº 0987472504, inscrita no CPF nº 816.108.245-01, intitulada: Vai Começar o Arraiá que se apresentem as quadrilhas! As quadrilhas Juninas e seu desaparecimento – Um estudo de caso no Município de Sincos-Filho Região Metropolitana de Salvador, a ser apresentada ao PPGMUSEU – Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, além de outros produtos que possam vir a surgir a partir desta dissertação, como a publicação de livros, artigos, folhetos em geral, artigos ou entrevistas de jornais e revistas de grande e pequena circulação, vídeos, podcasts, dentre outros, podendo ser divulgada ao público em geral. A realização desta dissertação servirá para a preservação da história, registro da memória, valorização da cultura local, apoio à educação, dentre outros. A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo as informações fornecidas serem utilizadas no território nacional e internacional.

AUTORIZO, conforme descrito acima, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos ou a qualquer outro motivo, autorizo a publicação de minha imagem pra fins acadêmicos em canais diversos e cedo os direitos de minha entrevista, gravada nesta data, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros para fins acadêmicos e assim a presente autorização

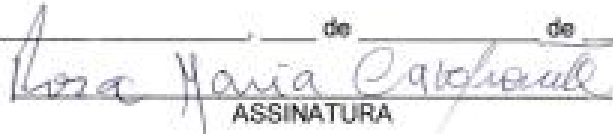
S. Filho 20 de setembro de 2021
[Assinatura]
 ASSINATURA

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu, Rosa Maria Carvalho, Estado Civil Desolteira,
 RG Nº 930.686, CPF Nº 082.87813529
 Endereço: _____

_____, AUTORIZO a utilização das informações por mim fornecidas, como o uso de: nome, fotografia(s), entrevista(s), relato(s), imagem(s), documento(s), objeto(s), e acessório(s) para que possa ser aplicada a Dissertação de Mestrado desenvolvida pela aluna **Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição**, portadora do RG nº 0967472504, inscrita no CPF nº 816.109.045-81, intitulada: **Vai Começar o Arraiá que se apresentem as quadrilhas: As quadrilhas Juninas e seu desaparecimento – Um estudo de caso no Município de Simões-Filho Região Metropolitana de Salvador**, a ser apresentada ao PPGMUSEU – Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, além de outros produtos que possam vir a surgir a partir desta dissertação, como a publicação de livros, artigos, folhetos em geral, anúncio ou entrevistas de jornais e revistas de grande e pequena circulação, vídeos, podcasts, dentre outros, podendo ser divulgada ao público em geral. A realização desta dissertação servirá para a preservação da história, registro da memória, valorização da cultura local, apoio à educação, dentre outros. A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo as informações fornecidas serem utilizadas no território nacional e internacional.

AUTORIZO, conforme descrito acima, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos ou a qualquer outro motivo, autorizo a publicação de minha imagem pra fins acadêmicos em canais diversos e cedo os direitos de minha entrevista, gravada nesta data, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros para fins acadêmicos e assino a presente autorização.

_____, de _____ de _____

 ASSINATURA

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu, Lucy dos Santos Santos Estado Civil casada
 RG Nº 1832646 29 CPF Nº 36670820591
 Endereço Rua Monteiro Lobato 308 C/A 1 Simões
Salvador - Bahia AUTORIZO

a utilização das informações por mim fornecidas, como o uso de: nome, fotografia(s), entrevista(s), relato(s), imagem(s), documento(s), objeto(s), e acessório(s) para que possa ser aplicada a Dissertação de Mestrado desenvolvida pela aluna **Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição**, portadora do RG nº 0867472504, inscrita no CPF nº 816.109.045-01 intitulada: **Vai Começar o Arraiá que se apresentam as quadrilhas: As quadrilhas Juninas e seu desaparecimento - Um estudo de caso no Município de Simões-Filho Região Metropolitana de Salvador, a ser apresentada ao PPGMUSEU - Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, além de outros produtos que possam vir a surgir a partir desta dissertação, como a publicação de livros, artigos, folhetos em geral, anúncio ou entrevistas de jornais e revistas de grande e pequena circulação, vídeos, podcast, dentre outros, podendo ser divulgada ao público em geral. A realização desta dissertação servirá para a preservação da história, registro da memória, valorização da cultura local, apoio à educação, dentre outros. A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo as informações fornecidas serem utilizadas no território nacional e internacional.**

AUTORIZO, conforme descrito acima, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos ou a qualquer outro motivo, autorizo a publicação de minha imagem pra fins acadêmicos em canais diversos e cedo os direitos de minha entrevista, gravada nesta data, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros para fins acadêmicos e assino a presente autorização.

Lucy dos Santos Santos 27 de setembro de 2021
Lucy dos Santos Santos
 ASSINATURA

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu, VALTEGILIO-M-SERAS, Estado Civil DIVORCIADO
 RG Nº _____, CPF Nº 065-106-125-34
 Endereço: VISCONDE-BARBARERA-HOZA-LASA
R-07 GIATI SIMOES FILHO-BA, AUTORIZO a utilização das informações por mim fornecidas, como o uso de: nome, fotografia(s), entrevista(s), relato(s), imagem(s), documento(s), objeto(s), e acessório(s) para que possa ser aplicada a Dissertação de Mestrado desenvolvida pela aluna **Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição**, portadora do RG nº 0957472504, inscrita no CPF nº 816.109.045-91, intitulada: **Vai Começar o Arraiá que se apresentem as quadrilhas: As quadrilhas Juninas e seu desaparecimento – Um estudo de caso no Município de Simões-Filho Região Metropolitana de Salvador**, a ser apresentada ao PPGMUSEU – Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, além de outros produtos que possam vir a surgir a partir desta dissertação, como a publicação de livros, artigos, folhetos em geral, anúncio ou entrevistas de jornais e revistas de grande e pequena circulação, vídeos, podcast, dentre outros, podendo ser divulgada ao público em geral. A realização desta dissertação servirá para a preservação da história, registro da memória, valorização da cultura local, apoio à educação, dentre outros. A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo as informações fornecidas serem utilizadas no território nacional e internacional.

AUTORIZO, conforme descrito acima, sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos ou a qualquer outro motivo, autorizo a publicação de minha imagem pra fins acadêmicos em canais diversos e cedo os direitos de minha entrevista, gravada nesta data, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros para fins acadêmicos e assino a presente autorização.

SIMÕES-FILHO, 30 de NOVEMBRO de 2021

Valtegilio Mathy Seras
 ASSINATURA

TERMO DE LIVRE CONSENTIMENTO

Eu VALTER SANTOS MOURA Estado Civil DESQUITADO

RG Nº 0200998510, CPF Nº 45399050529

Endereço: Rua de São Paulo, 169 Centro - Simões Filho BA

_____, AUTORIZO a utilização das informações por mim fornecidas, como o uso de: nome, fotografia(s), entrevista(s), relato(s), imagem(s), documento(s), objeto(s), e acessório(s) para que possa ser aplicada a Dissertação de Mestrado desenvolvida pela aluna Joseneide Figueiredo Pinho da Conceição, portadora do RG nº 0967472504, inscrita no CPF nº 816.109.045-91, intitulada: Vai Começar o Arralá que se apresentem as quadrilhas: As quadrilhas Juninas e seu desaparecimento – Um estudo de caso no Município de Simões-Filho Região Metropolitana de Salvador, a ser apresentada ao PPGMUSEU – Programa de Pós-Graduação em Museologia da Universidade Federal da Bahia, além de outros produtos que possam vir a surgir a partir desta dissertação, como a publicação de livros, artigos, folhetos em geral, anúncio ou entrevistas de jornais e revistas de grande e pequena circulação, vídeos, podcast, dentre outros, podendo ser divulgada ao público em geral. A realização desta dissertação servirá para a preservação da história, registro da memória, valorização da cultura local, apoio à educação, dentre outros. A presente autorização é concedida a título gratuito, podendo as informações fornecidas serem utilizadas no território nacional e internacional.

AUTORIZO conforme descrito acima sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos ou a qualquer outro motivo, autorizo a publicação de minha imagem pra fins acadêmicos em canais diversos e cedo os direitos de minha entrevista, gravada nesta data, para ser usada integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo a sua audição e o uso das citações a terceiros para fins acadêmicos e assino a presente autorização.

Simões Filho, 25 de 11 de 2021

ASSINATURA

APÊNDICE C - Resumo de fotos cedidas

PRESIDENTE/ REPRESENTANTE	APRESENTAÇÃO/EVENTO/LOCAL	ANO¹⁵⁰	FOTOS CEDIDAS
Valtércio Seixas Grupo Balão Mágico	1º Aniversário da Balão Mágico (Simões Filho)	1983	10 unid.
	Concurso CIA II (Simões Filho)	1984	
	Concurso no SESI (Simões Filho)	1991	
	Clube dos Rodoviários (Salvador)	1997	
	Ao Pé da Fogueira (Salvador)	1997	
Almir Teles Grupo Bem Me Quer/ Foguetão	Concurso Conselho de Moradores (Simões Filho)	1984	08 unid.
	Concurso Largo do CIA II (Simões Filho)	1984	
	Praça da Bíblia (Simões Filho)	1984	
	Concurso Largo do CIA II (Simões Filho)	1989	
	Concurso no Conde (São Francisco do Conde)	1990	
	Concurso de Feira (Feira de Santana)	1997	
	Concurso no SESI (Simões Filho)	1987	
Rosa Cavalcante Grupo Xodózinho	Brincante: Carla / Arraiá do Galo (Salvador)	1986	05
	Ao Pé da Fogueira (Salvador)	1989	
	Arraiá do Galo (Salvador)	1989	
Rosy Coelho Grupo Forró do CIA	Ao Pé da Fogueira / Forró do Cia (Salvador)	*	05
	Concurso Concelho de Moradores (Simões Filho)	*	
	Dorjão e Sua Gente	*	
	Conselho de Moradores (Simões Filho)	*	
	Concurso Arraiá da Capitá (Salvador)	1997	
Bem Me Quer / Infantil (Salvador)	*		
Idalina (Dadá) Grupo Ká Pra Nós	Concurso Arraiá do Galinho (Salvador)	*	01
Lindivaldo Campos Grupo Tempero Junino	Concurso de Quadrilha Junina Condomínio João Filgueiras Simões Filho	1992	03
Valter Mangabeira Em Cima da Hora/ Em Ciminha da Hora	Associação Obras Sociais Irmã Dulce (Simões Filho)	1987	10
	Concurso Arraiá da Capitá (Salvador)	-	
	Concurso Arraiá do Galo (Salvador)	1991	
TOTAL DE FOTOS CEDIDAS: 42			

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

¹⁵⁰ Em alguns casos, os entrevistados não conseguiram lembrar, com precisão, dos anos em que as fotografias foram tiradas, do local onde estes eventos aconteceram e qual foi o evento. Para esses casos, fizemos uso do sinal (*), para sinalizar essa questão no quadro. As demais fotografias tinham, em seu verso, esses registros ou os entrevistados informaram durante as conversas.

APÊNDICE D - Relevância das quadrilhas juninas para a história do município

ALMIR TELES

Relato: Assim, com relação a ser um cidadão de Simões Filho né, essa cultura no município, é, voltasse, é pros jovens, é, gostasse né.

Comentário: Almir Teles vê a quadrilha junina como algo bom e positivo para os jovens e para a cultura local do município e gostaria que elas fossem continuadas. Por ser hoje um cidadão evangélico, cuja sua doutrina não permite a participação nesse tipo de atividade, opina apenas como um cidadão comum.

Sua fala remete à questão da preservação/transmissão cultural como uma prática de cidadania....

CARLA CAVALCANTE

Relato 1: Era uma coisa que você não via bebida, você não via droga, não via, criança não ficava na rua, é, porque o tempo que elas poderiam estar nas ruas, elas estavam ensaiando quadrilhas, então, vamos dizer, a gente começava em fevereiro, fevereiro, março, abril, maio começava as apresentações, julho terminava.

Tem uma certa importância social.

Relato 2: Na quadrilha, você tinha isso, você aprendia a ter o respeito com o outro então, [...] é ajudava muito, um adolescente, um jovem [...]. A gente tinha um jovem, numa quadrilha de adulto, que ele, desde de novinho, ele tinha envolvimento com droga, mas naquele momento em que ele estava ali com a gente ele não usava, sabe.

Tem importância como atividade cultural para a comunidade.

Relato 3: A gente saía pedindo nas portas para que a gente pudesse ajudar aquela outra pessoa, que pudesse fazer tudo, envolvia tudo, a gente se tornava uma família, existia uma família ali, era a família Xodózinho.

Há uma ligação entre Espírito de coletividade/comunidade, por meio do patrimônio.

Relato 4: Porque você tinha um aprendizado, de outras culturas¹⁵¹, vamos dizer, quando a gente dançou São João na Espanha, a gente fazia uma apresentação de uma dança da Espanha, entendeu, no meio da coreografia. Então, era saber, você tinha que saber a cultura da Espanha, então você tinha outras culturas. Você tinha uma formação, porque você começava a dançar quadrilha, depois você resolvia ser coreógrafo.

A quadrilha junina como instrumento de formação e aprendizado.

Comentário: Nessa narrativa, é possível perceber quanto o envolvimento com as quadrilhas juninas depende de um bom período de tempo dedicado pelos seus participantes e isso contribuía de forma significativa, principalmente para crianças e jovens, que preenchiam boa parte do seu tempo estando em atividade, e isso os afastava, de certa forma, de ter tempo livre para estarem vulneráveis e se envolverem com outras atividades que pudessem não lhes fazer bem, a exemplo: envolvimento com drogas, álcool, entre outros. É perceptível a presença do cuidado com o outro. É possível fazer o outro se entreter, até mesmo de forma que venha a se esquecer, mesmo que momentaneamente, de vícios, podendo até fazer com que se sintam mais úteis quando em atividade com o grupo. Participar da quadrilha vai muito além de dançar, laços maiores de afetividades são passíveis de acontecer. A troca de experiências de diversificadas culturas para a exposição durante a dança é algo bastante comum, pois é praxe: pesquisar, e estudar para melhor poder apresentar e poder trazer novidades ao público.

Desenvolve uma ligação, um certo tipo de pertencimento.

ROSY COELHO

Relato: Eu acho que a quadrilha é um meio social que centraliza alguns jovens e evita que eles estejam soltos, dissociado e que eles se sintam pertencente. A quadrilha tem essa função. A outra função da quadrilha, que eu penso que é muito importante, é o movimentar social e econômico, do

¹⁵¹ Ambiente híbrido.

lugar que ela pertence, né. E, no nosso caso, a gente já estava fazendo pesquisa. O último tema que a gente tentou fazer foi Katira. Então, a gente já tava fazendo pesquisa. O que hoje se faz, a Forró do Cia já fazia lá naquele tempo; levava um tema pesquisado.

O que envolve informação e formação.

Comentário: Assim como nas narrativas de Carla Cavalcante e de Almir Teles, a participação dos jovens nos grupos de quadrilhas é vista como algo bastante positivo, pois esse é um ambiente que propicia o seu envolvimento em uma atividade, podendo, dessa forma, ocupar boa parte do seu tempo, propicia também sua inclusão e pertencimento em uma atividade cultural local. A presença do grupo pode colaborar com o crescimento social e econômico em uma dada localidade, pois, pode, por meio dessa, atrair o turismo, ascender o giro comercial, agregar novos conhecimentos e incentivar novas formações no ramo das artes, dança, música...

Contribui com o desenvolvimento social.

JOSÉ RODRIGUES (AZAZA)

Relato 1: Para mim, [...] ela era uma ação social, uma brincadeira, [...] é, se você está brincando, sabe, você está construindo uma ação social, porque nós conseguimos tirar da rua muitos jovens e, eu vou dizer a você ainda aquele problema durante a quadrilha, ninguém engravidou, não apareceu nenhuma menina grávida. Eu dizia mesmo, chamava e dizia, olhe, está gostando? Tá. Agora não se deixe engravidar, [...] nós não tivemos problemas com gravidez indesejada.

Espaço de interação e sociabilidade, auxilia no combate em relação a determinados problemas sociais.

Relato 2: Nós, não tínhamos problemas com droga [...], graças a Deus, nunca tivemos. A gente tinha aqui, uns quatro meninos, que eram usuários e que alguns pais, chegaram a chamar a atenção [...]. Um dia, que, alguém teve aqui, eu acho, que foi, quando a gente foi, para Paulo Afonso. Ele vai levar droga. Aí eu fiz assim. E vai? Eu fiquei numa situação horrível, sabe. Me disseram, que você está levando drogas, que a gente vai passar a noite lá e que você não vai ficar lá, sem droga. Ele, chegou aqui, no meio da sala, da casa de baixo, aqui, na sala. Tava, eu, e a vizinha, que assustou: Ô meu Deus! Porque ele tirou a roupa, ficou nu, como nasceu. Aí, ele fez assim. Estou fazendo isso, não é ousadia com vocês não, viu; ele fazia assim, oi, ele pagava a calça, balançava, a cueca, balançando, tudo, ele ficou nu, aquele homão, nu, na frente da gente. E pegou a mochila, jogou pra mim, e fez: pode despejar no chão. Aí, peguei, fiquei assim, olhando para ele, sério. Ao contrário, ele nunca cometeu nada. Eu vou dizer para você, tipo assim: Ao Pé da Fogueira, pode dizer, Ao Pé da Fogueira, quando acabava de dançar, o pessoal quer se divertir; ele colava no meu pé. Eu, vá menino pelo amor de Deus, eu liberava ele. Eu posso ir. Eu dizia pode. [...] Ele era pra mim um dos melhores meninos daquele meio. Eu vejo, hoje, que essa diversão, ela também teve esse lado, o lado social, né.

Comentário: Também muito próximo dos demais relatos. O cuidado com o jovem é um dado marcante presente nos relatos desses líderes. Outro ponto importante apresentado nessa fala é a confiança que, muitas das vezes, precisa ser dada ao outro, a oportunidade do outro mostrar que consegue, que pode ser diferente daquilo que parece ser. A sensibilidade com os problemas enfrentados, geralmente, pelos jovens, como as drogas, a gravidez indesejada, o alcoolismo etc. são questões encontradas e tratadas por esses líderes com bastante sensatez e atenção.

Isso mostra a importância da prática das quadrilhas para o enfrentamento de determinados problemas sociais.

VALTER MANGABEIRA

Relato 1: Em primeiríssimo lugar, o trabalho social. O trabalho social que uma quadrilha junina faz não dá para mensurar. Você vê esse resultado a médio prazo, não é de um ano pro outro, mas a curto prazo você já vê os efeitos. Todos os componentes que entram na quadrilha junina, todos os componentes, eles melhoram as notas e melhoram o comportamento. Claro, isso vai depender do líder. O líder tem que ter responsabilidade suficiente pra poder conduzir os jovens, mas eles fazem qualquer coisa para não sair da quadrilha junina, porque eles começam a amar esse trabalho, e aí sua nota depende da sua permanência. Não tenha dúvida que é o trabalho social de você salvar os jovens de um possível envolvimento com coisas erradas.

Importância/instrumento de desenvolvimento social.

Relato 2: E o segundo é a manutenção da cultura né. A tradição da cultura junina.

Importância da preservação da cultura

Comentário: Também com um viés de cunho social, a participação com o grupo é um meio onde pode acontecer a possibilidade de uma transformação social entre seus componentes, que pode interferir positivamente, de certa forma, em seu aprendizado, conduta e papel social. Também favorece o afastamento dos jovens de certos vícios, como já dito antes. Outro ponto forte de relevância é que as quadrilhas juninas contribuem para o fortalecimento da continuidade da cultura junina.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

APÊNDICE E - Os grupos juninos cessam as atividades

ALMIR TELES

Relato: Não, era para acabar isso não, mas sabe o que, entenda bem o ponto de vista, a prefeitura tem dinheiro, não apoia se não quiser, [...], ele podia ajudar todas as quadrilhas, pra não acabar isso, não acabar essa cultura, entendeu? Mas ele, o pensamento dele é diferente, o que que vai fazer? O pessoal foi deixando né? É aquela dificuldade, aí foi terminando. Dificuldade, do transporte né, ônibus, é. Quando parte para outro lugar, um interior longe eles não gostam de dar o transporte. *Necessidade de uma política pública para apoiar esse tipo de atividade cultural. Não tem como sobreviver sem o apoio do Estado e a partir do modelo do concurso.*

Comentário: Almir Teles aponta alguns fatores que, em sua visão, mais motivaram o enfraquecimento e a desistência do grupo: falta de apoio dos gestores do município, saída e desistência dos brincantes, dificuldades de meios de locomoção para levar o grupo para as apresentações.

ROSA CAVALCANTE

Relato 1: Falta de apoios dos próprios pais dos participantes, porque quando é adulto, se vira, adulto trabalha, adulto faz uma coisa ou outra. Carla, no caso, ela já era uma mocinha, tinha que se virar para conseguir o dinheiro, fazer uma rifa, cada um fazia uma coisa, mas criança, quem tinha que conseguir era os pais, ou a gente com rifa, com bingo, ou com o que for. *A comunidade tem dificuldades para sustentar as quadrilhas.*

Relato 2: Só deixei a Xodózinho de, de, de levar em frente a Xodózinho por falta de apoio de: moradores, dos políticos, dos donos de empresa. Eu não tinha mais como conseguir arrumar a quadrilha.

Comentário: Para Rosa Cavalcante, um dos pontos principais para o enfraquecimento do grupo foi a falta de apoio, principalmente dos pais, mas também da comunidade, dos gestores públicos e das empresas.

CARLA CAVALCANTE

Relato: Tem esse negócio também, tanto que, você vê, as quadrilhas de Simões Filho; tinha quadrilhas e quadrilhas, pra chegar até as semifinal, era o maior problema, porque as quadrilhas de nome, já tomava conta.

Comentário: Carla Cavalcante percebia que as quadrilhas com menor porte não conseguiam chegar à final, pois, as que conseguiam ganhar as finais dos campeonatos, eram as quadrilhas que tinham patrocínio e apoio.

LINDIVALDO CAMPOS

Relato 1: Mas o que que levou essas quadrilhas a parar né a gente sabe que, que o fazer cultura né, sem investimento [...] e por falta de apoio do poder público [...] há uma dificuldade de conseguir no setor privado né e o poder público né, não chegava junto, digamos assim, não fazia a sua parte.

Relato 2: Conseguia alguns metros de tecidos, ou então conseguia o dinheiro que dava para comprar o chapéu, e conseguir o dinheiro para conseguir ajudar na confecção, na costureira né, e para pagar os sanfoneiros, como é que ficava? Os sanfoneiros não ficavam de graça, porque eles também estavam trabalhando. [...] você paga a ele para ir para os ensaios [...] ir pra uma apresentação custava um pouco mais caro [...], mas era algo que era destaque, né, [...] a responsabilidade era maior. Essas somas de dificuldades levaram, eu creio, que foi que levaram as quadrilhas, é, a extinção. Infelizmente, a palavra é essa, a extinção. Porque hoje, nos últimos anos, não existe nenhuma quadrilha mais, sabe. Lamentável, porque era algo, que era muito presente, e ela se perdeu de um período pra cá.

Comentário: O que fica claro na exposição de Lindivaldo sobre os reais motivos que ele acredita terem contribuído com o enfraquecimento dos grupos foram: a falta de apoio do poder público; a falta de recursos; e os altos custos com banda para animar o grupo nas apresentações.

ROSY COELHO

Relato 1: A quadrilha não queria acabar e não iria acabar, o que fez a quadrilha acabar foi a **falta de investimento**, porque ficou muito oneroso pra quem tinha quadrilha pra custear [...]. Os sanfoneiros, começaram a entender que a quadrilha não podia dançar sem eles e começaram a subir os custos [...]. Teve pessoas que pediram patrocínio e não reverteram para a quadrilha, e gastaram o dinheiro, ainda me disseram.

Relato 2: E o segundo fator que, que, que foi mais preponderante ainda, foi a política de negação que se instaurou na cidade que um prefeito chegou para mim e eu fui fala com ele. Ele: - Professora, me peça o que a senhora quiser, só não me fale de quadrilha, viu? Porque quadrilha não dá voto a ninguém, não elege ninguém, e eu não vou gastar um centavo com quadrilha.

Houve falta de compreensão dos representantes políticos da importância das práticas culturais para o município.

Relato 3: Mas o ponto fundamental foi verba, porque se tinha uma secretaria de educação e cultura era mais fácil eles ter feito isso, mas como o prefeito disse que não tinha interesse, o secretário jamais ia bater de frente, até porque ele não era secretário de cultura, ele era secretário de educação e cultura, que educação que era o mais interessante.

Comentário: Os fatores em destaque, explicitados por Rosy Coelho, foram: a centralização da premiação; a dificuldade de patrocínio e financiamento; o gerenciamento dos recursos recebidos; aumento dos custos para as apresentações. Além da falta de recursos (verba), os custos, com os itens necessários, ficavam cada vez mais caros. Segundo Rosy, os grupos que ganhavam as competições eram sempre os da capital baiana, e, geralmente, eram quase sempre os mesmos grupos. Houve também dispersão dos recursos adquiridos para o grupo, no caso, alguns membros do grupo receberam e desviaram.

Houve corrupção, era preciso ter acompanhamento.

VALTER MANGABEIRA

Relato 1: As quadrilhas juninas tiveram um período de ouro que foi [...] no governo da ditadura militar. Simões Filho sempre foi uma área de segurança nacional. [...] na época que pegavam as cidades mais ricas e colocavam, como é, área de segurança nacional, então automaticamente o prefeito era indicado, não tínhamos o direito de dizer quem era o nosso prefeito, com isso, o dinheiro todo ia pra eles. Enfim, era uma armação e a nossa cidade era uma área de segurança nacional, e o prefeito daqui nós não elegíamos. Por 11 anos, o prefeito daqui foi indicado, foi Jonga Simões [...] e Jonga podia fazer o que ele quisesse pelas quadrilhas juninas, então [...], era assim, a gente ia, eu ainda peguei um pouco disso, lá no iníciozinho da Em Cima da Hora. Nós íamos numa loja tipo, sei lá, feirão dos tecidos, loja tal. As quadrilhas todas podem ir pra lá e pegar o que quiser. Então, nós entrávamos em uma loja, [...] a gente pegava toneladas de tecido [...] e dez quadrilhas ou doze, ou quinze, ou quantas fossem, encostavam e pagava o que quisesse, então por, aí é bom fazer quadrilha junina. Aí tínhamos transporte e etc. e tal. Com o passar do tempo, a Lei de responsabilidade fiscal foi apertando a gestão pública e a cidade. [...] O número de apoio pra quadrilha junina caiu, bruscamente. A gente não conseguia absolutamente nada na prefeitura. Então você fazer um trabalho que é social, com jovens pobres da cidade, é, ah, jovem humildes, não, pobre mesmo, não tinha dinheiro nenhum e da cidade e você, presidente, se acabando pra conseguir fazer rifa, botar os meninos em pedágios, fazer tudo pra poder botar uma quadrilha junina e representar o

município e o município não dá nada em troca, nada. Porque, aí minha amiga sem apoio fica difícil. Aí foi uma quadrilha terminando atrás da outra, porque não tinha apoio, absolutamente, apoio nenhum. Até hoje, ninguém dá apoio nenhum a cultura.

Comentário: As quadrilhas juninas tinham um grande apoio por parte da prefeitura do município durante a gestão do então prefeito Jonga, segundo a visão de Mangabeira. De repente, numa mudança de paradigmas na gestão política, esse apoio é totalmente retirado dos grupos que já contavam com isso. Essa política de negação aproxima-se muito do desabafo relatado por Rosy Coelho, logo acima.

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

ANEXO A - Regulamento das Quadrilhas Juninas (1989)

O regulamento

Itens a serem avaliados:

1. Pontualidade
 - Todas as quadrilhas deverão estar prontas, 1 (uma hora) antes da apresentação da primeira quadrilha do evento.
 - Cada quadrilha terá 15' (quinze minutos) para a sua apresentação individual.
 - O cronômetro começa a contar os 15' a partir da chamada da quadrilha.
 - O não comparecimento da mesma na hora certa, ou seja, na hora da chamada, automaticamente implicará em desclassificação.
 - Existirá um sistema de bandeiras, na qual:
 - Bandeira verde — será hasteada no momento da chamada, começando assim a exibição da quadrilha.
 - Bandeira amarela — será hasteada passados os 10 primeiros minutos, ou seja, faltando 5' para o término.
 - Bandeira vermelha — será hasteada no 14' minutos de apresentação da quadrilha.
 - Passados os quinze minutos a quadrilha será automaticamente desclassificada.
2. Composição
 - Será obrigatório o uso do crachê.
 - Será permitido no mínimo 18 pares dançantes.
 - A quadrilha terá obrigatoriedade de ter um marcador.
 - Fica a critério da quadrilha o número dos seus músicos, sua banda.
 - Só será permitida a permanência no palco, das pessoas que estiverem ligadas à exibição da mesma.
3. Evolução — (Coreografia)
 - Será avaliado o tempo, espaço, ritmo e criatividade coreográfica.
4. Música — (Musicalidade)
 - As músicas poderão ser inéditas ou populares.
 - Será avaliado também a letra, caso tenha.
5. Figurino
 - Será avaliado neste item a originalidade e a criatividade do mesmo.
6. Animação
 - O gracejo e a naturalidade dos componentes, a empolgação e a vibração da quadrilha serão avaliados.

OBS.: Em todos os itens acima relacionados deverá constar o folclore projetado, ou seja, a essência realmente de uma quadrilha.

PREMIAÇÃO

1º lugar.....	NCz\$2.800,00
2º lugar.....	NCz\$1.500,00
3º lugar.....	NCz\$1.000,00
4º lugar.....	NCz\$ 700,00
5º lugar.....	NCz\$ 500,00
— Melhor marcador.....	NCz\$ 500,00
— Melhor conjunto.....	NCz\$ 500,00
—	
— Cachê campeã p/apresentação do dia 25/06.....	NCz\$ 500,00

* Com respectivos troféus



Evoluções novas e bem ensaiadas são um ponto importante

Fonte: A Tarde, 17 jun. 1989. Página Suplementar Especial